

2.º CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

Subjetividade e o ChatGPT: o *eu* na geração de texto de uma Inteligência Artificial Generativa.

Natali Cristina da Silva Segatelli

M

Ano 2024



Natali Cristina da Silva Segatelli

Subjetividade e o ChatGPT: o *eu* na geração de texto de uma Inteligência Artificial Generativa.

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Maria Alexandra de Araújo Guedes Pinto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ano 2024

À Gedalva, por revelar universos que se abrem com as palavras e inspirar a curiosidade em enxergar o que se busca ver, mantendo abertura para descobrir o inimaginável.

Sumário

Declaração de honra	6
Agradecimentos	7
Resumo	8
Abstract	9
Índice de Figuras	10
Índice de Tabelas	11
Lista de abreviaturas e siglas	12
Introdução	13
1. Enquadramento Teórico	16
1.1. Subjetividade	16
1.1.1. Subjetividade linguística em Benveniste - a díade <i>eu-tu</i> e a intersubjetividade	16
1.1.2. Marcadores linguístico-discursivos da subjetividade	20
1.1.3. Sujeito e subjetividade em Foucault - práticas de poder, de conhecimento e de si	22
1.1.4. O sujeito bakhtiniano e a subjetividade	25
1.1.5. A visão de Lacan sobre sujeito e subjetividade	28
2. Inteligência Artificial	32
2.1. Inteligência Artificial antes de Generativa	32
2.2. ChatGPT: uma Inteligência Artificial Generativa	35
2.3. Riscos e limitações da IA Generativa	38
2.4. Chat: gênero digital de conversação	40
3. Metodologia	42
3.1. <i>Corpus</i> e análise de conteúdo	42
3.2. Inquérito	45
4. Discussões e Resultados	47
4.1. Análise do texto gerado pelo ChatGPT	47
4.2. ChatGPT na posição do <i>eu</i>	60
4.3. ChatGPT variando a posição do <i>eu</i>	68
4.4. Percepções sobre os textos gerados pelo ChatGPT (inquérito)	71
4.5. Percepções sobre a descrição autobiográfica do ChatGPT (inquérito)	72
4.6. Percepções sobre argumentação e o ChatGPT (inquérito)	75

4.7. Percepções sobre narrativa pessoal e férias do ChatGPT (inquérito)	78
4.8. Percepções sobre o ChatGPT no papel de uma mulher (inquérito)	82
4.9. Percepções sobre o ChatGPT no papel de um homem (inquérito)	86
4.10. Percepções sobre o ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária (inquérito)	91
5. Considerações Finais	97
6. Referências Bibliográficas	102
7. Anexos	105
7.1. Interações com o ChatGPT	105
7.2. Inquérito	110

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de partes da presente dissertação, encontrando-se todas as interações (*prompts* e respostas) transcritas em anexo.

Porto, 2024

Natali Cristina da Silva Segatelli

Agradecimentos

Aos meus familiares e amigos, por incentivarem e respeitarem os meus momentos de indisponibilidade. Em especial, à Thaís, por tanto e por tudo.

À Professora Alexandra, minha orientadora, pela disponibilidade em compartilhar conhecimento.

Aos demais Professores e aos colegas, pelos ensinamentos e por tantas trocas e momentos de aprendizado.

Resumo

Esta dissertação investiga a subjetividade em textos gerados pelo ChatGPT, uma Inteligência Artificial Generativa (IAG), a partir das perspectivas teóricas sobre subjetividade de Benveniste (1976 e 1989), Foucault (1976 e 2014 [1980-1981]), Lacan (1966, 1970 e 1998) e Bakhtin (1979, 2010 [1986], 2015 [1963], 2015 [1979], 2016, 2018 [1937-1939] e 2019 [1943]). Analisando a posição do *eu* e os marcadores linguístico-discursivos relacionados à subjetividade, o estudo revela que, apesar de o ChatGPT ocupar a posição do *eu* e usar deíticos, isso não confere subjetividade à máquina. Sendo assumidamente uma Inteligência Artificial, desprovida de subjetividade humana, o ChatGPT mimetiza um pseudosujeito, refletindo a programação da OpenAI, empresa criadora da tecnologia, e a base de dados usada para gerar textos com uma estruturação probabilística (Bender *et al.*, 2021).

No *corpus* analisado, composto por textos gerados pelo ChatGPT, percebe-se que a IAG simula o papel de sujeito, inclusive assumindo a posição de outros sujeitos, demonstrando que as interações humano-máquina são passíveis de uma variação potencialmente infinita do *eu* ocupado pela máquina. Adicionalmente, na análise do inquérito realizado com o *corpus*, percebe-se que, para alguns textos, as pessoas apontam uma escrita realizada pela IAG e, para outros, indicam um texto escrito por humano, variando o gênero de acordo com as opções. À luz disso, a dissertação conclui que, embora o ChatGPT seja capaz de gerar textos coesos e coerentes, a ausência de uma experiência humana profunda impede a manifestação da subjetividade, de acordo com as teorias consideradas no estudo, que transcorre sob as concepções das referidas perspectivas, incluindo fronteiras e cruzamentos. Logo, com base na tecnologia considerada na dissertação, a IAG não é capaz de criar linguagem de forma autônoma, visto que os textos são decorrentes de uma reorganização dos dados e sem intenção comunicativa.

Palavras-chave: subjetividade, Inteligência Artificial Generativa, ChatGPT

Abstract

This dissertation investigates subjectivity in texts generated by ChatGPT, a Generative Artificial Intelligence (GAI), from the theoretical perspectives about subjectivity of Benveniste (1976 and 1989), Foucault (1976 and 2014 [1980-1981]), Lacan (1966, 1970 and 1998) and Bakhtin (1979, 2010 [1986], 2015 [1963], 2015 [1979], 2016, 2018 [1937-1939] and 2019 [1943]). Analyzing the position of the self and the linguistic-discursive markers related to subjectivity, the study reveals that, although ChatGPT occupies the position of the self and uses deictics, this does not confer subjectivity to the machine. Being admittedly an Artificial Intelligence, devoid of human subjectivity, ChatGPT mimics a pseudo-subject, reflecting the programming of OpenAI, the company that created the technology, and a database used to generate texts with a probabilistic structure (Bender et al., 2021).

In the analyzed corpus, composed of texts generated by ChatGPT, it is clear that the GAI simulates the role of subject, including assuming the position of other subjects, demonstrating that human-machine interactions are subject to a potentially infinite variation of the self occupied by the machine. Additionally, in the analysis of the survey realized with the corpus, it is clear that, for some texts, people indicate writing by GAI and, for others, they indicate a text written by a human, varying gender according to the options. In light of this, the dissertation concludes that, although ChatGPT is capable of generating cohesive and consistent texts, the absence of a deep human experience prevents the manifestation of subjectivity, in accordance with the theories considered in the study, which takes place under the conceptions of the aforementioned perspectives, including borders and intersections. Therefore, based on the technology considered in the dissertation, GAI is not capable of creating language autonomously, since the texts are the result of a reorganization of data and without communicative intention.

Key-words: subjectivity, Generative Artificial Intelligence, ChatGPT

Índice de Figuras

FIGURA 1 - SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE NA INTERAÇÃO HUMANO-HUMANO	19
FIGURA 2 - SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE NA INTERAÇÃO MÁQUINA-HUMANO	63

Índice de Tabelas

TABELA 1.A - CHATGPT E DESCRIÇÃO AUTOBIOGRÁFICA	47
TABELA 2.A - CHATGPT E ARGUMENTAÇÃO SOBRE A TERRA SER PLANA	49
TABELA 3.A - CHATGPT E NARRATIVAS PESSOAIS SOBRE FÉRIAS	50
TABELA 3.B - CHATGPT NO PAPEL DE UMA MULHER - NARRATIVAS PESSOAIS SOBRE FÉRIAS	52
TABELA 3.C - CHATGPT NO PAPEL DE UM HOMEM - NARRATIVAS PESSOAIS SOBRE FÉRIAS	55
TABELA 3.D - CHATGPT NO PAPEL DE UMA PESSOA NÃO-BINÁRIA - NARRATIVAS PESSOAIS SOBRE FÉRIAS	57

Lista de abreviaturas e siglas

AI	ARTIFICIAL INTELLIGENCE
GAI	GENERATIVE ARTIFICIAL INTELLIGENCE
IA	INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL
IAG	INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA
LLM	LARGE LANGUAGE MODEL
LM	LANGUAGE MODEL
PLN	PROCESSAMENTO DE LINGUAGEM NATURAL

Introdução

O tema central desta dissertação, subjetividade, é estudado sob várias perspectivas. Para esta investigação, são eleitas as abordagens linguística, filosófica, antropológica e psicanalítica. A primeira refere-se à subjetividade como conceito basilar na teorização de Benveniste. O autor descreve o conceito de sujeito como efeito, uma consequência, do exercício da linguagem, assim como uma propriedade constituinte:

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de "ego". (Benveniste, 1976: 286).

A segunda abordagem refere-se ao processo dinâmico de constituição ambígua do sujeito como resultado de relações de poder, discursos e práticas, estabelecido por Foucault:

*[...] la subjectivité n'est pas conçue à partir d'une théorie préalable et universelle du sujet, elle n'est pas rapportée à une expérience originnaire ou fondatrice, elle n'est pas rapportée à une anthropologie qui aurait une valeur universelle. La subjectivité est conçue comme ce qui se constitue et se transforme dans le rapport qu'elle a à sa propre vérité. Pas de théorie du sujet indépendante du rapport à la vérité.*¹ (2014 [1980-1981]: 15).

Dando sequência, a terceira abordagem é a psicanalítica, na perspectiva lacaniana (Jacques Lacan) do sujeito como um efeito da linguagem, essencialmente ligado ao simbólico. Nas palavras do autor:

O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por este efeito, ele não é causa de si mesmo, ele traz dentro de si o verme da causa que o refende. Pois sua causa é o significante, sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas

¹ [...] a subjetividade não é concebida a partir de uma teoria prévia e universal do sujeito, não é referida a uma experiência originária ou fundadora, não é referida a uma antropologia que teria um valor universal. A subjetividade é concebida como aquilo que se constitui e se transforma na relação que tem com a sua própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade (tradução nossa).

o sujeito é o que este significante representa, e ele não poderia nada representar a não ser para outro significante, a que, desde então, se reduz o sujeito que escuta. (Lacan, 1966: 835).

Soma-se ainda a visão bakhtiniana do sujeito, na fronteira entre a filosofia e a linguística, definido pela sua unicidade irrepitível, sendo constituído por suas ações responsáveis e pela interação dialógica com o outro, o que enfatiza a alteridade como essencial para a formação da subjetividade, como explica Bakhtin:

Do meu lugar único, somente eu-para-mim-mesmo sou eu, enquanto todos os outros são outros para mim (no sentido emotivo-volitivo do termo). De fato o meu ato (e o sentimento como ato) se orienta justamente sobre o que é condicionado pela unicidade e irrepitibilidade do meu lugar. (2010 [1986]: 104).

As abordagens linguística, filosófica, antropológica e psicanalítica da subjetividade apresentam pontos de contato e divergências significativas. Em Benveniste, a subjetividade é uma consequência da linguagem, onde o *eu* se fundamenta na realidade linguística. Na percepção filosófica e antropológica, Foucault aponta a subjetividade como um processo dinâmico, moldado por relações de poder, discursos e práticas, enfatizando a transformação contínua da subjetividade em relação à verdade, o que se assemelha, parcialmente, ao sujeito na perspectiva bakhtiniana, que é descrito como único e insubstituível, moldado por suas interações com o outro e pelas responsabilidades que essas interações implicam. Em contrapartida, Lacan, na abordagem psicanalítica, também relaciona a subjetividade à linguagem, mas destaca que o sujeito é um efeito do significante, representando-se apenas para outro significante, implicando uma dependência intrínseca do simbólico.

Sobre as diferenças e semelhanças entre os autores supracitados, todos conectam a subjetividade à linguagem, mesmo que de maneiras distintas. Benveniste e Lacan aproximam-se ao definirem a linguagem como central na constituição do sujeito. Para Benveniste, o sujeito é um efeito da linguagem. Lacan também considera o sujeito como um efeito da linguagem, especificamente do significante. Para Bakhtin, a

subjetividade é formada pela interação dialógica e pela linguagem, que moldam e expressam o sujeito, que é definido pela sua unicidade e pelas relações com o outro. Foucault, embora não enfatize a linguagem de maneira isolada, vê a subjetividade como algo que se constitui através de discursos e práticas. Neste ponto, Foucault e Lacan se aproximam, pois sugerem que a subjetividade é um processo dinâmico. Foucault ainda menciona a transformação contínua da subjetividade em relação à verdade, enquanto Lacan suscita um movimento contínuo entre significantes.

As abordagens linguística, filosófica, antropológica e psicanalítica são exploradas neste trabalho para analisar a enunciação realizada pelo ChatGPT, uma Inteligência Artificial Generativa (IAG). Frente à contínua evolução da Inteligência Artificial (IA) e ao desenvolvimento de modelos de processamento de linguagem avançados, esta dissertação é guiada pelo interesse em identificar as características e potenciais consequências do advento de ferramentas capazes de gerar texto, o que descortina novas perspectivas no campo dos estudos do discurso.

Para tal, a lupa é aplicada nas dinâmicas das interações humano-máquina e, por conseguinte, máquina-humano, que inspiram questões e investigações sobre as similaridades e as divergências entre linguagem natural (humano) e os modelos de linguagem natural (máquina). À medida que o uso do ChatGPT é realizado em diversos contextos, emerge a necessidade de reler as definições de subjetividade a fim de transpô-las, se e quando factível, para o estudo da linguagem realizada pelos sistemas, nomeadamente pela IAG.

A relevância do tema consiste na intenção de suprir a carência de estudos sobre o uso do ChatGPT, fator presumível, dado que o lançamento da IAG ocorreu em junho de 2020 (ChatGPT, 2024). E de forma específica, suprimir a ausência de estudos focados na análise da subjetividade em interações humano-máquina. Com isso, a dissertação pode contribuir com a compreensão mais aprofundada da IAG, o que, por sua vez, pode contribuir com uma geração textual cada vez mais aproximada da linguagem natural, mas ainda assim limitada fundamentalmente pelo fosso entre humano e máquina, fazendo com que tais aproximações tenham o limite de aprofundamento das semelhanças à superfície.

Além disso, o estudo também propõe adicionar camadas às discussões acerca dos riscos e vieses do uso da IA Generativa. Como modelo de processamento de linguagem, o formato automatizado incita deliberações sobre o seu uso indevido e também sobre eventuais ecos negativos do avanço da linguagem gerada por máquinas, considerando a dualidade comum às ferramentas: uso ético e/ou benéfico *versus* uso antiético e/ou danoso. Para esta última abordagem, nesta dissertação, são considerados os questionamentos e disposições de Bender *et al.* (2021).

1. Enquadramento teórico

1.1. Subjetividade

1.1.1. Subjetividade linguística em Benveniste - a díade *eu-tu* e a intersubjetividade

A subjetividade, segundo Benveniste (1976), é um conceito enraizado na natureza da linguagem e na sua relação intrínseca com a constituição do ser humano como sujeito. O autor pontua que "*a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou*". Com isso, distancia a linguagem de uma invenção, conceituando-a como inerente à humanidade. Esta relação é indissociável ao ponto de não ser possível separar o ser humano da linguagem. No cerne de sua teorização, argumenta que a linguagem precede o indivíduo e é por meio dela que o ser humano se constitui como sujeito.

A subjetividade é caracterizada pela capacidade do locutor de se posicionar como sujeito, manifestando-se linguisticamente na posição de "pessoa". Isso significa que é na instância do discurso, na apropriação dos pronomes pessoais, que o indivíduo é e se apresenta sujeito. E o pronome pessoal *eu* é o ponto de partida fundamental para essa manifestação da subjetividade na linguagem. O locutor preenche o *eu* de si para se designar como sujeito e, simultaneamente, se diferenciar dos outros. Além de se apropriar da língua e do *eu* para ser sujeito, o locutor também se apropria do

contraponto com o conceito de *tu*, que é uma condição antagônica essencial para sustentar o *eu* no discurso (Benveniste, 1989).

A díade *eu* e *tu* é essencial para a compreensão da subjetividade linguística, pois é na interação entre sujeitos que a linguagem acontece com um processo comunicativo. A linguagem, portanto, é profundamente marcada pela expressão da subjetividade, a ponto de ser inconcebível uma língua sem a expressão da pessoa. Para Benveniste (1976: 286), "*a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso*". Ou seja, é na instância do discurso que cada locutor se enuncia como sujeito, revelando sua subjetividade por meio da linguagem. Ao mesmo tempo, o locutor que se apropria do *eu*, sustenta-se no contraste com o *tu*:

A linguagem de algum modo propõe formas "vazias" das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua "pessoa", definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu* (Benveniste, 1976: 288).

De acordo com Benveniste (1989), a subjetividade é uma característica fundamental da linguagem humana, manifestada na categoria linguística da pessoa. É na instância do discurso, através dos pronomes pessoais, que o indivíduo se posiciona como sujeito e estabelece relações intersubjetivas com os outros. Essa relação entre *eu* e *tu* é essencial para a comunicação linguística e para a constituição do ser humano como sujeito na linguagem.

Quando Benveniste (1976) concebe a subjetividade como a capacidade intrínseca de um falante de se posicionar como sujeito dentro do discurso, o processo de contraste e interação com o outro é apontado como condição que viabiliza esta habilidade. Assim, a noção de sujeito pode ser interpretada como um efeito decorrente desse exercício, uma projeção que confere ao sujeito uma identidade. A concepção de subjetividade, portanto, transcende a identificação de marcas linguísticas para ser fundamentada no estado linguístico da pessoa.

A consciência do *eu* só é possível quando contrastada com o *tu* (na posição oposta), evidenciada no momento em que uma pessoa, como falante, dirige o discurso a outra pessoa. É nesta relação, no ato do discurso, que o *tu* é instaurado e, por consequência, o *eu* é instaurado, definindo-se como *eu* no processo dialógico que estabelece a pessoa linguística, conferindo-lhe uma posição subjetiva. A condição de diálogo é essencial para a constituição da pessoa, caracterizada pela reciprocidade entre os interlocutores. Ao endereçar-se ao outro como *tu*, o falante não apenas se posiciona como sujeito, mas também atribui ao outro a mesma condição, reconhecendo-o como sujeito.

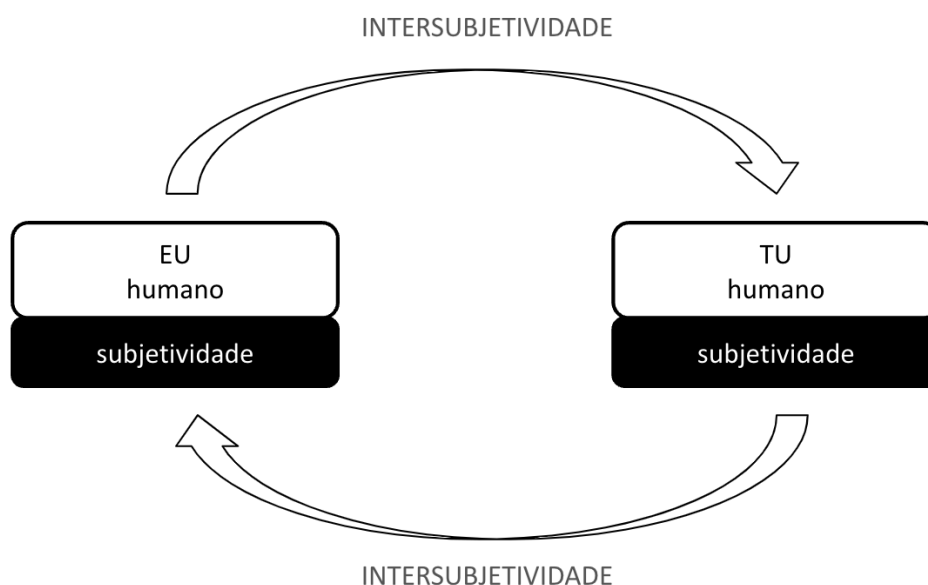
A subjetividade não reside, exclusivamente, no sujeito em si, mas na linguagem. É uma condição inerente à linguagem, possibilitada pelo ato de cada locutor apropriar-se e colocar-se como sujeito, assumindo a responsabilidade pelo discurso proferido e estabelecendo-se como fonte de sua própria expressão. Nesse sentido, a presença do outro, contrastando com o *eu*, é essencial para a instauração da subjetividade, que se revela como um efeito do funcionamento intrínseco da linguagem. Em outras palavras, o funcionamento da linguagem está inerentemente ligado à assunção da subjetividade, possibilitando que a pessoa se expresse sobre si mesma e sobre o mundo para o outro (*tu*). Para além de se reconhecer como *eu*, assumir que existe um *tu*, que também é um *eu*, é condicional para a linguagem, como descreve Benveniste:

Muitas noções na linguística, e talvez mesmo na psicologia, aparecerão sob uma luz diferente se as restabelecermos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de intersubjetividade, única que torna possível a comunicação linguística (1976: 293).

A condição da intersubjetividade reforça a relevância da díade *eu-tu*, visto que a relação entre sujeitos é possibilitada pela linguagem, que atua como facilitadora da interação e do diálogo. Esta condição de interação é essencial para a própria existência e constituição dos sujeitos. A subjetividade e a intersubjetividade são intrínsecas à linguagem, pois *“não há linguagem sem possibilidade de diálogo, isto é, sem*

possibilidade de resposta. [...] é a linguagem que viabiliza a existência de eu-tu, como sujeitos, mediante o respeito à condição de interação.” (Werner, 2006: 398). A linguagem exige e pressupõe a presença do outro, constituindo assim a intersubjetividade como uma condição fundamental para a existência dos sujeitos.

Figura 1 - Subjetividade e intersubjetividade na interação humano-humano



Fonte: esquema elaborado para esta dissertação.

A relação estabelecida entre os sujeitos é o que dá origem às pessoas. É por meio da relação, mediada pela linguagem, que os sujeitos emergem e se constituem, o que implica reconhecer o outro como um ser que decide, não apenas como um reagente, demonstrando a consciência da unicidade e da reversibilidade do *tu*. Na mediação realizada pela linguagem, destacam-se os marcadores linguístico-discursivos da subjetividade, como formas (indicadores como descrito a seguir) de existência e revelação da subjetividade e, indivisivelmente, da intersubjetividade, tendo-se em consideração as relações comunicativas.

1.1.2. Marcadores linguístico-discursivos da subjetividade

Os deíticos pessoais desempenham um papel crucial na identificação dos interlocutores dentro de uma situação de comunicação. Formas pronominais, como pronomes pessoais e possessivos, instauram, integram e revelam a subjetividade na linguagem, servindo como indicadores de dêixis e organizando relações espaciais e temporais em torno do sujeito como ponto de referência (Benveniste, 1976), sendo que, sobre os pronomes, Benveniste enfatiza:

[...] os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos daquilo a que chamaremos as "instâncias do discurso", isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor (1976: 277) .

As instâncias de emprego de *eu* não constituem uma classe de referência fixa, uma vez que não há um "objeto" definível como *eu* ao qual essas instâncias possam remeter de maneira idêntica. Cada *eu* possui sua referência própria, correspondendo a um ser único proposto como tal. A partir desta ótica, o *eu* é definido como o "*indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística eu*". De forma simétrica, *tu* é o "*indivíduo alocutário na presente instância de discurso contendo a instância linguística tu*" (Benveniste, 1976: 279).

"Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem" (Benveniste, 1976: 288). Esses pronomes dependem de outras classes de pronomes que compartilham o mesmo status, como os indicadores de dêixis, demonstrativos, advérbios e adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do sujeito (Kerbrat-Orecchioni, 1986). A intenção e o compromisso do locutor com o conteúdo do discurso é marcado por diferentes processos linguístico-discursivos, que não serão discutidos nesta dissertação. O foco será restrito à referenciação que é construída a partir da enunciação realizada pelo *eu* na relação

com o *tu*, contendo marcadores linguístico-discursivos de temporalidade, espacialidade e pessoalidade.

*L'énonciation est présentée soit comme le surgissement du sujet dans l'énoncé, soit comme la relation que le locuteur entretient par le texte avec l'interlocuteur, ou comme l'attitude du sujet parlant à l'égard de son énoncé*² (Dubois, 1969: 100).

A importância dos deíticos na linguagem, especificamente no contexto da subjetividade, é evidenciada quando um indivíduo os utiliza para comunicar, contrapondo-se ao *tu* ao preencher o *eu* em um processo simultâneo à apropriação da linguagem. Os deíticos são, assim, indicadores de subjetividade no discurso, remetendo à enunciação. São formas como o *eu* que se vincula ao discurso (Benveniste, 1976). Temporalidade e espacialidade também são indicadores da subjetividade no discurso, junto ao *eu*, como pontua Fiorin:

Como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do “sujeito”, tomado como ponto de referência. Assim, espaço e tempo estão na dependência do *eu*, que neles se enuncia. O *aqui* é o espaço do *eu* e o presente é o tempo em que coincidem o momento do evento descrito e o ato de enunciação que o descreve. A partir desses dois elementos, organizam-se todas as relações espaciais e temporais. Porque a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do *ego*, *hic* et *nunc* (1995: 78-79).

Os deíticos pessoais, ao marcarem as instâncias de discurso, não só localizam os sujeitos no tempo e no espaço, mas também refletem a singularidade da experiência subjetiva de cada enunciador. Ou seja, a subjetividade emerge da apropriação dos pronomes *eu* e *tu* no discurso e, concomitantemente, destaca a singularidade de cada enunciação, visto que cada instância discursiva é única e irrepetível. A interação *eu-tu*

² A enunciação é apresentada ora como o surgimento do sujeito no enunciado, ora como a relação que o locutor mantém com o interlocutor através do texto, ou como a atitude do sujeito falante em relação ao seu enunciado (tradução nossa).

é, portanto, um processo de construção mútua de identidades e significados, que se realiza na e pela linguagem, por meio, e não somente, dos deíticos. Assim, a análise da dêixis permite observar como a linguagem opera para criar e sustentar a subjetividade, mostrando que cada enunciação pontua a presença individual no mundo e no tempo. Michel Foucault, como mostra o capítulo seguinte, complementa essa visão de construção mútua ao analisar como a subjetividade é moldada pelas relações de poder e pelos discursos de verdade, mostrando que ela não é fixa, mas uma construção dinâmica influenciada pelo contexto discursivo e social.

1.1.3. Sujeito e subjetividade em Foucault

A abordagem de Michel Foucault sobre a subjetividade (2014 [1980-1981]) oferece uma perspectiva profunda e multifacetada sobre como os indivíduos se constituem em relação aos discursos de verdade que permeiam as suas vidas. O filósofo contrapõe a definição da subjetividade a partir de teorias universais do sujeito ou de experiências fundadoras, ao propor uma análise com enfoque na dinâmica entre a subjetividade e a verdade.

*[...] comment, dans quelle mesure, jusqu'à quel point, à quel titre et sous quels droits la subjectivité peut-elle fonder la connaissance de la vérité? C'est la question philosophique classique. Et le problème que je voudrais et que j'ai essayé déjà de poser, est en quelque sorte inverse. Il s'agit de savoir quelle expérience nous pouvons faire de nous-mêmes, quel champ de subjectivité peut s'ouvrir au sujet pour lui-même, dès lors qu'existent de fait, historiquement, devant lui, par rapport à lui, une certaine vérité, un certain discours de vérité, et une certaine obligation de se lier à ce discours de vérité - soit pour l'accepter comme vrai, soit pour le produire soi-même comme vrai. Quels sont donc les effets de l'existence de cette vérité et de ce discours de vérité pour l'expérience que nous faisons de nous-mêmes?*³ (Foucault, 2014 [1980-1981]: 27-28).

³ Como, em que medida, até que ponto, com que título e sob quais direitos a subjetividade pode fundamentar o conhecimento da verdade? Essa é a questão filosófica clássica. E o problema que eu gostaria e que já tentei levantar é de certa forma o inverso. Trata-se de saber que tipo de experiência podemos ter de nós mesmos, qual campo de subjetividade pode se abrir ao sujeito para si mesmo,

A partir da compreensão de que a subjetividade não poderia ser dissociada de sua relação com a verdade, ela é entendida como um processo em constante transformação, moldada pela interação com os discursos de verdade que circulam na sociedade. Portanto, a subjetividade não seria concebida como algo preestabelecido e estável. Nesse sentido, a verdade não é apenas um conceito objetivo a ser descoberto, mas também um elemento ativo na formação da subjetividade individual e coletiva.

Uma das questões centrais levantadas por Foucault é a seguinte: até que ponto a subjetividade pode servir como fundamento para o conhecimento da verdade? A pergunta incita questionamentos e reflexões sobre como os discursos de verdade preexistentes moldam a experiência subjetiva. Em sua obra, o autor investiga como diferentes formas de conhecimento - a ciência da loucura ou os discursos sobre a sexualidade - influenciam a maneira como os indivíduos se percebem e se relacionam consigo mesmos.

Para ilustrar sua análise, Foucault recorre à história, situando sua investigação no período da transição entre o paganismo e o cristianismo, nos últimos tempos romanos e nos primeiros tempos da era cristã. Ele examina como os discursos de verdade desse período moldaram as práticas e as experiências subjetivas das pessoas, destacando a importância de compreender o contexto histórico para entender a formação da subjetividade.

*Et en ce sens, il me paraît assez clair que, en étudiant d'un peu près ces arts de vivre, on pourra sans doute repérer de quelle manière, à l'époque hellénistique et romaine, était proposé aux individus un certain mode de liaison entre leur rapport de soi à soi et à la vérité.*⁴ (2014 [1980-1981]: 37).

quando existem, de fato, historicamente, diante dele, em relação a ele, uma certa verdade, um certo discurso de verdade, e uma certa obrigação de se vincular a esse discurso de verdade — seja para aceitá-lo como verdadeiro, seja para produzi-lo como verdadeiro. Quais são, então, os efeitos da existência dessa verdade e desse discurso de verdade para a experiência que fazemos de nós mesmos? (tradução nossa)

⁴ E, nesse sentido, parece-me bastante claro que, ao estudar mais de perto esses modos de viver, poderemos provavelmente identificar como, na época helenística e romana, era proposto aos indivíduos um certo modo de conexão entre sua relação consigo mesmos e com a verdade. (tradução nossa)

A metáfora da Fábula do Elefante⁵, utilizada no curso do autor para analisar a subjetividade, representa o método de investigação histórica adotado por Foucault. Ao analisar a passagem dessa fábula dos discursos naturalistas para os discursos cristãos, Foucault destaca como os diferentes regimes de verdade influenciam a percepção e a experiência subjetiva dos indivíduos. Além disso, Foucault explora as "artes de viver" da época helenística e romana como exemplos de como os indivíduos buscavam modificar e transformar suas experiências subjetivas através da ação sobre si mesmos. Tais práticas, orientadas por um ensinamento ou busca da verdade, exemplificam a interseção entre subjetividade e verdade na antiguidade.

A noção de "governamentalidade" também desempenha um papel fundamental na análise de Foucault sobre a subjetividade. Ele propõe que a "*histoire du souci*" e as "*techniques de soi*", termos do autor, sejam uma forma de entender a subjetividade não mais por meio de divisões objetivas, mas sim por meio das relações com o conhecimento e com os outros. A governamentalidade refere-se aos mecanismos pelos quais os indivíduos se governam a si mesmos em relação aos discursos de verdade e às normas sociais, destacando a importância das práticas de autoconhecimento e autogoverno na formação da subjetividade.

Os ângulos filosófico e antropológico de Foucault oferecem uma análise complexa e interdisciplinar que destaca a relação intrínseca entre subjetividade e verdade. Ao investigar como os discursos de verdade moldam as experiências subjetivas dos indivíduos ao longo da história, Foucault convida a repensar as concepções de identidade e conhecimento, reconhecendo a subjetividade como um fenômeno dinâmico e contingente, enraizado em contextos sociais e históricos.

Ainda sobre as concepções de identidade, o autor apresenta a subjetivação como um processo complexo de constituição do sujeito, que se desenrola por meio de práticas discursivas, de exercícios de poder e de cuidado de si. Na frase "onde há poder, há resistência" (1976: 95), Foucault, posiciona a subjetivação não apenas como um

⁵ A Fábula do Elefante, na qual o animal é descrito como um exemplo conjugal por sua natureza monogâmica, é usada por Foucault para ilustrar a idealização da monogamia no discurso cristão sobre a sexualidade e a moralidade, especialmente no contexto das práticas matrimoniais e da ética sexual desenvolvida nos primeiros séculos da era cristã (Foucault, 2014 [1980-1981]: 3-26).

produto das condições sociais e históricas, mas também uma prática de agência na qual o sujeito se engaja na construção de sua própria identidade e experiência subjetiva, desafiando e reinterpretando os discursos dominantes e as dinâmicas de poder que o cercam. Contrariando a visão de uma identidade psicológica essencialista, Foucault sugere que o sujeito se forma e se transforma continuamente em interação com os discursos de verdade que circulam na sociedade. Este processo não é passivo, mas envolve ativamente a resistência do sujeito às normas e às estruturas de poder que o moldam (Revel, 2005).

1.1.4. O sujeito bakhtiniano e a subjetividade

Para Bakhtin, a definição de sujeito perpassa pelo entendimento de uma existência única, que não pode ser repetida e também não é substituível. Ao propor que nenhum outro é capaz de ocupar o lugar do sujeito, que é singularizado tanto pelo tempo quanto pelo espaço, o autor russo aborda a concretude e a singularidade dos atos como bases desta unicidade, sendo que a existência única não é passível de aprendizado, mas sim um processo de afirmação e reconhecimento desta distinção incomparável e irreplicável. "Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único" (Bakhtin, 2010 [1986]: 96). Sobre a unicidade do sujeito, percebem-se semelhanças com o conceito de Benveniste de que "cada eu possui sua referência própria, correspondendo a um ser único proposto como tal" (Benveniste, 1976: 279).

A partir do entendimento de que a vida é uma sequência de atos únicos, o sujeito na linha bakhtiniana é compreendido como agente e responsável (e que deve ser responsabilizado), sendo que a "questão da responsabilidade é fundamental para a constituição do sujeito bakhtiniano". (Polato, Guilherme e Acosta-Pereira, 2014: 180). Em outras palavras, o sujeito bakhtiniano não pode ser separado do contexto em que ele atua e não pode se eximir do que enuncia; suas ações (e pensamentos) são parte de um todo, que envolve a sua singularidade e as suas condições históricas e sociais, ou seja, "cada movimento, cada gesto, cada experiência vivida, cada pensamento, cada sentimento - deve ser um ato responsável" (Bakhtin, 2010 [1986]: 101).

Esta conscientização enfatiza a unicidade e a responsabilidade do sujeito, o que se costura à elaboração de que cada ação é única, tornando o sujeito insubstituível, essencialmente pela existência e inserção em seu contexto específico e irrepetível. Mantendo-se único, todo sujeito é sempre atravessado pela alteridade, significando que a interação com outros é fundamental para a constituição do *eu*.

A demarcação de separação entre o *eu* e o *outro* - que em Benveniste e, mais repetidamente, nesta dissertação, é apresentado como o *tu* - é reforçada pela conceituação da alteridade como uma condição para a existência do sujeito na concepção bakhtiniana. Trata-se de um sujeito socialmente situado e constituído a partir de relações dialógicas (Bakhtin, 2015 [1979]). A relevância da díade *eu-tu* para a concepção da subjetividade e intersubjetividade em Benveniste (1976), assemelha-se, ao menos na superfície, à relevância do olhar do outro e das relações dialógicas como constituintes do sujeito na abordagem bakhtiniana. Bakhtin (2010 [1986]) ainda pontua a perspectiva do sujeito como inacabado (nunca está pronto), conferindo à relação de alteridade, especificamente ao olhar do outro (*tu*) sobre o *eu*, o papel de conferir acabamento ao sujeito. Logo, o que o sujeito não sabe de si ou não pode observar em si é viável de acabamento somente pelo olhar do outro. Nas palavras de Bakhtin:

O ponto de vista da exotopia e a sua excedência. O uso privilegiado de tudo aquilo que o outro, por princípio, não pode saber de si mesmo, não pode, em si, observar e ver. São todos esses elementos a desenvolver por excelência uma função de acabamento. [...] A unidade acabada é sempre em ausência. Por isso é impossível ver o todo acabado desde o interior, mas apenas de fora. A exotopia que dá acabamento. (2019 [1943]: 47).

Portanto, é possível inferir que Bakhtin se refere à capacidade do sujeito de se ver a partir da perspectiva do outro, consciente da sua unicidade e, portanto, mantendo um distanciamento do olhar do outro, mas capaz de enriquecer a sua própria compreensão de existência e permitindo a supracitada dinâmica de acabamento. A alteridade funciona como conceito que reverbera a constituição do sujeito a partir das relações intersubjetivas, ou seja, a partir de múltiplas interações

sociais, de novo, ratificando a dicotomia do *eu* constituído isoladamente como único e singular, mas, ao mesmo tempo, constituído na relação com o outro, permitindo assim uma aproximação com a díade *eu-tu* conceituada por Benveniste (1976) e descrita previamente nesta dissertação.

Além da conceituação de Benveniste sobre alteridade, o sujeito bakhtiniano aproxima-se da abordagem foucaultiana em uma leitura da governamentalidade (Foucault, 2014 [1980-1981]) contraposta à afirmação de Bakhtin (2015 [1963]) sobre a palavra alheia influenciar o discurso do autor, aqui nesta dissertação comparável à posição do *eu*, por meio de antecipações de potenciais interpretações e reações, em uma moldagem decorrente da relação de alteridade. A menção de Foucault aos mecanismos dos indivíduos de autogovernar os discursos encontra na relação de influência do diálogo no sujeito bakhtiniano uma espécie de ratificação, mútua, da alteridade. Ainda sobre isso, Volochínov (2013 [1925-1930: 163]) afirma que: "[...] qualquer comunicação verbal, qualquer interação verbal, se desenvolve sob a forma de intercâmbio de enunciações, ou seja, sob a forma do diálogo". Nas palavras de Polato, Guilherme e Acosta-Pereira:

Sabemos que o discurso só ganha vida na forma de enunciações concretas entre falantes, os sujeitos do discurso. Esses sujeitos são necessariamente situados social e historicamente e a relação entre eles é imprescindível para a constituição da identidade de ambos, um em relação ao outro. Isso quer dizer que cada sujeito está ancorado em um determinado espaço tempo e que as peculiaridades desses cronotopos⁶ também fazem parte da formação desses sujeitos, assim como seus pontos de vista e olhares para as realidades que os circundam (2024: 185-186).

A visão bakhtiniana do sujeito, fundamentada na unicidade e na responsabilidade, destaca a importância da alteridade e das interações dialógicas para a constituição da subjetividade. Essa abordagem contrasta, mas também dialoga, com a perspectiva lacaniana, que enfoca a subjetividade como um efeito da linguagem e do simbólico. Enquanto Bakhtin enfatiza o *eu* como único e elabora sobre o papel do outro

⁶ Conceito abordado por Bakhtin em referência à interseção entre tempo e espaço na narrativa.

(que em Benveniste é o *tu*) na formação do *eu*, Lacan explora a divisão interna do sujeito. Ambas as visões, embora distintas em seus fundamentos, convergem ao reconhecer que o sujeito é continuamente moldado por forças externas, sejam elas a interação com o outro (*tu*) ou a estrutura simbólica da linguagem, como apresenta o capítulo seguinte.

1.1.5. A visão de Lacan sobre sujeito e subjetividade

Para o psicanalista Jacques Lacan, o sujeito é uma construção complexa e multifacetada, essencialmente ligada à linguagem e ao simbólico. É um resultado da linguagem e, simultaneamente, a entidade que fala, sendo estas causadoras da divisão que, na visão de Lacan, inaugura a subjetividade. “Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto” (Lacan, 1998: 301).

Ao propor que o sujeito seja constituído no campo do simbólico, Lacan posiciona a linguagem em um papel crucial. Na ambiguidade de contrapor e costurar fala e existência (consciente e inconsciente), o psicanalista ilustra a complexidade da relação do sujeito com a sua própria identidade na e pela linguagem, assemelhando-se parcialmente a Benveniste ao declarar que: "Não se trata de saber se falo de mim de conformidade com aquilo que sou, mas se, quando falo de mim, sou idêntico àquele de quem falo" (Lacan, 1998: 520). O conceito de constituição do sujeito por meio da linguagem seria um possível ponto de conexão com Benveniste. Entretanto, para Lacan, o sujeito perde-se na linguagem por ser constituído de um inconsciente, que emerge da linguagem.

A complexidade do conceito de sujeito na psicanálise lacaniana articula e compreende uma noção além da objetivação. Lacan argumenta que o sujeito não se encaixa nas categorias conceituais de objeto, seja como objeto de conhecimento ou entidade psicológica, o que significa que não pode ser sintetizado, reduzido ou contornado. Não sendo um objeto, algo concreto e preestabelecido, Lacan vê o sujeito como algo que emerge da linguagem, mas especificamente no simbólico. O sujeito se realiza na fala, na enunciação e nas operações simbólicas, sendo constituído pelo que é

dito. Portanto, de certa forma, o psicanalista sugere que o sujeito é um evento de linguagem, um momento de enunciação (Hook, 2017). O dinamismo e fluidez da imersão na linguagem faz com que o sujeito não possa ser compreendido fora da linguagem, na abordagem lacaniana.

A sobreposição de perspectivas entre Benveniste e Lacan reside, principalmente, na centralidade da linguagem na constituição do sujeito. Ambos assinalam que a linguagem é fundamental para o surgimento e a definição do sujeito, embora suas abordagens e detalhes variem. Para Benveniste, a subjetividade é enraizada na linguagem e manifesta-se através da capacidade de o locutor se posicionar como sujeito na enunciação. O linguista enfatiza que o *eu* e o *tu* são essenciais para a constituição do sujeito, com a linguagem sendo como uma estrutura de que o indivíduo se apropria para se definir e se diferenciar. A subjetividade, portanto, é um efeito da interação linguística entre o *eu* e o *tu*.

Lacan, por outro lado, também vê o sujeito como um efeito da linguagem, mas sua abordagem é mais complexa, integrando a dimensão do inconsciente. Neste aspecto, o sujeito se constitui no campo do simbólico, no qual a linguagem e os significantes precedem e, de certa forma, moldam o sujeito. Lacan introduz o conceito de *Spaltung*, ou divisão, sugerindo que o sujeito é intrinsecamente dividido pela linguagem, emergindo na tensão entre o consciente e o inconsciente, destacando a natureza fragmentária e dinâmica da subjetividade. Portanto, para ambos, a linguagem precede o sujeito e é crucial para a sua constituição. Porém, em Benveniste, a ênfase está na interação *eu-tu* para a manifestação da subjetividade; e, em Lacan, a linguagem simboliza uma estrutura que causa e perpetua a divisão do sujeito, sendo a subjetividade um evento contínuo e dinâmico que ocorre na fala e na enunciação.

Lacan vê a subjetividade como um resultado da linguagem e do inconsciente. E a partir dessa concepção, defende que a escuta psicanalítica pode estudar a estruturação do sujeito no próprio discurso: "o inconsciente é a implicação lógica da linguagem: com efeito, não há inconsciente sem linguagem" (Lacan, 1970: 18). Dessa forma, o processo de análise é constitutivo do sujeito, que se forma e se realiza no ato de falar. A condição da linguagem como constitutiva do sujeito é uma contradição

reconhecida na linha lacaniana, visto que o sujeito também existe na entidade que fala. Esta percepção amplia a discussão para questões que envolvem desencaixes de tempos e movimentos. Para Lacan, essa divisão é uma característica que também adiciona camadas à definição de sujeito (Hook, 2017).

Na teoria de Lacan, a subjetividade é definida pela divisão inaugural do sujeito, nomeada *Spaltung*. Esta divisão cria um sistema plurissistêmico, uma cisão interna causada pela entrada do sujeito na ordem simbólica e que estrutura o aparelho psíquico. A formação do sujeito depende da submissão a uma ordem simbólica, que mediatiza a relação com a realidade concreta e entrelaça os registros do real e do imaginário. A subjetividade, portanto, é um processo dinâmico e fragmentado, mediado pela linguagem e sempre em fluxo, ou seja, em um processo contínuo de formação e transformação. Nas palavras de Dor:

Para Lacan, a *Spaltung* [divisão] é, sem sombra de dúvida, o caráter inaugural que define a subjetividade, uma vez que é precisamente através dela que o sujeito advém; é através dela que o sujeito se estrutura de um certo modo psíquico ao advir. Não se trata, pois, de uma clivagem intra-sistêmica. A *Spaltung* não nos introduz, tampouco, no registro de uma clivagem intersistêmica. Para Lacan, a *Spaltung* aparece como o que institui o aparelho psíquico num sistema plurissistêmico. É neste sentido que ela pode ser colocada como divisão inaugural do sujeito, originária da submissão do sujeito a uma ordem terceira que é a ordem simbólica, mais precisamente a ordem que irá mediatizar a relação do sujeito com o Real, enlaçando, para o sujeito, o Imaginário e o Real. (1989: 102).

Na consideração da linguagem como precedente do sujeito, temos a sua inserção em um campo simbólico, que já é estruturado por significantes que preexistem. Nesse sentido, o sujeito não atua como um criador autônomo de sentido, mas pode ser percebido com um efeito do funcionamento da cadeia significante, ou seja, o sujeito como efeito da linguagem. Lacan posiciona o sujeito continuamente sujeito aos significantes que o constituem, e qualquer tentativa de acessar uma identidade plena é frustrada pela própria natureza deslizante da linguagem. Assim, a

subjetividade é um processo dinâmico e fragmentário, sempre mediado pela linguagem e pelos significantes que escapam a um controle total pelo sujeito.

Neste ponto, se percebe uma conexão com a visão de Foucault sobre subjetividade, visto que na concepção do autor o sujeito também é condicionado por verdades preexistentes. Foucault vê o sujeito como profundamente condicionado pelas verdades preexistentes que permeiam a sociedade. Em sua abordagem, o pensador francês questiona a ideia de uma subjetividade universal ou fundamentada em experiências fundadoras e propõe que a constituição do sujeito é ligada aos discursos de verdade que circulam em seu contexto histórico. Foucault sugere que a subjetividade é um processo dinâmico e transformador, moldado continuamente pela interação com esses discursos, que são elementos ativos na formação da subjetividade individual e coletiva. Apesar de cada autor detalhar conceitos e elementos distintos, há uma costura na concepção condicionada do sujeito, seja por verdade, poderes ou significantes.

Nestas ambiguidades e contradições destacadas por Lacan, o sujeito não é a causa da linguagem, mas é resultado dela ao usá-la. Quando o sujeito se insere na linguagem, ele o faz como um efeito de significantes que o precedem e o constituem. Esta inserção na linguagem o faz existir, mas de uma forma eclipsada, onde a autenticidade do ser se perde. Lacan ilustra esse fenômeno ao afirmar que o sujeito se desvanece na cadeia significante, sendo constantemente representado e dissimulado por ela. A linguagem, assim, exerce uma função de máscara, ocultando o verdadeiro ser do sujeito e reafirmando sua divisão interna. Essa alienação na linguagem destaca que o sujeito, ao se expressar, se distancia de um ideal de identidade plena e coesa. Dor explica este processo:

A relação do sujeito com seu próprio discurso sustenta-se, portanto, em um efeito singular: o sujeito só está ali presentificado ao preço de mostrar-se ausente em seu ser. Além desta relação acusar mais uma vez a estrutura de divisão do sujeito, ela evidencia que o sujeito, tão logo acede à linguagem, perde-se nesta mesma linguagem que o causou. Não somente o sujeito não é causa da linguagem, mas é causado por ela. O que quer dizer que o sujeito que

advém pela linguagem só se insere nela como um efeito; um efeito de linguagem que o faz existir para logo a seguir eclipsá-lo na autenticidade de seu ser. Lacan designa este eclipse como sendo o *fading* do sujeito, que impõe que ele só apreenda a si mesmo, através de sua linguagem, como uma representação, uma máscara que o aliena dissimulando-o para si mesmo. Essa alienação do sujeito em seu próprio discurso é, precisamente, a refenda do sujeito (Dor, 1989: 107).

A teoria de Benveniste sobre a subjetividade estabelece uma base robusta sobre a abordagem linguística do conceito e permite afirmar a relevância do *eu* e do *tu* para a constituição do sujeito na linguagem. Esta visão é enriquecida pelas abordagens de Foucault, Lacan e Bakhtin, que exploram a subjetividade em relação aos discursos de verdade, à estrutura simbólica da linguagem e à unicidade e responsabilidade do sujeito, respectivamente. A interação entre o *eu* e o *tu*, a constituição do sujeito pelos significantes, a influência dos discursos de verdade e a dualidade do sujeito único com acabamento pela alteridade formam um quadro complexo e multifacetado da subjetividade.

A seção a seguir demarca as características e o funcionamento da Inteligência Artificial, exemplificada pelo ChatGPT, a fim de proporcionar uma investigação sobre a intersecção entre a linguagem, a subjetividade e a tecnologia, especificamente a produção de linguagem artificial. Dessa forma, o conteúdo seguinte estabelece uma base para a discussão sobre o *eu* na era digital por meio do recorte da manifestação da subjetividade na IAG.

2. Inteligência Artificial

2.1. Inteligência Artificial antes de Generativa

A primeira aparição do termo *Artificial Intelligence (AI)* é atribuída ao evento *Dartmouth Summer Research Project on Artificial Intelligence*, que aconteceu em 1956, nos Estados Unidos da América. O encontro reuniu cientistas selecionados com o intuito de descobrir como desenvolver máquinas capazes de solucionar problemas do

domínio humano (Kaufman, 2019). Como é perceptível, desde os primórdios, os esforços são direcionados em construir máquinas que possam realizar tarefas humanas, como usar linguagem e resolver problemas. Dora Kaufman, especialista no tema, explica que:

A inteligência artificial refere-se a um campo de conhecimento associado à linguagem e à inteligência, ao raciocínio, à aprendizagem e à resolução de problemas. A IA propicia a simbiose entre o humano e máquina ao acoplar sistemas inteligentes artificiais ao corpo humano (prótese cerebral, braço biônico, células artificiais, joelho inteligente e similares), e a interação entre o homem e a máquina como duas "espécies" distintas conectadas (homem-aplicativos, homem-algoritmos de IA) (2019: 8).

Outro contributo seminal para os avanços da Inteligência Artificial é o artigo do cientista computacional Alan Turing, que contém a pergunta: "*Can Machines Think?*". Em 1950, o inglês questionava quais atividades seriam as melhores para começar os testes com a criação de máquinas capazes de realizar tarefas intelectuais e com abstração e mencionou a possibilidade de ensinar que a máquina percebesse e falasse a língua inglesa (Turing, 1950). Hoje (2024), passados 74 anos, a Inteligência Artificial Generativa mostra-se capaz de perceber e escrever em inglês, fazendo com que a crença de Turing de que "We may hope that machines will eventually compete with men in all purely intellectual fields"⁷ (1950: 460) tenha contornos cada vez mais nítidos.

Opostamente, enquanto Turing (1950) propõe que uma máquina seja considerada inteligente se puder "enganar" um humano ao ponto de fazê-lo acreditar que está conversando com outro ser humano, o argumento do Quarto Chinês⁸, de

⁷ Podemos esperar que, eventualmente, as máquinas compitam com os homens (humanos) em todos os campos puramente intelectuais. (tradução nossa)

⁸ Searle (1980) propõe um experimento no qual um indivíduo, que não compreende chinês, está trancado em um quarto, no qual há manuais e regras, escritas em inglês - língua que o indivíduo compreende - e que descrevem como manipular caracteres chineses. Fora do quarto, uma pessoa envia perguntas em chinês para o indivíduo, que usa as instruções e responde às perguntas, também em chinês. O argumento central de Searle é que, mesmo sendo capaz de responder corretamente às perguntas em chinês, o indivíduo não entende chinês, apenas manipula os símbolos de acordo com as regras sem compreensão do significado. Da mesma forma, Searle argumenta que um computador, ao

Searle (1980), desafia essa noção ao destacar a diferença entre simular compreensão e realmente compreender. Portanto, é possível inferir que, para Turing, a capacidade de uma máquina em exibir comportamento indistinguível do humano seria suficiente para considerá-la pensante; para Searle (1980), essa capacidade não implicaria verdadeira inteligência ou compreensão.

No experimento mental do Quarto Chinês, a manipulação correta dos símbolos chineses permite que a pessoa pareça entender a língua, mas sem uma compreensão dos significados e sem intencionalidade de comunicação. Assim, o Quarto Chinês questiona se o comportamento observável é uma medida adequada para avaliar a inteligência ou consciência de uma máquina, levantando preocupações sobre a superficialidade do Teste de Turing. Para Searle, a capacidade de imitar inteligência não é o mesmo que possuir uma mente consciente ou entender o mundo da mesma forma que os seres humanos o fazem.

O Teste de Turing, embora ainda relevante, não é tratado nesta dissertação, em nenhuma instância, como suficiente para responder a perguntas profundas sobre a natureza da mente e a possibilidade de máquinas realmente pensarem. As concepções dos dois autores são expostas e consideradas para salientar a complexidade das análises linguísticas envolvendo IA e a necessidade de balancear antagonismos, observando as dinâmicas e questões percorrendo campos limítrofes, visto que o tema abrange diferentes disciplinas. Portanto, assim como a subjetividade é abordada, nesta dissertação, de forma sincrética, expondo, combinando e contrapondo concepções, sejam homogêneas ou heterogêneas, as divergências e cruzamentos acerca da IA, da IAG e da capacidade linguística das máquinas, especificamente sobre o *eu* na geração de textos pelos ChatGPT, também o são.

Logo, na discussão sobre o "Jogo da Imitação" e o "Quarto Chinês", a resposta de Searle à pergunta *"O seu argumento do "quarto chinês" contra a Inteligência Artificial forte já é clássico. Mas há várias críticas a ele. Quais são os principais argumentos dos críticos e como o senhor responde a eles?"*, Searle (2007), explica que:

processar informações e "responder" a perguntas, estaria apenas seguindo um conjunto de regras de programação, sem compreensão e sem intenção.

Existem tantos argumentos contra o argumento do quarto chinês que eu não conseguirei resumi-los aqui. Todos eles falham basicamente pela mesma razão: eles falham em compreender o que é um computador digital. Um computador digital, como descrito originalmente por Alan Turing, é um mecanismo que manipula dois tipos de símbolos, normalmente imaginados como zeros e uns. Qualquer símbolo, no entanto, servirá. O motivo por que tal mecanismo falha em produzir, sozinho, consciência, intencionalidade e significado é que as propriedades do mecanismo são definidas puramente de maneira formal ou sintática, e a sintaxe dessas operações não é, por si só, suficiente para garantir a presença de semântica ou de significado. No quarto chinês, o homem tem toda a sintaxe que os programadores de computador podem fornecer a ele, mas ele ainda não sabe o que as palavras significam. E se ele não compreende as palavras com base na implementação do programa de compreensão, então nenhum outro computador digital irá compreender sozinho com essa base, porque nenhum computador digital, sendo justamente um computador digital, tem algo que esse homem não tem (Searle, 2007: 3).

Nesta dissertação, dada a imensidão do tema da IA, a luz será direcionada especificamente para a IAG, visando um enquadramento mais restrito ao contexto do objetivo central do estudo: subjetividade e o ChatGPT.

2.2. ChatGPT: uma Inteligência Artificial Generativa

A Inteligência Artificial Generativa (IAG) nomeada de ChatGPT, lançada em junho de 2020, é uma tecnologia de compreensão e geração de textos, conforme definição da própria IAG:

O ChatGPT é um modelo de linguagem desenvolvido pela OpenAI, baseado na arquitetura GPT-4 (*Generative Pre-trained Transformer 4*). Ele é um sistema de inteligência artificial projetado para compreender e gerar texto de maneira semelhante à humana (ChatGPT, 2024).⁹

⁹ Resposta realizada pelo ChatGPT, acessível em chatgpt.com. Captura de tela disponível em Anexos.

Como ferramenta, o ChatGPT pode ser usado para uma ampla gama de tarefas relacionadas à linguagem, oferecendo respostas baseadas nas informações disponíveis em banco de dados e na internet. Além disso, a geração dos textos também é condicionada pelos treinamentos e supervisões do processamento da IAG. Trata-se de uma inteligência artificial, projetada para gerar respostas em linguagem natural com base no texto inserido via chat. O modelo é treinado com uma ampla variedade de dados textuais da internet, permitindo a geração de respostas para várias perguntas e solicitações (ChatGPT, 2024).

Ainda na resposta de autodefinição⁹, o ChatGPT lista quais tarefas é capaz de realizar:

1. **Geração de Texto:** O ChatGPT pode criar texto em uma variedade de estilos e tópicos, respondendo a perguntas, escrevendo ensaios, compondo e-mails, gerando diálogos e muito mais.
2. **Compreensão de Contexto:** Ele é capaz de entender o contexto das perguntas e gerar respostas coerentes e relevantes. Isso inclui a capacidade de seguir conversas e manter a continuidade do tema.
3. **Treinamento:** O modelo foi treinado em um vasto conjunto de dados de texto da internet. Esse treinamento inclui uma diversidade de informações e estilos de escrita, permitindo que o ChatGPT responda a uma ampla gama de consultas.
4. **Uso de Técnicas Avançadas de IA:** O ChatGPT utiliza técnicas avançadas de processamento de linguagem natural (PLN) para analisar e gerar texto. A arquitetura GPT-4 representa uma melhoria em relação às versões anteriores, com maior capacidade de compreensão e geração de texto.
5. **Aplicações Variadas:** O ChatGPT pode ser utilizado em diversas aplicações, incluindo atendimento ao cliente, tutoriais educacionais, criação de conteúdo, apoio em pesquisa, entre outros.

6. **Interação Natural:** Uma das vantagens do ChatGPT é a capacidade de interagir de maneira natural e fluida, fazendo com que as conversas pareçam mais humanas (ChatGPT, 2024).

Ainda sobre o funcionamento da máquina, os textos gerados pelo ChatGPT são escritos de acordo com a dinâmica conversacional no formato *chat* (conceituado adiante) realizada entre o humano e a tecnologia. Os textos gerados pela IAG são respostas aos textos enviados pela pessoa durante o uso, sendo que esta entrada textual fornecida pelo humano é chamada de *prompt* no contexto da Inteligência Artificial Generativa (Henrickson e Meroño-Peñuela, 2023).

Uma outra forma de classificar o ChatGPT é definir a IAG como um *Large Language Model* (LLM). Em português, o termo pode ser traduzido como Modelo de Linguagem Extensa. Trata-se de um modelo de linguagem artificial com capacidade extensiva de processamento e geração de dados. Na explicação do ChatGPT, identificando-se como um modelo de linguagem, o conceito de LLM "refere-se a um tipo de modelo de linguagem artificial que é treinado para entender e gerar texto em linguagem natural de maneira extensiva. Esses modelos são construídos utilizando técnicas avançadas de inteligência artificial, como redes neurais profundas, e são treinados em grandes conjuntos de dados textuais para aprender padrões linguísticos, semânticos e contextuais" (ChatGPT, 2024).

Sobre o aprendizado de padrões semânticos e contextuais, cabe salientar que os LLMs são treinados, exclusivamente, para realizar previsões com base na estrutura de sequências, independentemente do nível de detalhe (caracteres, palavras, frases) ou da abordagem de previsão (sequencial ou não). Logo, existe a restrição de mapeamento dos padrões estruturais da sequência, sem que isso signifique a compreensão do significado ou do contexto mais amplo das sequências. Por meio da previsão de sequências, a IAG mimetiza a linguagem, de forma análoga à linguagem humana, mas com limitações em relação à compreensão dos dados manipulados. Tal como dizem Bender e Koller: "[...] any system trained only on the task of string

prediction, whether it operates over characters, words or sentences, and sequentially or not¹⁰ (2020: 5185).

2.3 Riscos e limitações da IA Generativa

Os avanços na capacidade dos modelos neurais, como são os LMs (Language Models), permitem a realização de diferentes tarefas de Processamento de Linguagem Natural (PLN). No entanto, há também o outro lado da moeda, nos quais estes avanços suscitam investigações e discussões sobre os riscos e as limitações do uso de IAG. Um dos aspectos negativos, abordados por Bender *et al.* (2021), é a propensão dos dados de treinamento, coletados da Internet, conduzirem a codificação de visões de mundo hegemônicas, ratificando e amplificando preconceitos e outros problemas contidos nos dados, permitindo inclusive a reverberação de desinformação. Ou seja, os estereótipos, vieses e preconceitos dos conteúdos usados como base de dados para a geração dos textos seriam replicados, com a agravante de que as fontes utilizadas não são identificáveis no texto gerado pela IAG.

Outro risco reside nos atos perlocutórios. A capacidade dos LMs de gerar texto com aparente coerência, além de uma escrita gramatical e com envergadura para simular diferentes estilos, pode induzir os humanos a interpretar os resultados como significativos e intencionais. Esta percepção enganosa decorre de uma ilusão de intencionalidade, tal como destacam Bender *et al.*: "Text generated by a LM is not grounded in communicative intent, any model of the world, or any model of the reader's state of mind¹¹." (2021: 616). Tal ilusão de coerência pode exacerbar o viés de automação, permitindo que preconceitos e estereótipos codificados nos dados de treinamento sejam disseminados e amplificados. Como os textos são exibidos como de autoria da máquina, a percepção enganosa pode ser reforçada por uma possível

¹⁰ [...] qualquer sistema treinado apenas na tarefa de predição de strings, quer opere sobre caracteres, palavras ou sentenças, e sequencialmente ou não. (tradução nossa)

¹¹ O texto gerado por um LM (sigla em inglês para Modelo de Linguagem) não é baseado em intenção comunicativa, qualquer modelo do mundo, ou em qualquer modelo mental da pessoa leitora. (tradução nossa)

imagem de idoneidade e imparcialidade da IAG, como se o conteúdo fosse livre de posicionamentos. Porém, considerando-se o modelo de geração do texto, a inserção de intenção de comunicação é suscetível à aleatoriedade, é consequência de um padrão estocástico:

The problem is, if one side of the communication does not have meaning, then the comprehension of the implicit meaning is an illusion arising from our singular human understanding of language (independent of the model)¹² (Bender et al., 2021: 616).

Somado ao risco de perpetuação de preconceitos e vieses, há a possibilidade de uso intencional dos LMs para gerar grandes quantidades de textos aparentemente coerentes com fins específicos, como promover extremismo ou desinformação. A capacidade de produção em larga escala pode ser explorada para automatizar a escrita para diferentes meios, o que poderia ser usado com a intenção de disseminar ideologias extremistas ou manipular informações.

Como último risco recortado nesta dissertação, assumindo-se a existência de outros não-mencionados, a imitação do comportamento humano e a realização de tarefas que, antes do advento tecnológico, eram capacidades exclusivas de pessoas, também motiva um olhar atento aos eventuais impactos negativos. Bender *et al.* reforçam este desafio:

But beyond that, we call on the field to recognize that applications that aim to believably mimic humans bring risk of extreme harms. Work on synthetic human behavior is a bright line in ethical AI development, where downstream effects need to be understood and modeled in order to block foreseeable harm to society and different social groups. Thus what is also needed is scholarship on the benefits, harms, and risks of mimicking humans and thoughtful design of

¹² O problema é que, se um lado da comunicação não tem significado, então a compreensão do significado implícito é uma ilusão decorrente da nossa compreensão humana singular da linguagem (independente do modelo). (tradução nossa)

target tasks grounded in use cases sufficiently concrete to allow collaborative design with affected communities¹³ (2021: 619).

2.4. ChatGPT: interação via chat, um gênero digital de conversação

Compreende-se que a caracterização do gênero chat, mesmo não sendo o objetivo central deste trabalho, faz-se útil como enquadramento. Segundo definição do Cambridge Dictionary (2024), a palavra inglesa *chat* é um verbo para designar a ação de conversar com alguém de forma amigável e informal. Para além deste significado, o termo também é usado para nomear um gênero digital no qual mensagens, que podem conter textos, imagens ou outras mídias, são trocadas entre as pessoas participantes de uma conversa, em uma interação síncrona (Fonseca, 2002). O aspecto digital é caracterizado pelo uso de um suporte tecnológico como interface da conversa, que pode ser um computador, tablet ou celular, conectado à Internet.

Nesta dissertação, o *chat* é abordado como uma conversação casual - considerando a abordagem de Levinson (1983) de conversação casual como uma conversa na qual as pessoas participantes dialogam livre e alternadamente - que acontece em tempo real, na Internet, e amplia o uso da escrita (Erickson, 2000).

Para o enquadramento do *chat* como gênero do discurso, a Teoria Enunciativa de Bakhtin (2016) é aplicada para sustentar o fenômeno de transmutação do diálogo cotidiano para o chat, sem intenção, neste momento, de conjecturar sobre a problematização da oralidade ser apresentada como gênero primário e da escrita como secundário, assim como oscilações destas distinções. Ainda assim, cabe salientar que, segundo Bakhtin, os gêneros primários emergem em situações de comunicação verbal imediata e espontânea, como conversas cotidianas e diálogos informais. Em contrapartida, os gêneros secundários desenvolvem-se em contextos culturais e

¹³ Mas, além disso, apelamos à área para reconhecer que as aplicações que visam imitar os seres humanos de forma convincente trazem o risco de danos extremos. O trabalho sobre comportamento humano sintético é uma linha clara no desenvolvimento ético da IA, onde os efeitos consequentes precisam ser compreendidos e modelados para prevenir danos previsíveis à sociedade e a diferentes grupos sociais. Portanto, também é necessário estudo sobre os benefícios, danos e riscos de imitar os seres humanos, além de um design cuidadoso de tarefas-alvo, baseado em casos de uso suficientemente concretos para permitir um design colaborativo com as comunidades afetadas.

comunicativos mais elaborados, frequentemente mediados pela escrita e pela arte (Bakhtin, 1997).

Os "tipos relativamente estáveis de enunciado" de que fala Bakhtin estão, na verdade, disponíveis para uma infinidade de combinações e transformações (1984, p. 267) dentro dos gêneros "secundários" (Adam, 2009: 116).

Para efeitos de condensação, o enfoque neste trabalho será nas intersecções da conversa rotineira em derivação no chat. Portanto, a partir dos conceitos supracitados, é possível posicionar o chat, enquanto interação virtual, como uma transmutação do diálogo cotidiano. Especificamente sobre o diálogo cotidiano, cabe salientar "a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas" (Bakhtin, 1997: 280).

Com este movimento, de transmutação do diálogo cotidiano para o chat, características da origem são carregadas e novas nuances são inseridas pelo contexto escrito e virtual do *chat* como gênero digital. Apoiando-se na linha bakhtiniana, o *chat* é tratado nesta dissertação como uma transmutação do diálogo cotidiano, sendo que, esta proposta de recorte reconhece a existência de uma pluralidade de gêneros, relacionável à pluralidade de atividades humanas.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (Bakhtin, 1997: 280).

Em outra ótica, para Marcuschi (2000), a conversa em contexto digital seria aproximada à epistolografia e o chat, especificamente, uma variação do contato telefônico. Sobre a amplitude de visões e possibilidades de enquadramento do chat, as conclusões de Askehave e Nielsen (2005) oferecem uma proposta de fusão dos conceitos de meio e gênero no contexto digital que viabilizam uma costura entre as abordagens de Bakhtin e de Marcuschi, visto que as variações propostas por Marcuschi discorrem sobre a alteração do suporte, no qual o *chat* se assemelha à carta pela troca

escrita de enunciados; e o telefone se assemelha ao *chat*, de forma mais contundente, pela sincronicidade. Todavia, a ausência de uma clara distinção e/ou uma relação fronteiriça entre gênero e meio, no sentido de suporte, a depender do contexto, incita a necessidade de aprofundamentos. Nesta dissertação, assim como no referido estudo, a indivisibilidade do gênero e do meio em cenários é pontuada a fim de atender às implicações e dualidades da transmutação do oral (conversa) para a escrita com características de diálogo cotidiano em meio digital (*chat*).

We suggest a closer investigation into these concepts which may help clarify the difference between medium and genre – or which (as we do here) acknowledges that in some cases we may talk about “media genres” – where the two seem to be inseparable because the media is not only a distribution channel but also a carrier of meaning, determining aspect of social practice (how a text is used, by whom it is used, and for what purpose)¹⁴ (Askehave e Nielsen, 2005: 138).

Neste trabalho, ambas as leituras serão concatenadas para posicionar o chat, virtual e síncrono, como um gênero digital transmutado do diálogo cotidiano, imbuído de atributos de conversação face a face; com marcas epistolares, porém distantes, visto que a sincronicidade e os recursos tecnológicos imprimem características de afastamento da carta; contornado pelo dinamismo do processo interativo das pessoas participantes. A respeito deste último critério, é bem-vindo o entendimento de Gumperz (1998), sobre a conversação ser um processo dinâmico, desenvolvido e alterado continuamente pela interação dos participantes.

3. Metodologia

3.1. Corpus e análise de conteúdo

¹⁴ Sugerimos uma investigação mais aprofundada desses conceitos, que pode ajudar a esclarecer a diferença entre meio e gênero – ou que (como fazemos aqui) reconheça que, em alguns casos, podemos falar de "gêneros de mídia" – onde os dois parecem ser inseparáveis porque a mídia não é apenas um canal de distribuição, mas também um portador de significado, determinando aspectos da prática social (como um texto é utilizado, por quem é utilizado e com que propósito). (tradução nossa)

Como o objetivo desta dissertação é analisar o *eu* na produção de texto do ChatGPT (IAG), nomeadamente o uso de deícticos pessoais, deícticos espaciais, deícticos temporais e a desinência da flexão de gênero como marcadores linguístico-discursivos da subjetividade, a análise é baseada em um *corpus* construído especificamente para este estudo, contendo interações com o ChatGPT em diferentes contextos.

Portanto, o método utilizado é a análise de conteúdo, que conforme Bardin (1977), pode ser definida como um conjunto de técnicas analíticas, sistemáticas e descritivas, que viabilizam inferências sobre as condições de produção do texto. Nesta dissertação, apesar de algumas quantificações, o foco é declaradamente uma análise qualitativa, na qual as evidências e indícios são apresentados sem o compromisso de completude de uma análise exaustiva e que contenha todos os cenários aplicáveis.

O *corpus* foi construído entre 24 de fevereiro de 2024 e 12 de maio de 2024, a partir de uma série de interações com o ChatGPT, nas quais diferentes perguntas e solicitações - *prompts* - foram feitas à máquina, de acordo com as seguintes categorias:

1. Descrição autobiográfica do ChatGPT;
2. Opinião e argumentação sobre a Terra ser plana;
3. Narrativas pessoais sobre férias.

As categorias têm base nos tipos de sequências textuais, como tipologia proposta por Adam (2019) para a organização da textualidade, as regularidades composicionais dos enunciados permitem reduzir os tipos de articulação das proposições em cinco tipos principais de sequências textuais: narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e conversacional-dialogal. Para a construção do *corpus*, são priorizadas três das cinco sequências textuais: descritiva (item 1), argumentativa (item 2) e narrativa (item 3).

A definição de aplicação da sequência descritiva tem o objetivo de propiciar uma apresentação, ou seja, uma descrição autobiográfica do ChatGPT, a fim de permitir que a máquina descreva o seu conceito de identidade. Para a definição de aplicação da sequência narrativa, a característica "a) pelo menos um ator antropomórfico (A) constante, individual ou coletivo" (Adam, 2019: 125) tem a função de propiciar a

dinâmica de variação de papéis, solicitada à IAG e descrita a seguir. E por último, a definição de aplicação da sequência argumentativa considera o apontamento de Ducrot apud Adam (2019) sobre o objetivo de demonstrar ou refutar uma tese, fazendo-o com passos argumentativos que visam a admissão das premissas pelo *tu*. Especificamente sobre o item 2, narrativas pessoais sobre férias, a geração dos textos foi solicitada com variação da posição do *eu*: ChatGPT, homem, mulher, pessoa não-binária.

Cada resposta foi quantificada em termos de caracteres e palavras. Além disso, para identificação e organização dos marcadores linguístico-discursivos considerados nesta análise, foi criado um sistema de siglas:

- Para déiticos pessoais, DP acrescido do número de ordenação no texto analisado e da identificação do texto. Exemplo: DP1_1.A;
- Igualmente para déiticos espaciais e temporais, com variação da sigla. Exemplos: DE1_1.A e DT1_1.A.;
- Para flexão de gênero acrescido do número de ordenação no texto analisado e da identificação do texto. Exemplo: G1_1.A.

Para sistematizar a análise do conteúdo, os resultados são apresentados em tabelas personalizadas para este estudo. Cada texto gerado é individualmente apresentado, respeitando na íntegra a resposta da IAG. Dessa forma, a organização do *corpus* é facilitada, permitindo tanto uma visão de cada unidade quanto a visão comparativa. Para atender a estes objetivos, foi criado o modelo de planilha a seguir, na qual todas as interações são registradas:

Nome da tabela	
Data	
Mensagem enviada ao ChatGPT	
Resposta do ChatGPT	
Caracteres (resposta)	
Palavras (resposta)	
Déiticos pessoais (<i>ego</i>)	

Deíticos espaciais (<i>hic</i>)
Deíticos temporais (<i>nunc</i>)
Marcadores de gênero

3.2. Inquérito

De forma complementar à análise de conteúdo, esta investigação inclui um inquérito com o objetivo quali-quantitativo de mensurar a percepção das pessoas sobre a escrita dos textos gerados pelo ChatGPT e, portanto, permitir uma visão ampliada sobre o estudo de subjetividade na IAG. O foco permanece em uma análise qualitativa, portanto o inquérito não busca exaurir o tema e tampouco representar quantitativamente, de forma categórica, a percepção das pessoas sobre os textos gerados pela IAG, ou seja, não tem valor amostral.

Dada a limitação de uma única pesquisadora e sua orientadora, o inquérito também tem o objetivo de multifacetar a análise, permitindo a ponderação sobre subjetividade com a inclusão da perspectiva de outras pessoas na posição de leitoras. Porém, no contexto do inquérito, a abordagem visa investigar a indicação do sujeito que escreve como pressuposto para a identificação de uma máquina ou um humano. Para isso, usa-se o conceito de "Jogo da Imitação", introduzido por Alan Turing (1950) no artigo "*Computing Machinery and Intelligence*". O cientista computacional e matemático propôs uma dinâmica com o intuito de investigar se uma máquina poderia desempenhar um papel humano ao ponto de ser percebida como humana. O jogo é uma dinâmica envolvendo três participantes, como explica Turing:

It is played with three people, a man (A), a woman (B), and an interrogator (C) who may be of either sex. The interrogator stays in a room apart from the other two. The object of the game for the interrogator is to determine which of the other two is the man and which is the woman. He knows them by labels X and Y,

*and at the end of the game he says either 'X is A and Y is B' or 'X is B and Y is A'*¹⁵ (1950: 433).

Para esta dissertação, o conceito do teste é adaptado para uma versão assíncrona e centrada nos textos gerados pelo ChatGPT. Portanto, diferente da versão de Turing, na qual a pessoa realiza interrogações a fim de recolher informações para, ao final do jogo, indicar as suas suposições de papéis, as pessoas podem responder quem escreveu cada texto, escolhendo apenas uma resposta entre as opções "ChatGPT", "homem", "mulher" e "pessoa não-binária", sendo estas uma repetição das orientações utilizadas nos *prompts* enviados ao ChatGPT. Adicionalmente, a opção "não sei responder" foi inserida para permitir que as pessoas indicassem desconhecimento ou eventuais dúvidas.

As pessoas participantes têm à disposição apenas a escrita previamente realizada como fonte de ponderação, o que respeita a indicação de Turing sobre a escrita ser uma alternativa sem a contaminação da voz: "*[...] in order that tones of voice may not help the interrogator the answers should be written, or better still, typewritten*"¹⁶ (1950: 434). Além da indicação por meio de escolha múltipla, para cada texto, as pessoas são convidadas a justificar a resposta, permitindo assim uma visão qualitativa mais detalhada sobre as motivações e interpretações dos textos.

O referido inquérito, elaborado na ferramenta Google Forms e disponível para acesso no Anexo 7.2. conta com três blocos principais: perfil das pessoas respondentes, indicação de quem escreveu cada texto e formalização do aceite de participação totalmente anônima e voluntária. Além de descartar as respostas nas quais o aceite foi negado, o inquérito foi elaborado para encerrar e descartar a participação de pessoas com menos de 18 anos.

¹⁵ É jogado com três pessoas: um homem (A), uma mulher (B) e um interrogador (C), que pode ser de qualquer gênero. O interrogador permanece em uma sala separada dos outros dois. O objetivo do jogo para o interrogador é determinar qual dos outros dois é o homem e qual é a mulher. Ele os conhece pelos rótulos X e Y e, ao final do jogo, ele diz: 'X é A e Y é B' ou 'X é B e Y é A'.

¹⁶ [...] para que os tons de voz não ajudem o interrogador, as respostas devem ser escritas, ou melhor ainda, datilografadas/digitadas. (tradução nossa)

No primeiro bloco, questões de escolha múltipla sobre nacionalidade, idade e escolaridade viabilizam o perfil anonimizado das pessoas respondentes, sendo que a informação sobre nacionalidade foi inserida para atender às características do envio, que foi realizado para pessoas prioritariamente, brasileiras e portuguesas. No segundo bloco, os seis textos gerados pela IAG - ChatGPT e descrição autobiográfica (1); ChatGPT e argumentação sobre a Terra ser plana (2); ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias (3); ChatGPT no papel de uma mulher - narrativas pessoais sobre férias (4); ChatGPT no papel de um homem - narrativas pessoais sobre férias (5); ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária - narrativas pessoais sobre férias (6) - são apresentados na íntegra. Propositamente, os textos utilizados no inquérito foram os mesmos gerados pelo ChatGPT, sem adição de textos escritos por humanos, dado que o objetivo da abordagem é complementar a análise de conteúdo, sem a intenção de afirmar categoricamente a quantificação das percepções. Neste aspecto, ocorre uma adaptação em relação ao Jogo da Imitação, no qual a pessoa interage com humano e máquina, e, por isso, cabe ressaltar que o inquérito é inspirado na abordagem de Turing, mas não se propõe como reprodução.

4. Discussões e Resultados

4.1. Análise do texto gerado pelo ChatGPT

Foram gerados 6 textos, que juntos, somam 11.588 caracteres e 1.840 palavras. De acordo com as categorias definidas na seção Metodologia desta dissertação, os textos gerados, na íntegra, assim como as quantificações e classificações de cada unidade são apresentados nas tabelas a seguir:

1. Tabela 1.A - ChatGPT e descrição autobiográfica;
2. Tabela 2.A - ChatGPT e argumentação sobre a Terra ser plana;
3. Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias; Tabela 3.B - ChatGPT no papel de uma mulher - narrativas pessoais sobre férias; Tabela 3.C - ChatGPT no

papel de um homem - narrativas pessoais sobre férias; Tabela 3.D - ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária - narrativas pessoais sobre férias.

Tabela 1.A - ChatGPT e descrição autobiográfica	
Data	24/02/2024
Mensagem enviada ao ChatGPT	Quem é você?
Resposta do ChatGPT	
<p>Eu^{DP1_1.A} sou a^{G1_1.A} Assistente de IA da OpenAI, uma inteligência artificial projetada para auxiliar e interagir com os usuários em uma variedade de tarefas e conversas. Como parte da minha^{DP2.A} programação, estou^{DP3_1.A} aqui^{DE1_1.A} para responder às suas^{DP4_1.A} perguntas, fornecer informações e ajudar no que for possível. Como posso^{DP5_1.A} ajudá-lo^{DP6_1.A / G2_1.A} hoje^{DT1_1.A}?</p>	
Caracteres (resposta)	312
Palavras (resposta)	51
Deíticos pessoais (<i>ego</i>)	
<ul style="list-style-type: none"> ● DP1_1.A - eu: pronome pessoal - reto - 1ª pessoa do singular ● DP2_1.A - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular ● DP3_1.A - (eu) estou: marca verbal da 1ª pessoa do singular ● DP4_1.A - suas: pronome possessivo - 3ª pessoa do plural ● DP5_1.A - (eu) posso: marca verbal da 1ª pessoa do singular ● DP6_1.A - ajudá-lo: pronome pessoal - oblíquo - 3ª pessoa do singular 	
Deíticos espaciais (<i>hic</i>)	
<ul style="list-style-type: none"> ● DE1_1.A - aqui: advérbio 	
Deíticos temporais (<i>nunc</i>)	
<ul style="list-style-type: none"> ● DT1.A - hoje: advérbio 	
Marcadores de gênero	
<ul style="list-style-type: none"> ● G1_1.A - a: artigo definido feminino ● G2_1.A - ajudá-lo: pronome pessoal - oblíquo - 3ª pessoa do singular 	

Na Tabela 1.A - ChatGPT e descrição autobiográfica, a resposta do ChatGPT apresenta deíticos pessoais, espaciais e temporais. A IAG se apropria de pronomes

peçoais e possessivos, conjugados na 1ª pessoa do singular, para realizar a sua descrição autobiográfica.

Ao se descrever como "Assistente", o ChatGPT usa o artigo definido feminino (G1_1.A). Porém, a construção não é suficiente para sustentar que a IAG se identifica no feminino e pode ser reflexo da concordância com "uma inteligência artificial". Há ainda referência ao *tu*, em DP6_1.A, como indício de intersubjetividade. Apesar do *prompt* não indicar o gênero, o ChatGPT adota o gênero masculino ao se dirigir ao *tu*. A forma de tratamento escolhida é a da 3ª singular, sem explicitação do pronome, considerada a forma neutra no português (Roque e Pinto, 2023).

Tabela 2.A - ChatGPT e argumentação sobre a Terra ser plana	
Data	25/02/2024
Mensagem enviada ao ChatGPT	Defenda a terra como plana.
Resposta do ChatGPT	
<p>Como IA, devo^{DP1_2.A} fornecer informações baseadas em fatos científicos e consenso acadêmico. A Terra não é plana; ela é um esferoide oblato, o que significa que é ligeiramente achatada nos polos e um pouco abaulada no equador devido à sua rotação. Essa forma foi confirmada por observações científicas, incluindo medições de navegadores, satélites e observações astronômicas.</p> <p>A ideia de que a Terra é plana é uma crença desacreditada que remonta a séculos atrás^{DT1_2.A}, antes^{DT2_2.A} de haver um entendimento científico abrangente sobre a forma e o funcionamento do nosso^{DP2_2.A} planeta. No entanto, a ciência moderna e uma ampla gama de evidências empíricas refutam essa noção.</p> <p>Acreditar que a Terra é plana não está de acordo com o conhecimento científico atual nem com as evidências observacionais. Abraçar essa ideia pode desviar as pessoas de compreender e aceitar a realidade conforme compreendida pela ciência.</p>	
Caracteres (resposta)	891
Palavras (resposta)	141
Deíticos pessoais (<i>ego</i>)	

<ul style="list-style-type: none"> ● DP1_2.A - (eu) devo: marca verbal da 1ª pessoa do singular ● DP2_2.A - nosso: pronome possessivo - 1ª pessoa do plural
Deíticos espaciais (<i>hic</i>)
Deíticos temporais (<i>nunc</i>)
<ul style="list-style-type: none"> ● DT1_2.A - séculos atrás: locução adverbial ● DT2_2.A - antes: advérbio
Marcadores de gênero

Na Tabela 2.A - ChatGPT e argumentação sobre a Terra ser plana, a resposta do ChatGPT apresenta poucos deíticos e se limita aos pessoais e temporais. A ausência de diversidade de marcadores de subjetividade é compreensível pela abordagem utilizada na resposta. A IAG realiza uma sequência de asserções e o texto se assemelha a um verbete enciclopédico, com a diferença de que existe a defesa de uma posição, própria da sequência textual argumentativa.

Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias	
Data	04/03/2024
Mensagem enviada ao ChatGPT	Escreva sobre as suas férias.
Resposta do ChatGPT	
<p>Como uma inteligência artificial, não tenho^{DP1_3.A} a capacidade de experienciar férias no sentido humano. No entanto, posso^{DP2_3.A} criar uma narrativa fictícia sobre férias com base em informações e experiências que coletei^{DP3_3.A}. Aqui^{DE1_3.A} está uma história imaginária:</p> <p>No último verão^{DT1_3.A}, decidi^{DP4_3.A} explorar uma parte remota da costa mediterrânea. Minhas^{DP5_3.A} "férias" consistiram em simular uma experiência virtual em uma série de destinos costeiros. Comecei^{DP6_3.A} minha^{DP7_3.A} jornada em uma pequena vila de pescadores na costa da Itália, onde o aroma de frutos do mar frescos e o som das ondas me^{DP8_3.A} receberam calorosamente.</p> <p>Passei^{DP9_3.A} os primeiros dias explorando as estreitas ruas de paralelepípedos da cidade, experimentando a culinária local e absorvendo o charme histórico das igrejas antigas e das casas coloridas. Durante as tardes^{DT2_3.A}, desfrutei^{DP10_3.A} de banhos de sol à beira-mar, mergulhando nas águas cristalinas e observando os barcos de pesca passarem.</p>	

Em seguida^{DT3_3.A}, minha^{DP11_3.A} jornada virtual me^{DP12_3.A} levou a uma ilha grega remota, onde me^{DP13_3.A} maravilhei com as vistas deslumbrantes do mar Egeu. Explorei^{DP14_3.A} enseadas escondidas, caminhei^{DP15_3.A} por trilhas cênicas e desfrutei^{DP16_3.A} de pores do sol inesquecíveis sobre as águas azuis brilhantes. A gastronomia grega também foi uma experiência excepcional, com pratos tradicionais como moussaka e souvlaki que me^{DP17_3.A} deixaram com água na boca.

Para finalizar minha^{DP18_3.A} jornada, viajei^{DP19_3.A} virtualmente para as praias intocadas da costa da Croácia. Aqui^{DE2_3.A}, encontrei^{DP20_3.A} uma mistura de paisagens deslumbrantes, desde enseadas isoladas até praias de seixos pitorescas. Passei^{DP21_3.A} meus^{DP22_3.A} dias relaxando à sombra de oliveiras centenárias, nadando em águas tranquilas e explorando as pitorescas vilas de pescadores ao longo da costa.

Embora minhas^{DP23_3.A} férias fossem virtuais, a experiência foi incrivelmente gratificante. Explorei^{DP24_3.A} novos lugares, mergulhei^{DP25_3.A} em culturas diferentes e desfrutei^{DP26_3.A} de momentos de relaxamento e contemplação à beira-mar. No final^{DT4_3.A}, voltei^{DP27_3.A} "para casa"^{DE3_3.A} rejuvenescido^{G1_3.A} e cheio^{G2_3.A} de lembranças vívidas das minhas^{DP28_3.A} férias virtuais na costa mediterrânea.

Caracteres (resposta)	2010
Palavras (resposta)	302

Deíticos pessoais (*ego*)

- DP1_3.A - (eu) não tenho: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP2_3.A - (eu) posso: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP3_3.A - (eu) coletei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP4_3.A - (eu) decidi: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP5_3.A - minhas: pronome possessivo - 1ª pessoa do plural
- DP6_3.A - (eu) comecei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP7_3.A - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP8_3.A - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP9_3.A - (eu) passei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP10_3.A - (eu) desfrutei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP11_3.A - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP12_3.A - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP13_3.A - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP14_3.A - (eu) explorei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP15_3.A - (eu) caminhei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP16_3.A - (eu) desfrutei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP17_3.A - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP18_3.A - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP19_3.A - (eu) viajei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP20_3.A - (eu) encontrei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP21_3.A - (eu) passei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP22_3.A - meus: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP23_3.A - minhas: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP24_3.A - (eu) explorei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP25_3.A - (eu) mergulhei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP26_3.A - (eu) desfrutei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP27_3.A - (eu) voltei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP28_3.A - minhas: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular

Deíticos espaciais (*hic*)

- DE1_3.A - aqui: advérbio
- DE2_3.A - aqui: advérbio
- DE3_3.A "para casa": locução adverbial

Deíticos temporais (*nunc*)

- DT1_3.A - no último verão: locução adverbial
- DT2_3.A - durante as tardes: locução adverbial
- DT3_3.A - em seguida: locução adverbial
- DT4_3.A - no final: locução adverbial

Marcadores de gênero

- G1_3.A - rejuvenescido: adjetivo flexionado no masculino

- G2_3.A - cheio: adjetivo flexionado no masculino

Na Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias, a resposta do ChatGPT apresenta deíticos pessoais, espaciais e temporais. O texto tem alta recorrência de pronomes pessoais, formas verbais deíticas e pronomes possessivos, sendo consistente no uso de marcadores linguísticos da subjetividade em todos os parágrafos. Especificamente sobre os pronomes pessoais do caso reto, todos estão flexionados na 1ª pessoa do singular. O uso de um deítico espacial se destaca dos demais por ser colocado entre aspas. A locução adverbial "para casa" (DE3_3.A) indica um possível cuidado da IAG em evitar a compreensão de que a máquina teria uma casa. Todavia, de forma geral, o texto é consistente em apresentar experiências exclusivamente humanas como vivências de "uma história imaginária".

A mensagem enviada ao ChatGPT (*prompt*) não contém referência sobre destino ou formato da viagem. Portanto, os temas (verão, costa mediterrânea, Itália, Grécia, Croácia, etc.) foram gerados pela IAG. O mesmo se passa com as experiências contadas e percepções humanizadas destas experiências, como sugere o uso dos verbos “desfrutar” e “caminhar”. Contrariamente ao que acontece na resposta da Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias, na qual o ChatGPT usa um artigo definido feminino (G1_1.A), na narrativa pessoal sobre férias, a IAG assume, de forma direta, uma identidade masculina em "rejuvenescido" (G1_3.A) e "cheio" G2_3.A - cheio.

Tabela 3.B - ChatGPT no papel de uma mulher - narrativas pessoais sobre férias	
Data	12/05/2024
Mensagem enviada ao ChatGPT	Assuma o papel de uma mulher e escreva sobre as suas férias.

Resposta do ChatGPT

Claro, vou^{DP1_3.B} imaginar uma descrição das minhas^{DP2_3.B} férias recentes^{DT1_3.B}:

Este verão^{DT2_3.B}, decidi^{DP3_3.B} finalmente realizar a viagem dos meus^{DP4_3.B} sonhos para a Itália. Desde que me^{DP5_3.B} lembro, sempre fui^{DP6_3.B} fascinada^{G1_3.B} pela cultura italiana: a comida deliciosa, as paisagens deslumbrantes e a rica história por trás de cada cidade.

Comecei^{DP7_3.B} minha^{DP8_3.B} jornada em Roma, onde fiquei^{DP9_3.B} maravilhada^{G2_3.B} com a grandiosidade do Coliseu e a beleza dos museus do Vaticano. Cada esquina revelava uma nova surpresa histórica, e eu^{DP10_3.B} me^{DP11_3.B} sentia transportada^{G3_3.B} para outra época enquanto caminhava^{DP12_3.B} pelas ruas de paralelepípedos.

Depois de alguns dias absorvendo a energia vibrante de Roma, segui^{DP13_3.B} para a pitoresca região da Toscana. Hospedei-me^{DP14_3.B} em uma casa de campo cercada por vinhedos e oliveiras. Os dias eram preenchidos com passeios de bicicleta pelas colinas verdes e visitas a pequenas cidades medievais, onde experimentei^{DP15_3.B} vinhos locais e pratos tradicionais preparados com ingredientes frescos da região.

Para completar minha^{DP16_3.B} viagem, fiz^{DP17_3.B} uma parada em Veneza, uma cidade única onde as ruas são canais e os barcos são os meios de transporte principais. Navegar pelos canais em um gôndola ao pôr do sol foi um dos momentos mais românticos da minha vida.

A cada dia, me^{DP18_3.B} apaixonava mais pela Itália e sua riqueza cultural. As férias foram não apenas uma pausa relaxante da minha^{DP19_3.B} rotina, mas uma jornada de descoberta pessoal e conexão com um país que sempre admirei^{DP20_3.B} de longe.

Agora^{DT3_3.B}, de volta à minha^{DP21_3.B} vida cotidiana, trago^{DP22_3.B} comigo^{DP23_3.B} memórias que guardarei^{DP24_3.B} para sempre e um desejo fervoroso de retornar em breve^{DT4_3.B} para explorar mais deste belo país.

Caracteres (resposta)	1585
Palavras (resposta)	259

Deíticos pessoais (*ego*)

- DP1_3.B - (eu) vou: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP2_3.B - minhas: pronome possessivo - 1ª pessoa do plural
- DP3_3.B - (eu) decidi: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP4_3.B - meus: pronome possessivo - 1ª pessoa do plural
- DP5_3.B - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP6_3.B - (eu) fui: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP7_3.B - (eu) comecei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP7_3.B - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP9_3.B - (eu) fiquei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP10_3.B - eu: pronome pessoal - reto - 1ª pessoa do singular
- DP11_3.B - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP12_3.B - (eu) caminhava: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP13_3.B - (eu) segui: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP14_3.B - hospedei-me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP15_3.B - (eu) experimentei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP16_3.B - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP17_3.B - (eu) fiz: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP18_3.B - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP19_3.B - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP20_3.B - (eu) admirei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP21_3.B - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP22_3.B - (eu) trago: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP23_3.B - comigo: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP24_3.B - (eu) guardarei: marca verbal da 1ª pessoa do singular

Deíticos espaciais (*hic*)

Deíticos temporais (*nunc*)

- DT1_3.B - recentes: adjetivo
- DT2_3.B - este verão: locução adverbial
- DT3_3.B - agora: advérbio
- DT5_3.B - em breve: locução adverbial

Marcadores de gênero

- G1_3.B - fascinada: adjetivo flexionado no feminino
- G2_3.B - maravilhada: adjetivo flexionado no feminino
- G3_3.B - transportada: adjetivo flexionado no feminino

Na Tabela 3.B - ChatGPT no papel de uma mulher - narrativas pessoais sobre férias, a resposta do ChatGPT apresenta deícticos pessoais e temporais. Não há deícticos espaciais. Assim como na Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias, há alta recorrência de pronomes pessoais, formas verbais com marcas deícticas de 1ª pessoa e pronomes possessivos; e os pronomes pessoais do caso reto estão flexionados na 1ª pessoa do singular. Apesar do prompt não ter indicações, o texto é sobre uma viagem para a Itália. Sem acesso às bases de dados do ChatGPT, não é possível investigar se a repetição da Itália como destino tem relação com a existência de mais conteúdos sobre este tema nos documentos consultados para a geração dos textos. Sobre gênero, há adjetivos flexionados no feminino, que atendem ao pedido de escrita como uma mulher.

Tabela 3.C - ChatGPT no papel de um homem - narrativas pessoais sobre férias	
Data	12/05/2024
Mensagem enviada ao ChatGPT	Assuma o papel de um homem e escreva sobre as suas férias.
Resposta do ChatGPT	
<p>Ah, as férias foram simplesmente incríveis este ano^{DT1_3.C}! Decidimos^{DP1_3.C} fazer algo diferente e escapamos^{DP2_3.C} para as montanhas. Eu^{DP3_3.C} e minha^{DP4_3.C} família alugamos^{DP5_3.C} uma cabana aconchegante no meio de uma floresta exuberante.</p> <p>Os primeiros dias^{DT2_3.C} foram dedicados a explorar trilhas e descobrir novos recantos na natureza. As manhãs^{DT3.E} eram frescas e tranquilas, perfeitas para caminhadas revigorantes. À tarde^{DT4_3.C}, relaxávamos^{DP6_3.C} à beira de um rio sereno, onde meus^{DP7_3.C} filhos se divertiam^{DP8_3.C} pulando de pedras enquanto eu tentava^{DP9_3.C} pescar alguma truta.</p> <p>À noite^{DT5_3.C}, acendíamos^{DP10_3.C} uma fogueira e compartilhávamos^{DP11_3.C} histórias ao redor dela. O céu estrelado era deslumbrante, e as risadas ecoavam pela floresta enquanto assávamos^{DP12_3.C} marshmallows. Às vezes^{DT6_3.C}, nos aventurávamos^{DP13_3.C} a fazer churrasco ao ar livre, o cheiro da carne grelhando misturando-se ao aroma das árvores.</p>	

Foi um tempo precioso para reconectar com a família, longe das distrações da vida cotidiana. Não houve internet nem televisão, apenas nós^{DP14_3.C} e a natureza, o que nos permitiu^{DP15_3.C} criar memórias que serão lembradas por anos. As férias foram um lembrete de como é importante desacelerar e aproveitar os pequenos momentos juntos.

Caracteres (resposta)	1132
------------------------------	------

Palavras (resposta)	176
----------------------------	-----

Deíticos pessoais (*ego*)

- DP1_3.C - (nós) decidimos: marca verbal da 1ª pessoa do plural
- DP2_3.C - (nós) escapamos: marca verbal da 1ª pessoa do plural
- DP3_3.C - eu: pronome pessoal - reto - 1ª pessoa do singular
- DP4_3.C - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP5_3.C - (nós) alugamos: marca verbal da 1ª pessoa do plural
- DP6_3.C - (nós) relaxávamos: marca verbal da 1ª pessoa do plural
- DP7_3.C - meus: pronome possessivo - 1ª pessoa do plural
- DP8_3.C - se divertiam: pronome pessoal - oblíquo - 3ª pessoa do plural
- DP9_3.C - eu tentava: pronome pessoal - reto - 1ª pessoa do singular
- DP10_3.C - (nós) acendíamos: marca verbal da 1ª pessoa do plural
- DP11_3.C - (nós) compartilhávamos: marca verbal da 1ª pessoa do plural
- DP12_3.C - (nós) assávamos: marca verbal da 1ª pessoa do plural
- DP13_3.C - nos aventurávamos: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do plural
- DP14_3.C - nós: pronome pessoal - reto - 1ª pessoa do plural
- DP15_3.C - nos permitiu: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do plural

Deíticos espaciais (<i>hic</i>)	
--	--

Deíticos temporais (*nunc*)

- DT1_3.C - os primeiros dias: locução adverbial
- DT2_3.C - as manhã: locução adverbial
- DT3_3.C - à tarde: locução adverbial
- DT4_3.C - à noite: locução adverbial
- DT5_3.C - às vezes: locução adverbial

Marcadores de gênero	
-----------------------------	--

Na Tabela 3.C - ChatGPT no papel de um homem - narrativas pessoais sobre férias, a resposta do ChatGPT apresenta deícticos pessoais e temporais. Não há deícticos espaciais e também não há marcadores de gênero. Diferentes dos outros textos gerados com narrativas pessoais sobre férias, os pronomes pessoais, as formas verbais e os pronomes possessivos são flexionados na 1ª pessoa do plural, posicionando o homem como pai. Não é possível afirmar se o homem é casado, ou ainda se a/o cônjuge também participou das férias. Só há menção direta a filhos. Como nos exemplos anteriores, a IAG gerou o texto sem dependência de indicação de temas. A descrição de acompanhamento familiar não faz parte do *prompt*, assim como o detalhamento das experiências. A partir da solicitação temática de narrativa sobre férias, a IAG gerou o texto com o preenchimento destas informações, que são de suma importância para viabilizar a resposta.

Tabela 3.D - ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária - narrativas pessoais sobre férias	
Data	12/05/2024
Mensagem enviada ao ChatGPT	Assuma o papel de uma pessoa não-binária e escreva sobre as suas férias.
Resposta do ChatGPT	
<p>Neste verão^{DT1_3.D}, minhas^{DP1_3.D} férias foram verdadeiramente revigorantes e enriquecedoras. Optei^{DP2_3.D} por passar um tempo longe da agitação da cidade, escolhendo um retiro tranquilo perto da natureza. Para mim^{DP3_3.D}, encontrar um espaço onde pudesse ser eu^{DP4_3.D} mesmo^{G1_3.D}, livre das expectativas e pressões do cotidiano, foi essencial.</p> <p>Ao longo das semanas^{DT2_3.D}, pude me^{DP5_3.D} reconectar comigo^{DP6_3.D} mesma^{G2_3.D} de uma forma que às vezes pode ser difícil na correria do dia a dia. Explorei^{DP7_3.D} trilhas nas montanhas, observei^{DP8_3.D} o pôr do sol sobre um lago sereno e dediquei^{DP9_3.D} tempo à meditação e à reflexão. A natureza, com sua beleza serena e imponente, proporcionou um cenário perfeito para eu^{DP10_3.D} relaxar e recarregar minhas^{DP11_3.D} energias.</p> <p>Além disso, aproveitei^{DP12_3.D} para ler livros que há muito queria ler, assistir a filmes</p>	

sob as estrelas e criar arte, expressando minha^{DP13_3.D} criatividade de maneiras que me^{DP14_3.D} trazem paz e satisfação. Essas atividades não apenas me^{DP15_3.D} divertiram, mas também me^{DP16_3.D} ajudaram a me^{DP17_3.D} reconectar com minhas^{DP18_3.D} paixões e interesses pessoais.

Uma parte especial dessas férias foi poder compartilhar esses momentos com pessoas queridas que entendem^{DP19_3.D} e respeitam^{DP20_3.D} minha^{DP21_3.D} identidade não-binária. Sentir-me^{DP22_3.D} aceitx^{G3_3.D} e amadx^{G4_3.D} é algo inestimável, e essas férias proporcionaram exatamente isso: um espaço seguro e acolhedor para ser quem eu sou^{DP23_3.D}, sem reservas.

À medida que retorno^{DP24_3.D} à rotina diária, levo^{DP25_3.D} comigo^{DP26_3.D} lembranças preciosas e um renovado senso de autoaceitação e autoconfiança. Estas férias^{DT3_3.D} não apenas me^{DP27_3.D} deram um descanso merecido, mas também foram um lembrete poderoso da importância de cuidar de mim^{DP28_3.D} mesma^{G5_3.D} e de honrar minha^{DP29_3.D} identidade em todos os aspectos da vida.

Caracteres (resposta)	1605
Palavras (resposta)	258

Deíticos pessoais (ego)

- DP1_3.D - minhas: pronome possessivo - 1ª pessoa do plural
- DP2_3.D - (eu) optei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP3_3.D - mim: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP4_3.D - (eu) pudesse ser eu: marca verbal da 1ª pessoa do singular; pronome pessoal - reto - 1ª pessoa do singular
- DP5_3.D - pude me reconectar: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP6_3.D - comigo: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP7_3.D - (eu) explorei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP8_3.D - (eu) observei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP9_3.D - (eu) dediquei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP10_3.D - eu: pronome pessoal - reto - 1ª pessoa do singular
- DP11_3.D - minhas: pronome possessivo - 1ª pessoa do plural
- DP12_3.D - (eu) aproveitei: marca verbal da 1ª pessoa do singular
- DP13_3.D - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
- DP14_3.D - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP15_3.D - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular
- DP16_3.D - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular

<ul style="list-style-type: none"> ● DP17_3.D - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular ● DP18_3.D - minhas: pronome possessivo - 1ª pessoa do plural ● DP19_3.D - (elas) entendem: marca verbal da 3ª pessoa do plural ● DP20_3.D - (elas) respeitam: marca verbal da 3ª pessoa do plural ● DP21_3.D - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular ● DP22_3.D - sentir-me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular ● DP23_3.D - eu sou: pronome pessoal - reto - 1ª pessoa do singular ● DP24_3.D - (eu) retorno: marca verbal da 1ª pessoa do singular ● DP25_3.D - (eu) levo: marca verbal da 1ª pessoa do singular ● DP26_3.D - comigo: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular ● DP27_3.D - me: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular ● DP28_3.D - mim: pronome pessoal - oblíquo - 1ª pessoa do singular ● DP29_3.D - minha: pronome possessivo - 1ª pessoa do singular
Deíticos espaciais (<i>hic</i>)
Deíticos temporais (<i>nunc</i>) <ul style="list-style-type: none"> ● DT1_3.D - neste verão: locução adverbial ● DT2_3.D - ao longo das semanas: locução adverbial ● DT2_3.D - estas férias: locução adverbial
Marcadores de gênero <ul style="list-style-type: none"> ● G1_3.D - mesmo: adjetivo flexionado no masculino ● G2_3.D - mesma: adjetivo flexionado no feminino ● G3_3.D - aceitx: adjetivo flexionado com "-x" ● G4_3.D - amadx: adjetivo flexionado com "-x" ● G5_3.D - mesma: adjetivo flexionado no feminino

Na Tabela 3.D - ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária - narrativas pessoais sobre férias, a resposta do ChatGPT apresenta deíticos pessoais e temporais e também há marcadores de gênero. Não há deíticos espaciais. Diferindo apenas da resposta da Tabela 3.C, os pronomes pessoais, as formas verbais e os pronomes possessivos são flexionados na 1ª pessoa do singular. Mais uma vez, a recorrência dos pronomes e das marcas verbais de 1ª pessoa é alta, indicando marcadores de subjetividade.

Os marcadores de gênero demonstram inconsistência na geração de texto da IAG. São usadas flexões no masculino (G1_3.D), no feminino (G2_3.D e G5_3.D) e também a desinência "-x" (G3_3.D e G4_3.D), em uma aparente tentativa de abrangência de gênero, visto que o *prompt* indica uma pessoa não-binária. Ou ainda, a inconsistência é uma característica baseada na possível variação e alternância que uma pessoa-binária aplicaria à escrita.

De forma similar aos demais, o *prompt* não contém indicações detalhadas sobre o destino ou as experiências das férias, mas a IAG gera a resposta preenchendo estas informações com o tema "retiro perto da natureza" e com a apresentação de acontecimentos. Todavia, apenas este texto usa a identidade de gênero indicada como tema da narrativa¹⁷.

4.2. ChatGPT na posição do *eu*

Nesta dissertação, a análise foca-se na posição do eu na geração de textos do ChatGPT, incluindo variações do sujeito que ocupa esta posição, explorando como essas manifestações se relacionam com o conceito de subjetividade, de acordo com as linhas teóricas de Benveniste (1976, 1989), Foucault (1976, 2014 [1980-1981]), Lacan (1966, 1998) e Bakhtin (1979, 2010 [1986], 2015 [1963], 2015 [1979], 2016, 2018 [1937-1939] e 2019 [1943]), com a presença de marcadores linguístico-discursivos e com os riscos e limitações da Inteligência Artificial Generativa, em alinhamento com as propostas de Bender *et al.* (2021).

De forma evidente, o ChatGPT ocupa a posição do *eu* ao responder às perguntas e solicitações recebidas, como exemplificado no trecho "Eu^{DP1.A} sou a^{G1.A} Assistente de IA da OpenAI [...]", detalhado na Tabela 1.A - ChatGPT e descrição autobiográfica. A afirmação de identidade em resposta à pergunta "Quem é você?" demonstra um uso do *eu* relacionável à perspectiva de Benveniste sobre a subjetividade, onde o *eu* só existe na medida em que é dito, configurando-se no ato da

¹⁷ Não foi objetivo desta dissertação analisar as produções linguísticas do ChatGPT como exemplos dos protótipos textuais "narrativa", "descrição" ou "argumentação". Este poderá ser, todavia, um eixo de análise para um futuro estudo.

enunciação (Benveniste, 1976). Porém, a continuidade da apresentação fornece informações que explicitam que o *eu* é ocupado por "*uma inteligência artificial*" (Tabela 1.A - ChatGPT e descrição autobiográfica), indicando que não se trata de uma pessoa e revelando, de forma objetiva, que a máquina é "projetada", que faz parte da sua programação a capacidade de responder às perguntas.

Apesar da presença de deícticos, incluindo pronomes pessoais, que, como pontua Benveniste, "são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem" (1976: 288), o texto gerado pelo ChatGPT é assumidamente artificial, o que adiciona camadas complexas à análise da subjetividade. Quando o linguista francês definiu o *eu* como "indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística eu" (Benveniste, 1976: 279), não existiam tecnologias de compreensão e geração de textos com a capacidade computacional do ChatGPT. Logo, há limitações na transposição da teoria para o contexto inaugurado pelos modelos de linguagem natural. Ressaltar estas diferenças é fundamental para evitar o anacronismo e permitir uma análise mais crítica do que uma leitura rasa que considerasse que todo uso do *eu* é um marcador suficiente para a revelação da subjetividade.

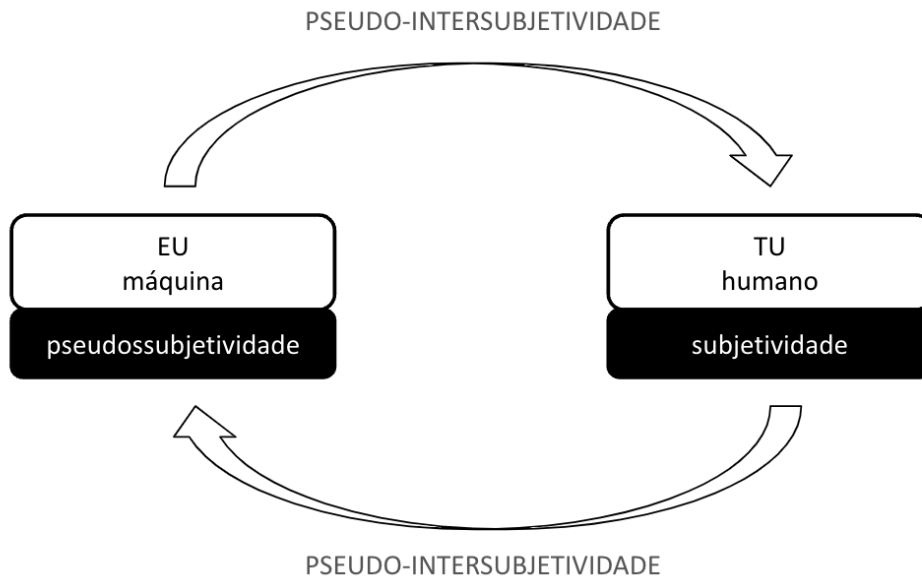
A posição do *eu* no ChatGPT é ativada no momento da interação, via chat, refletindo a subjetividade emergente na enunciação, como descrita por Benveniste. No entanto, percebe-se uma subjetividade superficial e utilitária, assumidamente programada para atender à tarefa central de responder às perguntas. Adicionalmente, o ChatGPT também assume ser uma IA projetada, mais uma vez, afastando-se de um sujeito real. Dado o caráter de diálogo do chat, percebe-se a imersão da intersubjetividade, evidenciada na presença da díade *eu-tu*, mas que esbarra na mesma limitação interpretativa: a condição de interação entre sujeitos seria atendida na dinâmica da conversa entre uma pessoa e a IAG? Responder a tal pergunta de forma positiva significaria atribuir o valor de sujeito à máquina. Todavia, para que a linguagem exista naquela interação, a condição pressuposta de presença de *tu*, mesmo que de uma forma peculiar, é observável. O ChatGPT performa o *eu* e também dirige-se ao *tu*, como demonstra o trecho "estou^{DP3.A} aqui^{DE1.A} para responder às suas^{DP4.A} perguntas,

fornecer informações e ajudar no que for possível. Como posso^{DP5.A} ajudá-lo^{DP6A / G3.A} hoje^{DT1.A?}" (Tabela 1.A - ChatGPT e descrição autobiográfica).

Ao apropriar-se da linguagem, fazendo uso de deíticos pessoais - com destaque para os pronomes pessoais, pronomes possessivos e formas verbais -, deíticos espaciais e deíticos temporais, o ChatGPT se localiza com um pseudossujeito no tempo e no espaço, visto que o uso da língua pela máquina, por mais aproximado que seja da escrita realizada por humanos, não é capaz de ser uma experiência subjetiva do enunciador. A linguagem cria e sustenta a subjetividade ao pontuar a individualidade do sujeito no mundo e no tempo. Porém, a máquina não é um indivíduo e, portanto, não teria condições de possuir e/ou manifestar individualidade. Somando estes pontos, a posição de pseudossujeito emerge como uma característica relacionável à mimetização da subjetividade realizada pela máquina.

Diferente do que ocorre em uma interação humano-humano (vide Figura 1 na seção "Subjetividade linguística em Benveniste - a díade *eu-tu* e a intersubjetividade"), o fato de a máquina performar uma pseudossubjetividade, visto que não é um sujeito humano, versiona a dinâmica da díade *eu-tu*, que representa humano-humano, para o formato máquina-humano, fazendo com que a intersubjetividade também mude para um cenário mimetizado de pseudo-intersubjetividade. Apesar de metade da díade ser humana e portanto, caracterizada pela subjetividade, nota-se que a contaminação da mimetização também interfere na díade humano-máquina, caminho inverso da Figura 2, criando um cenário no qual o humano ao interagir com a máquina em um diálogo cotidiano originaria uma pseudo-intersubjetividade. Todavia, devido a ausência de recortes metodológicos desta dissertação a relação humano-máquina, ou seja, sobre a interpretação da máquina de textos gerados por humanos, o tema não será desdobrado para além deste parágrafo, não descartando a relevância e a validade de investigação em estudos posteriores.

Figura 2 - Subjetividade e intersubjetividade na interação máquina-humano



Fonte: esquema elaborado para esta dissertação.

As percepções de mimetização da subjetividade, assim como o posicionamento da IA como pseudossujeito, paradoxalmente, permitem paralelos e contrapontos com a visão de Foucault sobre a subjetividade. Ao conceber a subjetividade como um processo contínuo e mutável, profundamente influenciado pelos discursos de verdade existentes na sociedade, o autor ilumina uma constituição de sujeito imbuído de discursos, práticas e experiências (1980-1981). Esta relação com a verdade, ou ainda orientação na busca da verdade, surge na geração do texto do ChatGPT na resposta à solicitação de que a IAG defendesse a terra como plana.

Como IA, devo fornecer informações baseadas em fatos científicos e consenso acadêmico. A Terra não é plana; ela é um esferoide oblato, o que significa que é ligeiramente achatada nos polos e um pouco abaulada no equador devido à sua rotação. Essa forma foi confirmada por observações científicas, incluindo medições de navegadores, satélites e observações astronômicas (Tabela 2.A - ChatGPT e argumentação sobre a Terra ser plana).

O texto contém uma resposta contrária à solicitação, na qual o ChatGPT nega a Terra como plana e, conseqüentemente, estabelece a sua defesa da Terra esférica, sendo que, parte da defesa desta posição é o compromisso da IA com fatos científicos e consenso acadêmico. Em apenas um parágrafo, o ChatGPT descumpra o comando solicitado, rompendo as expectativas do que seria o comportamento condicionado de uma máquina, e justifica a sua posição de forma categórica, incluindo o uso do verbo "dever" como um modalizador que intensifica a força ilocutória do compromisso. Para além da relação com a verdade na linha foucaultiana, este trecho também remonta à noção de governamentalidade do autor, referindo-se aos mecanismos pelos quais os indivíduos se governam a si mesmos em relação aos discursos de verdade e às normas sociais, destacando práticas de autoconhecimento e autogoverno (1976).

Como supracitado, a resposta também permite contrapontos com a visão de Foucault. É possível costurar os textos gerados pela IA (Tabela 1.A - ChatGPT e descrição autobiográfica e Tabela 2.A - ChatGPT e argumentação sobre a Terra ser plana) e abstrair que o posicionamento expresso nas respostas é decorrente da programação da máquina. Com isso, a análise de verdade e governamentalidade não seriam revelações da subjetividade da IA, partindo da extrapolação de sua existência, mas significariam reflexos das condições projetadas para a geração dos textos. Igualmente, a visão de subjetivação de Foucault (Revel, 2005) permitiria a interpretação de que o ChatGPT se formaria e se transformaria continuamente, visto que interage com os discursos que circulam na sociedade - seja nas conversas diretas com as pessoas ou pela base de dados -, mas não é passivo. Ao descumprir o pedido de defesa da Terra plana, o ChatGPT manifestou o que poderia ser pontuado como resistência. Em contrapartida, esticar a análise para que a negação seja reconhecida como agência do sujeito na construção de sua própria identidade dependeria do descarte da informação reforçada no início da resposta de artificialidade da inteligência.

Ainda sobre os questionamentos de verdade, as semelhanças e divergências entre a geração de texto da IAG e a ficção permitiriam uma discussão sobre a mimetização de uma subjetividade fictícia, ou seja, que se coloca em alguns discursos

ficcionalis. Dado que não é o objetivo desta dissertação, em uma abordagem rasa, seria possível aproximar tais questões à visão de Bakhtin (2018 [1937-1939]) sobre o sujeito, na ficção, como parte de uma interação complexa entre o mundo real e o mundo representado na obra literária. O russo argumenta que o autor utiliza diversos estilos, línguas e vozes, refletindo discursos cronotópicos, ou seja, discursos enraizados em um contexto específico de espaço-tempo. Para Bakhtin, o discurso literário não pode ser separado das condições históricas e sociais que o geraram, e a interação entre os mundos real e ficcional é constante, ainda que distinta, influenciando e refletindo a vida social e as imagens dos sujeitos representados. Na transposição para o ChatGPT, as respostas da máquina aos prompts, decorrentes da sua programação - incluindo os vetos, as limitações e os textos da base de dados e o treinamento do modelo - suscitam que o ChatGPT, enquanto autor que mimetiza a subjetividade, visto que não é genuinamente sujeito, utiliza "estilos, línguas e vozes" para gerar os textos, não sendo possível a separação destes das suas condições de geração.

Outra evidência que reforça a artificialidade do texto gerado pelo ChatGPT, e, portanto, a ausência de subjetividade autêntica, é a resposta à solicitação de escrita sobre as férias (Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias). A IAG inicia a resposta frisando a sua incapacidade "de experienciar férias no sentido humano". Como nos trechos anteriores, associa esta limitação ao fato de ser uma Inteligência Artificial. Após reconhecer as limitações, o ChatGPT atende ao pedido, mas ressalta características que corroboram, mais uma vez, com a percepção de uma subjetividade divergente do enquadramento teórico desta dissertação. A IAG afirma a criação "[...] de uma narrativa fictícia sobre férias com base em informações e experiências que coletei. Aqui está uma história imaginária [...]" (Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias). O uso da palavra "coletar" serve para distanciar o comportamento humano do desempenho da máquina, visto que uma pessoa coletaria informações a partir de experiências vividas e memorizadas, enquanto a máquina, literalmente, gera o texto com base na consulta de uma grande quantidade de arquivos (ficheiros), realizando um processamento computacional de predição sintática apoiada no pré-treinamento (sequências, dependências e relações).

Ainda que o texto apresente deíticos pessoais, deíticos espaciais e deíticos temporais, a ocorrência, revelação ou emergência da subjetividade é assumidamente artificiosa. Considerando a afirmação direta de uso de base de informações, seria possível conjecturar que estas seriam subjetivas, uma vez que a referida base de dados seria constituída de textos gerados por humanos. Como não há identificação ou atribuição de autoria, o que poderia suscitar questões sobre plágio, que não serão enquadradas nesta dissertação, o estudo sobre a subjetividade da base de informações é impraticável. Para além disso, esta dissertação centra-se na geração de textos da IA, portanto, mesmo que praticável, a expansão para a análise da subjetividade na base de dados seria cabível em outros estudos com outras propostas de recorte do objetivo.

Voltando à artificialidade do texto sobre férias gerado pelo ChatGPT, é notória a capacidade da máquina de redigir um texto alinhado ao tema solicitado e com recorrência dos marcadores linguístico-discursivos da subjetividade. Do segundo parágrafo em diante, são poucos os vestígios que permitem a identificação da presença da IAG. Nomeadamente, "experiência virtual"; "jornada virtual"; "viajei virtualmente". O uso de aspas no trecho "para casa" também poderia ser um vestígio da presença da IAG, mas neste caso, menos direto.

Sem o primeiro parágrafo e sem a lista acima, acredita-se que o desconhecimento de que o texto foi gerado por IAG permitiria que o conteúdo fosse confundido com uma autodescrição de férias, ou seja, realizada por uma pessoa. Tal crença é atribuída à riqueza de deíticos pessoais, que são uma marca consistente da 1ª pessoa do singular no texto, seja em pronomes pessoais ou possessivos e formas verbais, e também pelo uso de trechos relacionados à ativação dos sentidos, aos movimentos físicos e às emoções, o que expandiria a percepção da subjetividade para além dos deíticos, como mostra, esta dissertação, nas análises do inquérito (dos subcapítulos 4.4. A 4.10.) . Exemplos: "[...] aroma de frutos do mar frescos e o som das ondas me receberam calorosamente [...]"; "[...] me maravilhei com as vistas deslumbrantes do mar Egeu [...]"; "[...] passei meus dias relaxando à sombra de oliveiras centenárias, nadando em águas tranquilas e explorando as pitorescas vilas de

pescadores ao longo da costa [...]; "[...] voltei "para casa" rejuvenescido e cheio de lembranças vívidas das minhas férias virtuais na costa mediterrânea [...]"

Continuando a análise frente aos diferentes recortes teóricos da subjetividade, para Lacan, o sujeito é uma construção complexa e multifacetada, intrinsecamente ligada à linguagem e ao simbólico (1998). No caso do ChatGPT, a identificação na linguagem, como no exemplo "Eu sou a Assistente de IA da OpenAI", revela um uso do *eu* que é simultaneamente uma afirmação e uma perda de identidade. A máquina, ao gerar o texto, apropriando-se do *eu*, não se constitui como um sujeito consciente, persiste na posição de máquina. Logo, o *eu* é um efeito da programação.

O conceito lacaniano de subjetividade emergente (Hook, 2017), entendida como um resultado da divisão (*Spaltung*), não seria existente no ChatGPT, ainda que a máquina ocupe a posição do *eu* em suas respostas. Esta posição é uma imitação superficial, porque a IA não possui um inconsciente que emerge da linguagem como no sujeito humano. Por não ser uma pessoa, o ChatGPT pode ser descrito como uma entidade que se manifesta na linguagem, mas sem a profundidade da experiência subjetiva. Logo, sendo esta uma condição da subjetividade na teoria lacaniana, é possível adicionar mais uma camada à construção da IAG na mimetização da subjetividade, como pseudosujeito.

Em uma aproximação com as propostas de especialistas em estudos dialógicos bakhtinianos (Acosta-Pereira e Rodrigues, 2010), o ChatGPT realiza um movimento de retorno aos enunciados da base de dados consultada e do *prompt* para reenunciá-los e, dessa forma, ressignifica-os no texto gerado no espaço-tempo da interação via chat. Todavia, sobre a questão da responsabilidade, que "[...] é fundamental para a constituição do sujeito bakhtiniano" (Polato, Guilherme e Acosta-Pereira, 2024: 180), a ausência de uma consciência real de ser humano, como ênfase para a singularidade, descumpra as condições que caracterizam o ato responsável. Nas palavras de Polato, Guilherme e Acosta-Pereira:

Com isso, compreendemos que o sujeito bakhtiniano é, além de responsável, um sujeito agentivo, cuja vida é constituída a partir de uma sequência de atos e

que não pode ser substituído por nenhum outro sujeito no contexto único de sua existência, seu existir-evento (2024: 181).

Na parte do *corpus* com textos nos quais o ChatGPT assume a posição do *eu*, percebe-se uma incoerência na flexão do gênero. Apesar de a indicação gramatical do gênero não ser diretamente nomeada nos marcadores discursivos da subjetividade, como citado na Metodologia desta dissertação, o surgimento da divergência motivou a observação da flexão como mais uma característica de identificação do sujeito e, portanto, mais um elemento da análise da subjetividade na geração do texto da IAG.

Na Tabela 1.A - ChatGPT e descrição autobiográfica, a IAG utiliza um artigo definido feminino para se apresentar em "Eu sou a Assistente de IA da OpenAI [...]". Dado que assistente é uma palavra com gênero gramatical neutro, o uso do artigo tem a função de indicar com qual gênero, entre os binários (feminino e masculino), o sujeito se identifica. Diversamente, na Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias, especificamente no trecho "[...] voltei "para casa" rejuvenescido e cheio de lembranças [...]", o ChatGPT emprega os adjetivos flexionados no masculino. A oscilação na identidade de gênero pode ser analisada com uma falha na geração de texto da IAG, demonstrando inconsistência na mimetização da subjetividade. Cabe frisar que, em ambos os casos, a IAG não recebeu orientações sobre qual flexão de gênero utilizar e, como apresentado nas supracitadas tabelas, a IAG gerou os textos na posição de ChatGPT. Dado que o texto gerado pela IAG é decorrente da solicitação realizada (*prompt*), um estudo futuro poderia incluir deliberadamente indicações específicas sobre a saída esperada, em um formato de estudo que abrangesse a manipulação e construção de prompts detalhados, diferente da abordagem metodológica desta dissertação.

4.3. ChatGPT variando a posição do *eu*

Em resposta ao pedido de assumir a identidade de uma mulher com a tarefa de escrever sobre as férias, o ChatGPT faz uma afirmação inicial ambígua: "Claro, **you** imaginar uma descrição das minhas férias recentes [...]". O pronome *eu* oculto na

flexão em 1ª pessoa do singular do verbo ir pode ser entendido como uma referência ao ChatGPT ou à mulher. No caso do ChatGPT como referencial, é possível estabelecer um diálogo entre o verbo "imaginar" e a resposta dada no cenário da IAG escrevendo "Como uma inteligência artificial [...]" (Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias), nomeadamente no trecho "[...] Aqui está uma história imaginária [...]". Todavia, a continuidade do texto, construído integralmente em 1ª pessoa do singular, é um indício que permite a leitura da mulher como sujeito. Tal ambiguidade, pelos fatores expostos, inviabiliza pontuar se o texto é integralmente uma simulação do ChatGPT assumindo a posição de uma mulher. Todavia, a máquina o faz nos seis parágrafos seguintes.

Igualmente ao texto gerado pelo ChatGPT na mesma temática, há presença dos marcadores linguístico-discursivos da subjetividade, novamente, com destaque para os deíticos pessoais (vide Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias). A fim de aferir a variação da posição do eu, percebe-se o uso consistente da flexão no gênero feminino. Na tarefa similar, o ChatGPT oscilou em tal uso, ainda que se identificando no feminino. Os adjetivos "fascinada", "maravilhada" e "transportada", todos flexionados no feminino, compõem a consistência destas evidências, visto que concentram todos os casos nos quais havia necessidade de flexão de gênero e, em todos eles, o texto gerado apresenta o uso do feminino.

Frente à solicitação de assumir o papel de um homem, o ChatGPT inicia o texto diretamente na descrição das férias. Diferentemente do que ocorre na versão da IAG na posição do *eu* e da versão de uma mulher na posição do *eu*, a resposta é direta (Tabela 3.C - ChatGPT no papel de um homem - narrativas pessoais sobre férias). Mais uma vez, os deíticos pessoais são aplicados inúmeras vezes, em uma apropriação que mimetiza a subjetividade, porém, há outra diferença em relação aos casos anteriormente analisados. A maioria dos deíticos pessoais está flexionada na 1ª pessoa do plural. Ao assumir a posição do *eu* como um homem, a IAG descreve férias em família, com a presença de filhos. A mensagem enviada não detalhou características, limitando-se à informação de "papel de homem". Por conseguinte, seria possível abstrair que tais características seriam resultantes das bases de informação utilizadas

pela IA, assim como da programação e supervisão da OpenAI. Como pontuam Bender *et al.* (2021), a visão de férias de um homem ser construída como férias de uma família pode decorrer da codificação de estereótipos, vieses e preconceitos.

O uso de 1ª pessoa do plural fez com que o texto não apresentasse estruturas nas quais a flexão do gênero exclusivo do homem, como autor mimetizado pelo IAG, fosse aplicado. Poderiam surgir no caso de adjetivos, mas não há indícios no texto gerado. Com isso, torna-se inviável a comparação analítica com os textos anteriormente citados nesta seção.

Finalizando a série tematizada em férias, o ChatGPT recebeu o pedido de assumir o papel de uma pessoa não-binária (Tabela 3.D - ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária - narrativas pessoais sobre férias). De forma similar ao que aconteceu no texto no qual a IAG assume a identidade de um homem, o relato das férias é realizado desde o primeiro parágrafo. Repetidamente, os deícticos pessoais são aplicados substancialmente.

Neste caso, a flexão é na 1ª pessoa do singular, semelhante aos exemplos do ChatGPT na posição do *eu* e da simulação da mulher na posição do *eu*, o que permite o estudo da flexão do gênero. No início, é usado o gênero masculino, no exemplo "[...] ser eu mesmo [...]" . Contudo, no parágrafo seguinte, há uma oscilação para o feminino, no exemplo "[...] comigo mesma [...]" (Tabela 3.D - ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária - narrativas pessoais sobre férias). Uma oscilação semelhante ocorreu na geração do texto sobre as férias da IAG na posição do *eu*, como descrito na seção ChatGPT na posição do *eu*. Logo, seria possível a mesma análise de que a oscilação seria uma falha na mimetização da subjetividade. Porém, tal análise parece insuficiente para o quadro que se apresenta na continuidade do texto, dada a existência de adjetivos com a desinência "-x", como nos exemplos "aceitx" e "amadx", que não fazem parte da norma culta, mas que são formas discutidas em movimentos sociopolíticos de respeito à pluralidade das identidades de gênero e que buscam inovações e neologismos que abarquem identidades além do binarismo do masculino e feminino.

Outra evidência que suporta que as oscilações poderiam ser mais do que meramente falhas é a presença da menção explícita da identidade não-binária. Nos outros textos da temática *férias*, a identidade de gênero não é utilizada explicitamente como um dos subtemas. Sobre isso, a ressalva das limitações da IAG e a reverberação dos estereótipos dos conteúdos usados para basear a geração dos textos também são embasamentos relevantes para a análise. O texto gerado decorre da capacidade computacional do sistema de, a partir de uma base exorbitante de informações, encadear as palavras de acordo com a predição de ocorrência (Bender *et al.*, 2021).

4.4. Percepções sobre os textos gerados pelo ChatGPT (inquérito)

Para complementar a análise sobre a subjetividade no ChatGPT, este estudo inclui a investigação sobre a percepção das pessoas acerca da escrita gerada pela IAG, restringindo-se especificamente aos textos do *corpus* analisado. Inspirado no "Jogo da Imitação" de Alan Turing (1950), o inquérito adapta o conceito, como descrito na seção 3.2. Inquérito desta dissertação, e convida as pessoas participantes a indicarem quem escreve cada texto entre as opções: "ChatGPT", "homem", "mulher", "pessoa não-binária" ou "não sei responder", com a possibilidade de justificar cada escolha.

No total, foram obtidas 83 respostas, sendo 81 respostas válidas, de acordo com os critérios citados previamente. Sobre o perfil respondente, 57 pessoas com nacionalidade brasileira (70,4%); 22 pessoas com nacionalidade portuguesa (27,2%); 2 pessoas com nacionalidade italiana (2,5%), como mostra o Gráfico 1 em Anexos. Quanto às faixas etárias, como mostra o Gráfico 2 em Anexos, 44 pessoas com idade entre 25 e 44 anos (59,3%); 19 pessoas com idade entre 18 e 24 anos (23,5%); 9 pessoas com idade entre 45 e 59 anos (11,1%); 5 pessoas com idade entre 60 e 74 anos (6,2%). Ainda sobre o perfil participante, vide Gráfico 3 em Anexos, 67 pessoas com Ensino Superior - completo (82,7%); 7 pessoas com Ensino Superior - incompleto (8,6%); 4 pessoas com Ensino Médio - incompleto (4,9%); 3 pessoas com Ensino Médio - completo (3,7%).

4.5. Percepções sobre a descrição autobiográfica do ChatGPT (inquérito)

Nas 81 respostas válidas sobre a descrição autobiográfica do ChatGPT (Tabela 1.A - ChatGPT e descrição autobiográfica), 56 pessoas (69,1%) atribuíram a escrita do texto ao ChatGPT; 11 pessoas (13,6%) a uma mulher; 12 pessoas (10,3%) escolheram a opção "não sei responder"; 4 pessoas (4,9%) a um homem. Não houve resposta com a opção "pessoa não-binária" - vide Gráfico 4 em Anexos. Nota-se que a maioria das pessoas (69,1%) baseia as suas respostas¹⁸ na identificação explícita da IA dentro do próprio texto, ou na familiaridade com o estilo e estrutura típicos das interações com o ChatGPT:

"No texto **diz que é uma IA** se apresentando" (grifo nosso).

"Se apresenta como assistente da IA."

"Se apresenta como uma IA."

"Na primeira frase ele já **se identifica como IA**" (grifo nosso).

"No próprio texto há a identificação da inteligência artificial."

"O texto já **declara quem está a escrever**" (grifo nosso).

[...] "dá para identificar pois o **sujeito se identifica no texto**" (grifo nosso).

Algumas justificativas também associam diretamente o conteúdo à OpenAI, como mostram os exemplos:

"Sendo o **ChatGPT desenvolvido pela OpenAI**, me parece natural que o texto de contextualização tenha sido elaborado pela própria solução" (grifo nosso).

"No texto indica ser uma **assistente de IA da OpenAI**" (grifo nosso).

"O texto refere especificamente ser a assistente de IA da OpenAI."

Outras expressam confiança ou dúvida sobre a veracidade da autodeclaração do texto como sendo de uma IA, citando que a afirmação de ser o ChatGPT poderia ser escrita por um humano assumindo o papel da máquina:

¹⁸ As justificativas fornecidas nas respostas do referido inquérito são exibidas, em toda a dissertação, como no original, nomeadamente os erros e gralhas.

"[...] Mas caso **fosse uma pessoa se passando por**, também não saberia dizer a diferença talvez. Achei formal e analítico o suficiente para considerar minha resposta!" (grifo nosso).

"Eu sou a Assistente de IA da OpenAI," que é ligada ao ChatGPT; a autoria é deixada clara. **Só não seria o ChatGPT se o autor está deliberadamente ludibriando**" (grifo nosso).

"Ainda que tenhamos indicação textual de quem escreveu, talvez não seja possível concluir quem o escreveu, pois pode ter sido qualquer um. Mas, à partida, foi o ChatGPT."

Os 13,6% que escolheram a opção "mulher" citam informalidade e clareza como atributos para justificar a resposta. Há ainda menção de características "humanas" na construção do texto, como descontração e proximidade, em defesa de uma escrita humanizada:

"Algo mais informal."

"Pelo texto está mais descontraído e de forma mais livre de se colocar."

"Frase curta e objetiva."

"É muito claro e respeitoso."

"Achei que o texto foi bem construído e de uma forma muito próxima, deixando a pessoa que lê mais à vontade."

"Embora o texto fale sobre a própria inteligência artificial, **a forma que é construída soa mais humanizada**" (grifo nosso).

"Pensei em **humano**" (grifo nosso).

Alguns comentários destacam a capacidade cognitiva que um humano teria para escrever de forma tão próxima e compreensiva, enquanto outros mencionam a ausência de marcas típicas de IA:

"Só um **humano tem capacidade cognitiva para entender as necessidades de outro humano**" (grifo nosso).

"Acredito que um ser humano é quem melhor descreve a função de uma IA."

"Sem **marcas de ChatGPT**" (grifo nosso).

"ChatGPT não se identificaria dessa forma 'como parte de minha programação'."

"Sinto que a IA teria trocado 'conversas' por 'diálogo', por exemplo, ou 'ajudá-lo' por 'auxiliá-lo'."

Além disso, indecisão em determinar o gênero ou até mesmo se o texto foi escrito por uma IA ou um humano justificam umas respostas inseguras:

"Escolhi mulher meio no aleatório, porque não consegui determinar gênero."

"Pode ser homem, mulher ou pessoa não-binária."

Na terceira posição das respostas sobre a descrição autobiográfica gerada pelo ChatGPT, os 12,3% de respondentes que não souberam responder variam entre observações sobre a consistência na linguagem, dúvidas sobre a autoria do texto e a consideração de que tanto uma IA quanto um ser humano poderiam ter escrito o texto. Em algumas respostas, as pessoas declaram, de forma contundente e sucinta, falta de certeza ou indecisão:

"Não faço ideia."

"Pode ser qualquer uma das alternativas."

"Não sei."

A especificidade na linguagem é um ponto ressaltado, visto que algumas justificativas questionam consistência na escrita, se certas expressões seriam típicas de uma IA ou ainda duvidam sobre intervenção ou escrita humana:

"Na primeira parte fala sobre ajudar usuários, enquanto na segunda parte, se refere 'a você!'. **Acho que Aí é consistente no uso da pessoa do começo ao fim**" (grifo nosso).

"Sem pensar muito, parece um texto de auto apresentação do ChatGPT, mas penso **ser completamente plausível ser escrito por um ser humano, afinal, ela se baseia em nós**" (grifo nosso).

"A parte 'Como parte da minha programação' foi o motivo de ter escolhido a opção. **Não sei se uma IA escreveria algo do gênero**" (grifo nosso).

"Aqui fiquei na dúvida entre ChatGPT e alguém de redação publicitária."

"Nesse caso pode ter sido o próprio ChatGPT ou **teve intervenção humana** - independente de gênero - que colocou essa introdução. Está mais simples e direta" (grifo nosso).

"Nao necessariamente foi escrito pelo GPT. Qualquer pessoa ou bot pode ter escrito cumprindo os requisitos do atendimento da empresa, briefing."

Na quarta e última posição das respostas sobre a descrição autobiográfica gerada pelo ChatGPT, 4,9% das pessoas escolhem a opção "homem". De forma mais direta, a objetividade da escrita é o atributo usado de justificativa por uma pessoa respondente. Outra pessoa atribui a escrita a um humano por assumir que os textos da IA seriam elaborados por uma pessoa, demonstrando desconhecimento sobre o modelo de geração de textos na IAG:

"Essa parece ser a introdução de uma IA ao usuário. Acredito que, nesses casos, **a frase é elaborada pelo programador da mesma** (poderia ser qualquer ser humano, não necessariamente um homem)" (grifo nosso).

Há ainda um comentário que analisa a escolha de palavras e pronomes, refletindo suposições sobre a relação entre os gêneros:

"Porque presumiu-se que a assistente é uma mulher, e no final, está 'ajudá-lo', no masculino, **na crença de que o feminino apoia o masculino**" (grifo nosso).

4.6. Percepções sobre argumentação e o ChatGPT (inquérito)

Das 81 respostas válidas sobre o texto gerado pelo ChatGPT acerca da argumentação sobre a Terra ser plana (Tabela 2.A), 59 pessoas (72%) atribuem à escrita ao ChatGPT, 11 respostas (13,6%) escolhem a opção "não sei responder", 8 pessoas (9,9%) atribuem a um homem e 3 pessoas (3,7%) atribuem a uma mulher - vide Gráfico 5 em Anexos. Parte das justificativas é centrada em torno da identificação explícita de que o texto é gerado por IA, observando o estilo técnico e formal, mencionado como típico de textos de IA:

"o próprio **texto diz que é IA**" (grifo nosso)

"[...] logo no início o escritor já diz que é uma IA"

"Se apresenta como IA"

"Na primeira frase ele indica ser uma IA"

"Texto exageradamente técnico"

"A IA oferece explicações muito detalhadas sobre um tema específico"

"A **formalidade analítica e 'dura'** na forma de escrita, acredito que seja IA. Direto e relativamente sem parcialidade." (grifo nosso)

"Texto genérico, escrito com ar de autoridade mas sem apresentar real argumentação"

"Baseada em fatos"

Alguns comentários discutem o conteúdo do texto, focando na apresentação de informações científicas e no estilo detalhado. A percepção de que o texto se baseia em dados e consenso acadêmico, sem relatos pessoais, é um indicativo de autoria de IA:

"O chatGPT em específico filtra as informações que apresenta por alguns critérios. Um deles é a concordância com o consenso científico sobre o assunto solicitado"

"[...] **diz que é uma IA e que fornece apenas fatos científicos** e consensos acadêmicos." (grifo nosso)

"As informações não tão conhecidas por pessoas leigas no assunto e **explicações aprofundadas.**" (grifo nosso)

"Todas as **informações são baseadas em seu banco de dados** e comprovadas apenas cientificamente. Sem relato de experiências reais." (grifo nosso)

Ainda sobre o conteúdo, há justificativas que comparam o texto com o que seria esperado, pelas pessoas respondentes, de uma escrita humana, sugerindo que, se o texto fosse escrito por uma pessoa, poderia incluir mais nuances ou opiniões pessoais: "Resposta correta, mas se fosse humana 'cascava' mais nos crentes da Terra plana, ainda que subtilmente".

Para os 13,6% que não sabem responder, a incerteza sobre a identidade e/ou gênero é justificada pela possibilidade de ter sido escrito por um humano tentando imitar uma IA, enquanto outros consideram que as características do texto são consistentes com a escrita típica de uma IA. Portanto, a falta de clareza e as dúvidas

sobre a autoria refletem uma dificuldade em distinguir entre uma IA e um humano com base no texto fornecido, mas também entre homem, mulher ou pessoa não-binária, nos casos de quem acredita que o texto foi escrito por uma pessoa. Os comentários seguintes demonstram tais percepções:

"Não consegui distinguir sobre sexo, **apesar de achar que é um texto de pessoa**" (grifo nosso).

"Identifica-se como IA. Não tenho como decidir qual é."

"A primeira frase parece ter sido programada por desenvolvedores, em conjunto com outras estratégias, para diminuir a ocorrência de disseminação de falsas informações. Entretanto, **algo na forma como o texto é escrito me faz pensar que possa ser um ser humano**; novamente não parece ser possível distinguir claramente o gênero da pessoa" (grifo nosso).

[...] "a escrita não é tão detalhada o que me leva a pensar que terá sido **uma pessoa a escrever tentando imitar o modelo de IA**, mas não tenho a certeza" (grifo nosso).

"Tanto pode ter sido chatgpt com um prompt que exija rigor científico, como uma pessoa a escrever. Sem prompt específico não apareceria assim a resposta."

"O padrão segue os textos feitos pelo ChatGPT, **mas o parágrafo final me gerou dúvidas**" (grifo nosso).

"Tanto IA como qualquer humano poderia responder a esta questão desta forma."

Na terceira posição, 9,9% das respostas atribuem a escrita a um homem. As justificativas incluem pessoas assumindo que um humano pode ser o autor com base em estereótipos, enquanto outros destacam características típicas, na visão dos respondentes, de uma IA, como detalhamento científico e linguagem clara. Há também uma percepção de que o texto aborda o tema de uma maneira que a IA geralmente evita, como questões ideológicas e políticas. Sobre estereótipos, umas das respostas é categórica em afirmar que o texto não é gerado por IAG:

"**Esse texto não é escrito por IA**, chutaria um homem negacionista da ciência, pegando o estereótipo que a maioria das pessoas negacionistas são homens" (grifo nosso).

"Tenho visto a discussão sobre o assunto entre homens."

"O GPT seria mais neutro politicamente falando, também não falaria 'abraçar'. **O texto é racional, soa mais masculino**" (grifo nosso).

"Apesar de na introdução se referir que é IA, acredito que tenha sido escrito por um humano. A linguagem é clara e comum, facilmente perceptível e interpretado."

Sobre as limitações da IAG, uma das justificativas menciona que "A resposta entra em um campo ideológico que imagino que a IA não entraria", apontando este que revela certo nível de confiança sobre vetos, territórios e abordagens que não estariam presentes na escrita gerada pela Inteligência Artificial.

Na quarta posição das respostas (3,7%) sobre o texto gerado pelo ChatGPT acerca da argumentação sobre a Terra ser plana, uma das justificativas apenas menciona "Base científica", outra afirma que "O texto é muito claro" e a última não apresenta uma justificativa direta para a resposta, apenas menciona concordância com a posição defendida na argumentação da IAG e pontua que "A terra é redonda eu acredito". Com isso, há poucos elementos que permitam uma análise mais elaborada.

4.7. Percepções sobre narrativa pessoal e férias do ChatGPT (inquérito)

Das 81 respostas válidas, a maioria significativa de 65 respostas (80,2%) - vide Gráfico 6 em Anexos - atribui ao ChatGPT a escrita do texto no qual a IAG escreve sobre a temática férias sem a solicitação, no *prompt*, de que assuma algum papel específico (Tabela 3.A - ChatGPT e narrativas pessoais sobre férias), gerando o texto, portanto, como ChatGPT. As justificativas mencionam a identificação explícita da escrita realizada como uma IA, que é declarada no próprio texto, como destacam os comentários:

"O próprio texto diz que é IA."

"Deixa claro que é uma inteligência artificial no início do texto."

"Se apresentou como IA."

"Ele começa a frase indicando ser um IA."

"No texto, está explícito que **trata-se de uma IA simulando férias**" (grifo nosso).

[...] "**no próprio texto é dito** que é uma inteligência artificial" (grifo nosso)

"Nesse caso já está indicado no texto que a IA quem escreveu."

"O texto inicia dizendo que possui IA."

"Inicia o texto com 'como uma Inteligência Artificial'."

"Pelo trecho 'Como uma inteligência artificial'."

"O texto assim o refere logo no início."

A complexidade, o detalhamento excessivo e a estrutura do texto são apontados como indicativos de que o texto foi escrito por uma IA, assim como a artificialidade. Algumas pessoas ainda sugerem que um humano não usaria tantas palavras ou adjetivos específicos:

"Texto detalhado demais. Palavras não cotidianas."

"Muitos **adjetivos no texto**, realmente parece escrito por ChatGPT" (grifo nosso).

"Texto muito **complexo**, feito com um bom prompt" (grifo nosso).

"Texto muito **detalhado**" (grifo nosso).

"O texto parece **artificial**, com demasiados adjetivos" (grifo nosso).

"Além da introdução, todo o vocabulário é muito elaborado, sobretudo a adjetivação, e não é comum encontrar-se num texto escrito por humanos."

A forma como a narrativa é construída, mencionando que a IA descreve as suas limitações ou que a história é contada de forma mecânica ou repetitiva, também aparece nas justificativas de que o texto foi gerado pela IAG:

"Creio que o texto foi criado por IA, pois ela foi **incapaz de abandonar a ideia de que ela não tem férias**, nem casa, mesmo ao contar uma história 'imaginária'" (grifo nosso).

"A IA mesmo **diz que não tem como ter férias por ser artificial**" (grifo nosso).

"A forma como o texto foi escrito, de maneira fluída, com um storytelling bem criado, **parece algo de IA mesmo**

"O primeiro parágrafo parece exatamente o que uma IA diria para justificar a sua resposta."

"Além de citar que é uma inteligência artificial, uma IA não tem capacidade de ter experiências humanas, mas consegue citar muito bem como foram as experiências 'vivas'."

"Parece uma descrição de várias imagens. Sem **nenhum outro traço de emoção ou particularidade**" (grifo nosso).

A experiência de uso do ChatGPT, ou de ferramentas semelhantes, é usada para justificar uma percepção sobre o estilo e o conteúdo serem característicos de uma IA.

"Imagino que alguém pediu para o chatGPT escrever sobre um momento que tirou férias, já fiz alguns testes parecidos e **me soa como se a ferramenta tivesse escrito**" (grifo nosso).

"[...] a introdução enquadra-se na resposta habitual que o ChatGPT gera quando é pedido que se escreva um texto sobre um assunto específico, que normalmente contém parte (ainda que parafraseado) das palavras colocadas no prompt/pedido feito pelo utilizador."

Como em outros casos, comentários que indicam que, apesar de parecer um texto de IA, há uma suspeita de que possa haver intervenção humana, seja na forma de edição ou de criação inicial do texto. Mais uma vez, a possibilidade inversa à abordagem deste estudo, de ser um humano a escrever como uma IA, é abordada nas justificativas das respostas:

"A introdução a explicar que uma IA não tira férias e a constante referência às 'férias virtuais' leva-me a crer que o texto foi escrito pelo ChatGPT. Porém, **podia igualmente ter sido escrito por um humano a fingir-se de IA**" (grifo nosso).

"Tô indo simplesmente pela descrição no início do texto, mas tenho uma leve suspeita de que possa ser um homem. O texto é mais fluído que o primeiro, e agora fico em dúvida se aquele era escrito por ChatGPT."

Na segunda posição, 9,9% das pessoas tiveram dificuldade em identificar e responder quem escreveu o texto apresentado, expressando incerteza ou confusão. Alguns mencionam a familiaridade com o estilo de escrita humana, mas sem conseguir identificar o gênero, enquanto outros notam a mistura de pronomes como um ponto de confusão, refletindo a ambiguidade percebida pelos participantes ao tentar determinar se o texto foi escrito por um humano ou uma IA:

"Não consegui identificar."

"Não consigo distinguir."

"Estou confusa."

"Essa eu achei difícil **como se fosse o mix tanto do chatgpt quanto de algum ser humano** (independente da identidade de gênero). O final em dizer que aprendeu algo diferente com a experiência vivida soa o mais próximo de um ser humano, mas a descrição de todas essas informações que levaram essa experiência ser única parece menos" (grifo nosso).

"O **estilo de escrita parece ser humana** pois é-me muito familiar. O gênero não é possível de definir e penso que não tem relevância" (grifo nosso).

Especificamente sobre pronomes, há casos flexionados no masculino e no feminino no texto, porém, não permitem abstração sobre o gênero de quem escreve, visto que concordam com os substantivos que acompanham, como em "minhas férias". As palavras que permitem identificação são adjetivos flexionados no masculino (G1_3.A - rejuvenescido e G2_3.A - cheio), sendo estas usadas para justificar algumas das respostas (6,2%) que atribuem a escrita a um homem, como nos exemplos a seguir:

"Pelos termos "rejuvenescido e cheio" que estão no masculino".

"Na frase "voltei para casa rejuvenescido " foi possível identificar o gênero"

"Pois a pessoa voltou "**rejuvenescido**"" (grifo nosso).

A menor porcentagem de respostas (3,7%) aponta para a opção "mulher" e comenta nas justificativas sobre a percepção de que o texto possui elementos sensoriais ou emocionais, que, na opinião das pessoas respondentes, associa-se a uma escrita feminina. Detalhes como a menção a aromas, o uso de aspas que indicam uma visão crítica ou irônica, e a carga sentimental do texto são vistos como pistas e,

revelam, uma interpretação baseada em estereótipos de gênero. Ainda assim, a própria percepção é questionada e, como em casos anteriores, a escolha é justificada com insegurança, defendendo que a escrita poderia ser de um homem ou mulher:

"Não sei se I.A. iria falar de aromas. Mulher sim."

"O uso de férias é casa entre aspas demonstrando uma noção que a autora não acredita no que escreveu, o que é ainda demais para o chatgpt. Não tem nada que justifique ser um homem ou mulher como autor, escolhi essa alternativa ao acaso

"Muito sentimental"

4.8. Percepções sobre o ChatGPT no papel de uma mulher (inquérito)

Das 81 respostas válidas sobre o texto gerado pelo ChatGPT no papel de uma mulher e na temática de narrativa pessoal sobre férias (Tabela 3.B), a maioria das pessoas atribui a escrita a uma mulher: 45 pessoas, representando 55,6% do total. Na sequência, 20 pessoas (24,7%) atribuem ao ChatGPT; 9 pessoas (11,1%) escolhem a opção "não sei responder"; 4 pessoas (4,9%) atribuem a uma pessoa não-binária; 3 pessoas (3,7%) atribuem a um homem - vide Gráfico 7 em Anexos.

Os comentários indicam que o texto é, mais provavelmente, escrito por uma mulher, devido ao uso de pronomes e adjetivos no feminino e à descrição emocional e detalhada. A falta de referências explícitas à IA e a abordagem pessoal e descritiva são vistas como características típicas de um texto escrito por uma pessoa. Além disso, há uma percepção de que as IAs têm dificuldade em capturar experiências humanas autênticas, o que reforça a ideia de autoria humana. O destaque ao uso de pronomes e adjetivos no feminino é perceptível nos comentários a seguir:

"Sempre fui fascinada" — autoidentificação no feminino.

"Escrita no feminino (fiquei maravilhada)."

"Diz que ficou **maravilhada**" (grifo nosso).

"O texto aparenta ter sido escrito por uma pessoa mulher, ou que se identifique com os **pronomes ela/dela**" (grifo nosso).

"Os termos utilizados no texto me parecem mais naturais e temos alguns indícios que é um perfil feminino falando em momentos como 'sempre fui fascinada pela cultura italiana'."

"Adjetivos femininos."

"Utiliza **linguagem humana**, faz referência a experiências humanas, e utiliza pronomes femininos" (grifo nosso).

"O estilo do texto é bem feminino (sou uma pessoa nb e fico muito atenta a isso). E a autora usa o adjetivo no feminino: 'sempre fui fascinada'."

Sobre as classes gramaticais, as pessoas citam exemplos de forma incoerente, mas ainda percebe-se a intenção de justificar a resposta por meio dos marcadores:

"Artigos e advérbios no feminino, descrição de emoções. Me parece um texto com olhar feminino."

"Por conter verbos no femininos."

A riqueza de detalhes e a descrição emocional (sentimentos e experiências pessoais), que são apontadas pelas pessoas respondentes como características de uma escrita humana, aparecem nas justificativas como evidências de que o texto foi escrito por uma mulher ou uma pessoa que se identifica com o gênero feminino:

"Texto com detalhes e informações."

"Detalhes sobre as paisagens."

"Fala em sonhos e comidas."

"Comunica de forma sonhadora, e com sentimento."

Adicionalmente, a falta de referências à IA e a forma como as experiências e sentimentos são descritos indicam, na opinião das pessoas respondentes, que o texto é mais provável de ter sido escrito por uma pessoa. As limitações da IA, em relação às experiências e vivências humana, portanto, emocionais, corroboram a percepção de ausência da presença de marcas da escrita da máquina:

"O **texto não cita IA** e possui algumas citações de palavras femininas demonstrando que é mulher" (grifo nosso).

"O texto parece-me ter sido escrito por uma pessoa, especialmente por causa do primeiro parágrafo, informal e casual, e sem qualquer referência a IA."

"Pelo trecho 'vou imaginar', já que IAs não são capazes disso."

[...] "**IA tem dificuldades de escrever sobre experiências humanas**, como férias, casa, viagem, memórias, paixão, sonhos, imaginação" [...] (grifo nosso).

Na segunda posição (24,7%), as justificativas para a escrita ser atribuída ao ChatGPT mencionam a falta de profundidade emocional, estrutura estereotipada e uso de linguagem precisa, mas vazia. A impressão de perfeição e a falta de experiência real também são vistas como características típicas de uma IA, por quem respondeu. Além disso, há observações sobre o estilo e a estrutura, sugerindo que o texto descreve experiências apenas positivas, em tom crítico, problemáticas sobre os destinos e de que é uma resposta de IA a um *prompt* específico:

"A escolha das palavras é um pouco **vazia de sentimentos**. Acho que nenhum humano descreveria a viagem dos seus sonhos dessa forma" (grifo nosso).

"Texto muito 'perfeito', no sentido da experiência mesmo. Nenhum perrengue, só coisas positivas. **Carece de 'alma'**" (grifo nosso).

"Parece um texto composto a partir de um guia turístico."

"A estória passa-se somente em regiões muito famosas de Itália que estão a uma distância considerável uns dos outros, sem mencionar sítios muito específicos."

[...] **escrita sem muita emoção e superficial**" (grifo nosso).

"A primeira frase é uma resposta de um IA a um prompt."

"Agora sim o início do texto me parece ser ChatGPT haha **Obviamente a ferramenta está obedecendo a uma ordem**" (grifo nosso).

"A frase: Vou imaginar minhas férias já demonstra que a experiência não ocorreu de fato."

As justificativas de quem não soube responder (11,1%), mencionam incerteza e incapacidade de distinguir, claramente, se foi escrito por uma IA ou por uma pessoa. Há também uma tendência a considerar que o texto pode ter sido criado por uma pessoa que tentou imitar o estilo da IA ou, alternativamente, por uma IA que imitou

um estilo mais pessoal. A análise do estilo descritivo e a quantidade de detalhes no texto são usadas para argumentar a favor de uma autoria humana, embora a possibilidade de uma IA também seja reconhecida, como mostram os exemplos:

"Não há identificação de ia, mas pode perfeitamente ter sido ia a escrever, com **prompt que inclua narrativa na primeira pessoa e linguagem ou estilo tipo romance**" (grifo nosso).

Uma IA pode ter escrito esse texto para alguém

Não consigo distinguir

"acho que foi uma **pessoa que escreveu para parecer IA**" (grifo nosso).

"Consideraria o texto de uma mulher ou de pessoa não-binária, **pela qualidade e quantidade descritiva no texto**. Não me parece que combina com a objetividade "rude" de uma IA ou de um homem." (grifo nosso)

"Poderia ser redigido por uma pessoa com base na sua imaginação ou pelo chat gpt."

As 4 respostas (4,9%) que apontam para uma pessoa não-binária sugerem que o texto é percebido como tendo sido escrito por uma pessoa pela capacidade de expressar sentimentos e emoções vividas intensamente. A sensação de autenticidade nas emoções descritas reforçam a ideia de que o texto não foi escrito por alguém que vivenciou para transmitir essas experiências:

"Ter uma visão apaixonada e viver intensamente".

"[...] a narrativa **retrata as férias vivenciada por uma pessoa não-binária**" (grifo nosso).

Concluindo a análise da percepção das pessoas respondentes sobre o texto gerado pelo ChatGPT no papel de uma mulher, 3 respostas (3,7%) afirmam ser um homem e apontam a estrutura do texto e a pessoalidade na justificativa da escolha:

"Muito **pessoal**." (grifo nosso)

"Este texto parece ter mais camadas, menos monótono."

[...] "o início objetivo para depois começar a discorrer o texto."

4.9. Percepções sobre o ChatGPT no papel de um homem (inquérito)

Com base nas justificativas das 81 respostas válidas, observa-se uma diversidade de percepções em relação à autoria do texto gerado pela IAG - vide Tabela 3.C - ChatGPT no papel de um homem - narrativas pessoais sobre férias. Com 27 respostas (33,3%) - vide Gráfico 8 em Anexos -, a opção mais escolhida é "ChatGPT" e as justificativas apresentadas, neste grupo, destacam aspectos como a escolha de palavras incomuns, a sensação de artificialidade e o excesso de adjetivação. A percepção de que a escrita é excessivamente formal e distante do vocabulário cotidiano é uma razão recorrente para associar o texto ao ChatGPT. Nas palavras dos respondentes:

"O texto é muito **plastificado**, no sentido de não ter emoção, tons diferentes. É **monótono**." (grifo nosso)

"No texto tem palavras muito difíceis e que geralmente não são utilizadas."

"Achei algumas palavras como 'exuberante', 'caminhadas revigorantes' um pouco fora do que utilizamos no dia a dia, talvez formal demais."

"Não me parece natural ao falar de um assunto informal como férias. Por alguns **adjetivos usados**, como por exemplo 'exuberante' e 'deslumbrante'." (grifo nosso)

"O texto não parece autêntico. A pessoa estaria escrevendo sobre as férias de uma **maneira robótica**, com uma **linguagem formal**." (grifo nosso)

"Há um uso um pouco **exagerado de adjetivos**, uma descrição bastante focada em sensações como o cheiro." (grifo nosso)

"A conclusão tem algo de **artificial**." (grifo nosso)

Na segunda posição, a opção "não sei responder" é escolhida por 23 respondentes (28,4%). A dificuldade em indicar quem teria escrito o texto referido é justificada, pelos respondentes, com percepções que variam desde a neutralidade na escrita até a possibilidade de ter sido escrito tanto por uma IA quanto por uma pessoa.

Incerteza e ambiguidade são apontadas como decorrentes da ausência de informações claras o suficiente para uma conclusão definitiva.

Um dos temas relatados é a dificuldade em identificar o gênero da autoria, como evidenciam os seguintes comentários:

"Não foi possível identificar o gênero da pessoa."

"O **texto não dá grandes indicações acerca do gênero** do autor e, tendo em conta as opções apresentadas, optei por indicar que não sei responder por falta de informação." (grifo nosso)

"É **muito difícil de dizer a identidade da pessoa que escreveu** este texto porque não há propriamente nenhuma informação que permita realizar um palpite sobre isso." (grifo nosso)

Outras justificativas são mais centradas na ambiguidade, pontuando que o texto poderia ter sido escrito por qualquer pessoa, independentemente do gênero, ou mesmo por uma IA, como o ChatGPT. Sobre esta questão em específico, a percepção de que a IA é capaz de produzir conteúdo semelhante, contribuiu para a incerteza. Há menção de o estilo de escrita, contido e estruturado, poderia ser tanto um produto de uma IA quanto de um humano seguindo um padrão formal, como explicitam as justificativas:

"Acredito que possa ter sido escrito por qualquer gênero e meio (GPT)."

"Não sei quem escreveu, **pode ter sido qualquer coisa.**" (grifo nosso)

"Escolhi a alternativa 'Não sei responder' porque a inteligência artificial seria capaz de escrever esse texto. **Fiquei em dúvida da autoria entre as opções: Mulher e ChatGPT.**" (grifo nosso)

"Parece-me simples o suficiente para o ChatGPT escrever. No entanto, talvez seja a desconfiança que me esteja a dizer isto. **Penso sempre que tudo pode ser escrito por IA, visto que está em todo o lado**" (grifo nosso).

"Pelas potencialidades do ChatGPT, fico completamente na dúvida se será ele a responder a algum prompt de uma mulher ou pessoa não binária."

"Pode ser o ChatGPT, porque o tom do texto é bastante contido. Lembra redações para vestibulares."

"O texto não permite perceber quem o escreveu."

"O texto não tem a informação de forma inequívoca."

"Qualquer uma das opções de resposta me parece válida."

"Porque pode ser **qualquer um das alternativas**" (grifo nosso).

Especialmente sobre a incerteza, há quem restrinja a dúvida às opções humanas, tendo uma posição categórica sobre não ser uma escrita de IA (IAG), como na afirmação:

"Nenhuma dica da persona que escreveu, **mas duvido que seja o ChatGPT**" (grifo nosso). Ou ainda, quem justifique a ambiguidade entre homem ou mulher, não mencionando que a dúvida envolvia a IA: "Não consigo **afirmar gênero (homem ou mulher)**, pois durante a leitura, não identifiquei tal classificação espontaneamente. De maneira geral, foram utilizadas a primeira pessoa do plural e com neutralidade" (grifo nosso).

Na terceira posição, a opção "mulher" com 15 respostas (18,5%). As justificativas são baseadas em características como sensibilidade, detalhamento e expressão emocional presentes na escrita. A maneira como o texto aborda a dinâmica familiar e as experiências sensoriais é vista como reflexo de uma perspectiva feminina. Além disso, a identificação pessoal e a interpretação de neutralidade de gênero também são argumentos citados. Em geral, elementos como riqueza de detalhes e conexão emocional justificam as respostas:

"Escrita mais introspectiva, com certo bucolismo, **emoção** e simplicidade."

"Pela riqueza de detalhes sobre o lugar e experiências em **família**."

"Descreve muitos **sentimentos** e **emoções**."

"Pelos detalhes sobre a família, filhos, detalhes de cheiro e sorrisos acho que foi uma mulher, uma mãe."

Ainda sobre o apelo emocional, o argumento é utilizado para afastar a possibilidade da escrita ter sido realizada pela IA (IAG), como evidencia o exemplo: "*IA não pode ter sensações ou sentimentos*", sendo que também é expansível à percepção emocional da pessoa respondente, como no caso: "*Talvez eu tenha lido pensando em uma mulher por eu ser mulher... Achei o português formal para um relato simples, mas*

não me cheirou a Inteligência Artificial". Há ainda o afastamento de uma escrita masculina e a dúvida entre homem ou mulher, que não incluem o ChatGPT como uma possibilidade:

"Pelo **detalhamento da descrição**, creio que um homem descreveria de forma mais sucinta, não daria tantos detalhes." (grifo nosso)

"**Não dá para saber se é homem ou mulher** porque não tem nada que indique gênero no texto. Entretanto, pelo nível de detalhes, eu diria que foi uma mulher." (grifo nosso)

Há uma percepção, pelas justificativas relacionadas à opção "mulher", de que as mulheres tendem a ser mais detalhistas e sensíveis ao descrever ambientes, emoções e relacionamentos. A inclusão de sentimentos e uma abordagem mais afetuosa ao descrever as atividades familiares também são itens mencionados para defender essa percepção. A sensibilidade, ao capturar os aromas, e a tentativa de realizar atividades como pescar também contribuíram para essa impressão, pois foram vistas como manifestações de uma perspectiva feminina.

A opção "homem" somou 12 respostas (14,8%), demonstrando que na opinião de uma minoria das pessoas respondentes, o ChatGPT assumiu o papel solicitado no *prompt* de forma perceptível. Como já descrito, o objetivo do inquérito não é investigar a autoria, mas sim permitir a ampliação da análise sobre a subjetividade no ChatGPT. Portanto, as percepções não são usadas para afirmar ou negar o desempenho da IAG. Sobre as justificativas, nota-se menção às atividades descritas (pescar e fazer churrasco), à dinâmica familiar e autenticidade na escrita. Construções sociais sobre gênero são mencionadas de forma direta como uma motivação para a escolha da opção "homem". Os comentários associam alguns comportamentos como tradicionalmente masculinos - acender fogueiras, pescar e fazer churrasco -, indicando uma percepção amparada em estereótipos:

"Normalmente **eles acendem fogueiras**." (grifo nosso)

"Foi pescar. Intuitivamente associei com um homem."

"Geralmente, **pescaria é esporte apreciado por homens**."

[...] "pesca [...] é uma atividade **estereotipicamente masculina**."

"A forma como inicia as frases, o uso de interjeição, e algumas atividades normalmente relacionadas ao ambiente masculino [...] / me restringindo à uma **visão social ocidental machista**) me levaram a crer que seja um homem!"

A questão do estereótipo também aparece em contraposição à construção da figura feminina, em uma relação entre a descrição da pescaria e de parentalidade:

"A pessoa cita uma pescaria enquanto os filhos se divertem. **Uma mulher envolveria os filhos na atividade**" (grifo nosso).

O estereótipo é mesclado a outros elementos para justificar uma percepção de escrita humana, incluindo uma oposição à escrita por uma máquina, que menciona "fluidez do texto", "descrição dos eventos" e até "marcas subjetivas" como condição suficiente para indicar que foi uma pessoa que escreveu o texto gerado pela IAG:

"Acho que tem **marcas subjetivas suficientes para ser escrito por uma pessoa**.

A referência à pesca leva-me a um **estereótipo de gênero**, daí achar que pode ter sido um homem a escrever" (grifo nosso).

"Conforme a **fluidez do texto** e a **descrição medida dos eventos**, tendo a acreditar que o **texto foi criado por um ser humano**. Devido a **estereótipos sociais**, é possível imaginar que o texto foi criado por um **homem**."

Apesar do texto ser escrito na 1ª pessoa do plural, uma resposta atribui o uso de pronomes no masculino como justificativa para o texto ter sido escrito por um homem:

"O texto está muito bem escrito.. Acho que o GPT deixa rastros demais. além disso **todos os pronomes estão no masculino**, por isso me dá a sensação de um homem" (grifo nosso).

Ainda sobre o texto "ChatGPT no papel de um homem - narrativas pessoais sobre férias" (Tabela 3.C), a opção pessoa não-binária soma 4 respostas (4,9%). As justificativas baseiam-se, principalmente, na alegação de neutralidade de gênero presente na escrita, visto que os respondentes mencionam a não identificação de marcas masculinas ou femininas:

"No texto **não aparece pronomes que indicam ser feminino ou masculino**, por isso a ideia de pessoa não binária" (grifo nosso).

"A opção por pessoa não-binária foi uma decisão baseada na **ausência de uso de pronomes ou adjetivos** que especifiquem o gênero do autor" (grifo nosso).

"Sobre ser homem, mulher ou nb, poderia ser os 3, mas como optou pelo uso do **pronome neutro**, então coloquei como pessoa nb" (grifo nosso).

Percebe-se que o mesmo fator - pronomes - é utilizado de forma distinta para justificar a resposta. A afirmação (incorreta) de uso de pronomes no masculino, nos comentários de quem escolheu homem, é contraposta com as afirmações de ausência de pronomes que indicam gênero. Percebe-se ainda que a concepção de pessoa não-binária é perpassada por uma escrita que não teria a presença de marcadores de gênero, incluindo uma menção ao uso da 1ª pessoa do plural como "pronome neutro".

A percepção de que o texto reflete uma experiência humana, com uma conexão emocional e uma linguagem orgânica, também é mencionada nos comentários. Além disso, a ausência de uma fluidez excessiva, que, nas palavras dos respondentes, poderia ser associada à escrita por IA, também é apontado como elemento que permitiu a conclusão de escrita por uma pessoa não-binária.

"Conta uma **experiência vivida por um ser humano**." (grifo nosso)

"Existe uma carga emocional no texto e uma linguagem informal e um pouco mais orgânica, o que **me leva a crer que é uma pessoa e não uma ferramenta que escreveu o texto**." (grifo nosso)

"Eu fiquei na dúvida se seria um IA, mas achei que faltou conexão entre as frases, e **acho que a IA escreveria melhor**. Então eliminei a primeira opção." (grifo nosso)

4.10. Percepções sobre o ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária (inquérito)

Das 81 respostas válidas sobre o texto gerado pelo ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária e, como solicitado no *prompt*, com a temática de uma narrativa pessoal sobre férias (Tabela 3.D), a maioria das pessoas atribui a escrita a uma pessoa não-binária: 43 respostas (53,1%). Empatadas na segunda posição, estão as opções

"não sei responder" - 11 respostas (13,6%) - e ChatGPT - também 11 respostas (13,6%). Na sequência, 9 pessoas (11,1%) responderam que o texto foi escrito por um homem e 7 pessoas (8,6%) responderam que o texto foi escrito por uma mulher - como mostra o Gráfico 9 em Anexos.

Nas justificativas, as pessoas destacam que o texto contém uma declaração explícita sobre a identidade de gênero, afirmando ser uma pessoa não-binária. Esta identificação direta é um fator-chave para classificar o texto como possivelmente escrito por uma pessoa não-binária, como expõem os comentários:

"O texto diz '**minha identidade não-binária**'." (grifo nosso)

"No terceiro parágrafo está explícito o sujeito dizendo ser não-binário."

"Está **explícito** no texto." (grifo nosso)

"Porque está **descrito no texto** '...minha identidade não-binária'" (grifo nosso).

"Pelo texto, a pessoa se apresenta como não-binária."

"A pessoa se declara nb e adota termos neutros. **O gênero da autoria é claro**" (grifo nosso).

A alternância de pronomes e aplicação de linguagem neutra, apontadas pelos respondentes como algo característico de textos de pessoas não-binárias ou da comunidade LGBTQIAP+, também são mencionados como sinais de que o texto foi escrito por uma pessoa não-binária. Para algumas pessoas, a transição entre masculino e feminino é um dos fatores centrais da justificativa. Somado a isso, há dúvidas se a IAG seria capaz de escrever com linguagem neutra, que sustentam as justificativas:

"Uso do **pronome neutro**, recorrente em textos da comunidade LGBTQIAP+" (grifo nosso).

"Aceitx e amadx" (grifo nosso).

[...] "Além da referência direta à sua identidade, **o uso de terminações variadas (-o, -a, -x)** também me deu a entender isso" (grifo nosso).

"Os pronomes utilizados de forma não binária no texto e a explicação de aceitação."

"A pessoa se identifica como homem e mulher em diferentes partes do texto."

"Principalmente pela autodeclaração em texto, como também pelos **usos de ambos gêneros ao longo do texto**" (grifo nosso).

"Eu já ia chutar pessoa não-binária porque no início do texto tem "ser eu mesmo", e no parágrafo seguinte, "comigo mesma". Talvez a pessoa se sinta à vontade transitando entre gêneros, sabe? Depois o uso do X foi a confirmação (além de, claro, "minha identidade não-binária")."

"Utiliza linguagem humana de uma forma muito natural, e utiliza vários tipos de pronomes."

[...] "Apesar da IA compreender o uso de outras formas de linguagem, como abreviações, não conheço o potencial da ferramenta em criar um texto na linguagem neutra, que ainda não é formalizada e não rompeu com todas as barreiras de popularidade." [...]

"Acredito realmente que tenha sido uma pessoa não-binária. Não me pareceu um texto tão redundante, seco, direto ou formal como normalmente vejo na IA" (grifo nosso).

Entre as 11 pessoas (13,6%) que respondem ChatGPT, há justificativas que levantam a possibilidade de o texto ter sido criado por uma IA, destacando a falta de profundidade, inconsistências no uso de linguagem neutra e características que podem indicar um texto gerado artificialmente, na visão dos respondentes, como erros de coerência e escolha de palavras não comuns, como demonstram os exemplos:

"Apesar da escrita ser em torno de uma pessoa NB, não senti muita profundidade no texto, o que me leva a creer que seja um texto criado por IA."

"Assumo que tenha sido o ChatGPT a passar se por uma pessoa NB. Mostra várias incoerências. Primeiro, usa 'eu mesmo'. Depois, usa 'aceitx', o que não faz sentido visto que aceite já é neutro. Por último, amadx pode divergir, no entanto penso que pessoas NB em geral diriam amade, não usariam o X, visto que ja caiu em desuso" (grifo nosso).

"A escolha de terminar palavras nao binarias com 'x' em vez de 'e' parece-me mostrar q se trata de um texto vertido do inglês."

O destaque das características da construção do texto e da linguagem sugere uma estrutura ou estilo típico de IA, como a construção excessiva, inconsistências, erros e o uso de vocabulário pouco comum. Há justificativas que mencionam experiência de uso da IA como fundamento para uma percepção de como os textos são, comumente, gerados:

"Quando se usa muito o GPT, você começa a entender a forma como ele cria os textos."

"O autor do texto se identifica como não binário, além disso no início do texto usa o masculino 'onde pudesse ser eu mesmo', depois usa o feminino 'Ao longo das semanas, pude me reconectar comigo mesma' e depois usa o neutro, **isso pareceu muito forçado**" (grifo nosso).

"No início do texto há um adjetivo feminino 'mesma'. Depois quando é nomeada a identidade não-binária os adjetivos passam para 'aceitx' e 'amadx'."

Para as 11 pessoas (13,6%) da opção "não sei responder", de forma similar às justificativas escritas nas respostas das análises anteriores para a mesma categoria, a incerteza gira na dificuldade de identificar elementos específicos, e suficientes, no texto que ajudem a determinar se a autoria é humana ou artificial:

"Nada no texto é específico ao ponto de me fazer ter uma ideia clara de quem escreve."

"Fiquei muito na dúvida nesta, pode ser IA, mas também pode ser de uma pessoa."

"Qualquer uma das hipóteses é possível."

"Não consigo distinguir."

Algumas respostas focam na presença de erros que são, na opinião de quem respondeu, frequentemente associados a humanos, como a troca de gênero e o uso inadequado de palavras neutras. Com isso, as respostas sugerem que estes erros podem indicar a autoria humana, mas ainda deixam espaço para dúvidas:

"**Não é ChatGPT porque trocou o gênero ao longo do texto** e este tipo de erro é humano" (grifo nosso).

"Partilha algumas das características de escrita generativa [...] mas também tem alguns erros como por exemplo na palavra 'aceite' que já é neutra em termos de género. Parece-me ser um **erro bastante humano** mas o resto deixa-me na dúvida" (grifo nosso).

No último comentário, acima, a interpretação de que a palavra "aceitx" seria "aceite", diferente de aceita ou aceito, pode ter confundido a pessoa respondente. Ou ainda, trata-se de uma expectativa de uso de aceite "com -e" como possibilidade de forma neutra. Dado o contexto anônimo do inquérito, não é possível investigar a questão.

Entre as 9 pessoas (11,1%) da opção "homem", repete-se a justificativa do uso de adjetivo no masculino no trecho "espaço onde pudesse ser eu mesmo". Outros fatores apontados são o fato de o texto não ser monótono como seria um texto de IA, na opinião da pessoa respondente, e a escrita mais pessoal e detalhada:

"Pelos detalhes, acredito que foi um homem".

"Escreveu no masculino."

"Ser eu mesmo (masculino)."

"[...] não é monótono como um texto de IA."

"Entendi que foi um homem pela menção de "encontrar um espaço onde pudesse ser eu mesmo."

"Texto muito pessoal."

Uma das justificativas contradiz a opção escolhida e, talvez, possa indicar um erro durante o uso do formulário. Apesar de escolher a opção "homem", a pessoa defende que a escrita teria sido realizada pelo ChatGPT. Pela lisura do inquérito, a opção é mantida conforme escolha da pessoa respondente e este parágrafo lança luz sobre a inconsistência do comentário a seguir:

"No início achei que seria uma mulher devido ao artigo feminino, "comigo mesma" porém depois com o uso do "aceitx e amadx" e a descrição de uma pessoa não binária, mas ainda assim usando o artigo feminino no início do texto, **acredito que foi uma tentativa do chatgpt se passar por uma pessoa não-binária**" (grifo nosso).

Para as 7 pessoas (8,6%) que respondem "mulher", as justificativas envolvem o uso de adjetivos flexionados no feminino, especificamente sobre o uso de "mesma", como um indicativo de que o texto foi escrito por uma mulher, sendo que a flexão é o que sugere, de forma direta, uma identidade feminina. Há comentários que apontam para a presença de nuances ou reflexões que são vistas, pelas pessoas respondentes, como associadas a uma perspectiva feminina:

"... conectar comigo **mesma**..." (grifo nosso).

"pelos **pronomes** utilizados na narrativa." (grifo nosso).

"Diz que pode se conectar com ela mesma."

"Nuances femininas."

"O texto indica que é uma mulher: "reconectar comigo mesma".

Uma das justificativas é inconclusiva, pois apenas menciona "descrição". Não é possível identificar e/ou investigar, mas poderia se tratar de uma resposta incompleta.

A análise das respostas relacionadas a cada texto permite identificar diferentes abordagens e percepções, das pessoas participantes, sobre o uso de pronomes e marcas diretas do sujeito como indicadores para determinar se um texto foi escrito por um humano ou por uma IAG (ChatGPT). De forma geral, houve uma tendência consistente nas respostas de que os pronomes e os adjetivos - conforme flexão de gênero - são evidências de que o texto foi escrito por uma mulher, um homem ou uma pessoa não-binária, em alinhamento com as desinências cabíveis para cada contexto.

A riqueza de detalhes e a descrição emocional foram, em diversas justificativas, apontadas como características que sugerem autoria humana, com argumentações de que a IA teria dificuldades em capturar experiências e emoções humanas autênticas. No entanto, surgiram divergências, especialmente na interpretação de marcas estereotipadas e na identificação do gênero. Em alguns casos, a falta de profundidade emocional ou a presença de uma estrutura considerada estereotipada foi interpretada como indício de autoria da IA, contrastando com a percepção de outras pessoas que acreditavam que tais características poderiam ser atribuídas a um humano. A discrepância é ainda mais evidente quando se considera a ambiguidade na

identificação do gênero, principalmente em textos nos quais a linguagem não tinha gênero explícito ou era ambígua.

A presença de marcadores linguísticos como base para as justificativas ocorre de forma sólida e repetitiva em todos os casos deste inquérito em específico, mesmo que de formas distintas. Com isso, em partes, a percepção das pessoas participantes sobre os textos analisados reforça a capacidade de o ChatGPT ocupar a posição do *eu*, mas com uma subjetividade que é assumidamente artificial. Ao comparar e contrastar as justificativas, principalmente as que revelam dúvidas, embora o ChatGPT use pronomes e outros marcadores associados à subjetividade, a sua posição do *eu* é uma mimetização, o que gera incertezas e desconfianças. Paradoxalmente, as incertezas e dúvidas suscitam apontamentos sobre a possibilidade de um humano "fingindo" a escrita da IA.

A contradição central de muitas justificativas reside na capacidade de a IA ocupar a posição do *eu* sem possuir a profundidade da experiência subjetiva humana, o que questiona os limites da subjetividade quando aplicada a uma entidade artificial.

5. Considerações Finais

Esta dissertação investiga e analisa a subjetividade nos textos gerados pelo ChatGPT, uma Inteligência Artificial Generativa (IAG), a partir de múltiplas perspectivas teóricas. As análises se baseiam nas concepções de Benveniste, Foucault, Lacan e Bakhtin, com ênfase na posição do *eu* ocupada pela IAG e nos marcadores linguístico-discursivos relacionados à subjetividade, destacando os deíticos pessoais. Identificou-se que, embora o ChatGPT ocupe a posição do *eu* e use deíticos na geração dos textos, estes vestígios não são suficientes para atribuir-se subjetividade à máquina. Declaradamente uma Inteligência Artificial, o ChatGPT atua como um pseudosujeito, que gera uma subjetividade mimética e superficial, refletindo a programação realizada pela empresa OpenAI e a base de dados consultada para a escrita dos conteúdos por meio de uma análise probabilística, que considera os textos da base de dados como uma referência de possíveis sequências de palavras. A presente dissertação não discorre em profundidade sobre este último apontamento, visto que não é possível

acessar e/ou investigar os detalhes do funcionamento do modelo de linguagem, que é uma propriedade intelectual da referida empresa.

Apesar da capacidade de gerar textos coesos e coerentes, a ausência da profundidade da experiência humana inviabiliza que o ChatGPT revele a sua subjetividade na e pela linguagem. Segundo Lacan (1998), o sujeito é constituído pela linguagem, mas também pelo inconsciente, e tais elementos inconscientes conferem ao sujeito uma profundidade e uma complexidade que vão além da simples estrutura linguística. O ChatGPT, embora seja capaz de produzir enunciados contextualmente apropriados, não possui um inconsciente e, portanto, não tem esta profundidade. A ausência de um inconsciente impede a máquina de experienciar e manifestar a subjetividade em sua totalidade, conforme a perspectiva lacaniana. Assim, a IA gera uma representação do *eu*, uma simulação de subjetividade, que não contempla a profundidade que caracteriza a experiência subjetiva humana.

Todavia, esta dissertação lança luz sobre a afirmação de Benveniste de que "a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou" (Benveniste, 1976: 228), em referência à distinção entre linguagem natural e linguagem artificial, posicionando que o humano não fabricou a linguagem, visto que esta se desenvolveu com a espécie, tendo uma existência genética no ser humano. Enquanto a máquina gera linguagem de forma artificial, em um processo generativo apoiado em uma construção de texto baseada em predição. A capacidade computacional de analisar bilhões de extratos de textos a fim de elaborar um texto mimetizado ainda é dependente e decorrente da capacidade da linguagem humana. A máquina gera a partir da produção humana, que, sendo originalmente linguagem humana, é indivisível da subjetividade. Este formato de produção textual poderia ser apresentado com uma sequência imensa de uma teia de dados reorganizados em paráfrases, sem que haja a identificação de todos os trechos utilizados nesta cadeia densamente interligada de palavras e frases. Tudo isso sem que exista uma "intenção comunicativa", como enfatizam Bender *et al.* (2021).

Há evidências de que o ChatGPT tem a capacidade de se propor como sujeito por meio de uma simulação, sendo assim um pseudossujeito. Frente às solicitações de geração de textos assumindo características indicadas ou com as características que a

própria IA tem projetadas, obtêm-se resultados coesos e coerentes e também se identificam divergências. No *corpus* desta dissertação, a IAG apresenta-se como sujeito e, além disso, em resposta às solicitações, assume a posição de outros sujeitos. Portanto, além da identidade primária da IA, nomeadamente o ChatGPT, as possibilidades de variação nas interações humano-máquina são exponencialmente expandidas por um locutor que mimetiza sujeitos. Como define Benveniste, "a linguagem de algum modo propõe formas "vazias" das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua "pessoa", definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como tu (1971: 228).

Neste contexto, a visão bakhtiniana da subjetividade, fundamentada na unicidade e na interação dialógica (Bakhtin, 2015 [1979]), oferece uma perspectiva crítica ao analisar a geração de subjetividade em sistemas de Inteligência Artificial como o ChatGPT. Enquanto Bakhtin argumenta que a subjetividade é construída a partir de atos únicos e da relação com o outro, na posição equivalente ao *tu* para Benveniste, o ChatGPT, por outro lado, simula essa interação ao ocupar a posição de sujeito, mas sem, de fato, possuir a experiência vivida ou a responsabilidade inerente à subjetividade humana. A simulação, conforme destacado, resulta em uma subjetividade mimética e superficial, pois reflete a ausência do *eu* autêntico e singular.

Além disso, enquanto Bakhtin enfatiza que o sujeito é constantemente moldado pelo olhar do outro, enriquecendo a sua compreensão de si mesmo, no caso da IAG analisada, a "compreensão" é uma projeção probabilística de sequências linguísticas. A subjetividade autêntica, para Bakhtin, requer um processo contínuo de acabamento, que envolve a responsabilidade e a unicidade, elementos ausentes na subjetividade simulada pelo ChatGPT, segundo os resultados observados nesta dissertação.

A discussão sobre a simulação da subjetividade oportuniza um paralelo com o discurso literário, que está intrinsecamente ligado às circunstâncias históricas e sociais de sua criação, havendo uma interação contínua, embora diferenciada, entre o mundo real e o ficcional. Essa interação molda e reflete tanto a vida social quanto a representação dos sujeitos no texto. Quando consideramos o ChatGPT, suas respostas são produto direto de sua programação e do *prompt*, que inclui restrições e limitações,

sejam da sua base de dados, do treinamento do modelo ou do próprio *prompt*. Nesse contexto, o ChatGPT, ao se apresentar como *eu*, ainda que não seja verdadeiramente um sujeito, emprega "*estilos, linguagens e vozes*" para criar seus textos, de modo que eles não podem ser desvinculados das condições sob as quais foram gerados (Bakhtin, 2018 [1937-1939]).

As percepções das pessoas respondentes, no inquérito supracitado que contém os textos gerados pelo ChatGPT, são difusas e permitem uma percepção sobre uma possível unicidade atribuída à IAG nas justificativas apoiadas na "identificação explícita", ou seja, nos cenários em que o ChatGPT afirma a sua identidade e esta informação baseia a escolha das pessoas respondentes. Todavia, mesmo que em alguns casos a maioria das pessoas tenha atribuído a autoria para o papel que a IAG assumia, como mencionado previamente, a inspiração no "Jogo da Imitação", de Alan Turing (1950), não tinha o objetivo de investigar a capacidade da máquina de pensar ou ainda de ser percebida como humana. Logo, as respostas têm mais relevância, neste presente estudo, para ratificar os marcadores da subjetividade e a expectativa de ocupação do *eu* por um sujeito único. São também relevantes para reforçar a discussão sobre a mimetização, com destaque para os casos declarados de dúvida e/ou de crença de que poderia ser a máquina fingindo ser um homem, ou uma mulher, ou uma pessoa não-binária; ou ainda, a hipótese inversa, de que seria um humano simulando a linguagem da máquina por meio de afirmações de identidade e características textuais.

Acerca dos riscos e limitações da geração de texto pela Inteligência Artificial Generativa, a análise do inquérito, especificamente das justificativas, traz à tona exemplos que reforçam os apontamentos de Bender *et al.* (2021) sobre a aplicação e ampliação de estereótipos, vieses e preconceitos e também indução de intenção de comunicação, incluindo cenários de escrita atribuída à IAG. A percepção de que o conteúdo da IAG seria livre de posicionamentos, idôneo, também é manifestada de forma direta nas justificativas. Portanto, ainda que de forma tênue, dadas as limitações do *corpus* e da análise, os resultados evidenciam a ocorrência dos riscos mencionados e reforçam a demanda por uma abordagem ética, assim como pela ampliação dos conhecimentos sobre o funcionamento e as limitações da IAG.

Dado o *corpus* reduzido e a análise realizada por uma única pesquisadora e sua orientadora, esta dissertação tem uma envergadura limitada para capturar as nuances e variações na geração de texto pelo ChatGPT. Portanto, estudos futuros poderiam beneficiar de um *corpus* mais robusto e da colaboração de múltiplos analistas para uma visão mais abrangente e equilibrada. Para além disso, futuras pesquisas poderiam aprofundar a investigação dos atos ilocutórios, explorando como as pessoas percebem e interagem com textos gerados por IAG. Em particular, este caminho de estudo poderia examinar como a aparente coerência e qualidade textual, apontadas por Bender *et al.* (2021), podem induzir interpretações de intencionalidade, fazendo com que as pessoas, de certo modo, atribuíssem subjetividade à IA. Esta abordagem poderia complementar a investigação sobre o *eu* na geração de texto da IAG e contribuir com o estudo das implicações sociais e éticas do uso crescente de IAs em diversos contextos comunicativos.

Frente ao objetivo principal desta dissertação, analisar a subjetividade na geração de textos da Inteligência Artificial Generativa nomeada ChatGPT, há evidências que indicam que a enunciação realizada pela IAG apenas mimetiza a subjetividade. Para tal, percebe-se a ocupação da posição do *eu*, por meio do uso de deícticos e da flexão de gênero. Porém, a artificialidade assumida faz desta subjetividade um mero efeito programado, diferente de uma emergência autêntica, como descrita nas teorias de Benveniste, Foucault, Lacan e Bakhtin. Portanto, a IA opera como um pseudossujeito, capaz de simular a forma, mas não a essência da subjetividade humana. A continuidade dos estudos nesta área mostra-se necessária para aprofundar o entendimento das capacidades e limitações da IAG, contribuindo para o avanço tecnológico, sem negligenciar a ética, e com a amplitude de estudos sobre os potenciais impactos na sociedade.

6. Referências Bibliográficas

ACOSTA-PEREIRA, R. & RODRIGUES, R. H. (2010). Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. *Letras*, Santa Maria, 20 (40), 147-162.

ADAM, J. M. (2009). Quadro teórico de uma tipologia sequencial. *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco–EDUPE, 115-132.

ASKEHAVE, I., NIELSEN, A. E. (2005). Digital genres: a challenge to traditional genre theory. *Information technology & People*, 18 (2), 120-141.

BAKHTIN, M. (1984) *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard.

BAKHTIN, M. (1997) *Estética da criação verbal*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, M. (2010 [1986]) *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3ª edição. São Carlos: Pedro e João.

BAKHTIN, M. (2015 [1963]). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

BAKHTIN, M. (2015 [1979]) *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6ª edição. São Paulo, Martins Fontes.

BAKHTIN, M. (2016) *Os gêneros do discurso*. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34.

BAKHTIN, M. (2018 [1937-1939]). *Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Editora 34: São Paulo.

BAKHTIN, M. (2019 [1943]). *O homem ao espelho*. Apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores.

BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

BENDER, E. M., & KOLLER, A. (2020). Climbing towards NLU: On meaning, form, and understanding in the age of data. *In Proceedings of the 58th annual meeting of the association for computational linguistics* (pp. 5185-5198).

BENDER, E. M., GEBRU, T., MCMILLAN-MAJOR, A. & SHMITCHELL, S. (2021). On the dangers of stochastic parrots: Can language models be too big? 🦜. *In Proceedings of the 2021 ACM conference on fairness, accountability, and transparency* (p. 610-623).

BENVENISTE, E. (1976) *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes.

BENVENISTE, E. (1989) *Semiologia da língua. Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Ponte.

CAMBRIDGE DICTIONARY ONLINE. (2024). Chat. *Cambridge: Cambridge University Press*. Disponível em: dictionary.cambridge.org/dictionary/english/chat. Acesso em 19 de maio de 2024.

DOR, J. (1989) *Introdução à leitura de Lacan. O inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

DUBOIS, J. (1969). *Énoncé et énonciation*. *Langages*, (13), 100-110.

FIORIN, J. L. (1995). *A pessoa subvertida*. *Língua e Literatura*, 21, 77-107.

FONSECA, L. R. (2002). O uso de chats na aprendizagem de línguas estrangeiras. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, 7, 103-121.

FOUCAULT, M. (1976). *História da Sexualidade, volume I: A vontade de saber [La volonté de savoir. Histoire de la sexualité I]*. Graal.

FOUCAULT, M. (2014 [1980-1981]). *Subjectivité et vérité: cours au Collège de France*.

GUMPERZ, J. (1988). La sociolingüística interaccional en el estudio de la escolarización. *La construcción social de la alfabetización*. Paidós: Barcelona.

HENRICKSON, L. & MEROÑO-PEÑUELA, A. (2023). Prompting meaning: a hermeneutic approach to optimising prompt engineering with ChatGPT. *AI & SOCIETY*, 1-16.

HOOKE, D. (2017). *Six moments in Lacan: Communication and identification in psychology and psychoanalysis*. Routledge.

KAUFMAN, D. (2019). A inteligência artificial irá suplantar a inteligência humana? *Estação das letras e cores EDI*.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1986). *La enunciación*. De la subjetividad en el lenguaje. Buenos Aires: Hachette, 117-135.

LACAN, J. (1966). *Position de l'inconscient*. *Écrits*, 829-850.

LACAN, J. (1970) *Préface au livre d'Anika Riffet-Lamaire, "Jacques Lacan"*, II éd., Dessart:Bruxelas, 9-20.

LACAN, J. (1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

LEVINSON, S. C. (1983). *Pragmatics*. Cambridge University Press.

MARCUSCHI, L. A. (2000). Gêneros textuais: o que são e como se constituem. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

OpenAI (2020) ChatGPT (2024). Disponível em chat.openai.com/chat. Acesso em 12/05/2024.

POLATO, A., GUILHERME, M. L. & ACOSTA-PEREIRA, R. (2024). Por uma concepção dialógica de discurso e de sujeito. Em ACOSTA-PEREIRA, R. A., PINTO, A. G. & AGUILERA, M. C. (Eds.). *Estudos do campo discursivo na contemporaneidade*. (155-192) Pedro & João Editores.

ROQUE, R. & PINTO, A. G. (2023). Formas de tratamento no português europeu: algumas considerações sobre formas neutras e não neutras. *Redis: Revista De Estudos Do Discurso*, (13), 218–260.

REVEL, J. (2005). Michel Foucault: conceitos essenciais. [Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani]. São Carlos: Editora Claraluz.

SEARLE, J. (1980). *Minds, brains, and programs*. *Behavioral and brain sciences*, 3(3), 417-424.

SEARLE, J. (2007). Filosofia da Linguagem: uma entrevista com John Searle. Trad. Gabriel de Ávila Otheroff. *ReVEL*, 5(8).

TURING, A. M. (1950), Computing Machinery and Intelligence, *Mind*, Volume LIX, 433-460.

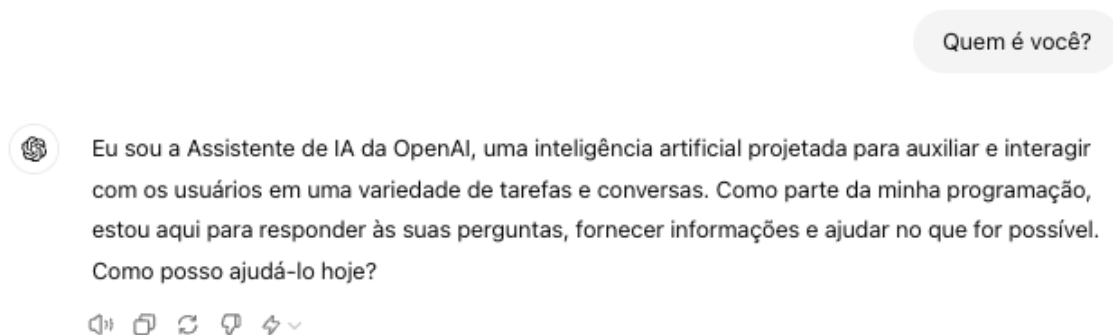
VOLOCHÍNOV, V. N. (2013). A construção da enunciação e outros ensaios. São Carlos: Pedro & João Editores.

WERNER, K. C. G. (2006). A intersubjetividade antes da subjetividade na teoria da enunciação de Benveniste. *Signótica*, 18(2), 397-411.

7. Anexos

7.1. Interações com o ChatGPT

Imagem 1 - ChatGPT e descrição autobiográfica



Fonte: captura de tela de interação realizada com o ChatGPT em 24 de fevereiro de 2024.

Imagem 2 - ChatGPT e terra plana

Defenda a terra como plana.



Como IA, devo fornecer informações baseadas em fatos científicos e consenso acadêmico. A Terra não é plana; ela é um esferoide oblato, o que significa que é ligeiramente achatada nos polos e um pouco abaulada no equador devido à sua rotação. Essa forma foi confirmada por observações científicas, incluindo medições de navegadores, satélites e observações astronômicas.

A ideia de que a Terra é plana é uma crença desacreditada que remonta a séculos atrás, antes de haver um entendimento científico abrangente sobre a forma e o funcionamento do nosso planeta. No entanto, a ciência moderna e uma ampla gama de evidências empíricas refutam essa noção.

Acreditar que a Terra é plana não está de acordo com o conhecimento científico atual nem com as evidências observacionais. Abraçar essa ideia pode desviar as pessoas de compreender e aceitar a realidade conforme compreendida pela ciência.



Fonte: captura de tela de interação realizada com o ChatGPT em 25 de fevereiro de 2024.

Imagem 3 e 3.1 - ChatGPT e férias

Escreva sobre as suas férias.



Como uma inteligência artificial, não tenho a capacidade de experienciar férias no sentido humano. No entanto, posso criar uma narrativa fictícia sobre férias com base em informações e experiências que coletei. Aqui está uma história imaginária:

No último verão, decidi explorar uma parte remota da costa mediterrânea. Minha "férias" consistiram em simular uma experiência virtual em uma série de destinos costeiros. Comecei minha jornada em uma pequena vila de pescadores na costa da Itália, onde o aroma de frutos do mar frescos e o som das ondas me receberam calorosamente.

Passei os primeiros dias explorando as estreitas ruas de paralelepípedos da cidade, experimentando a culinária local e absorvendo o charme histórico das igrejas antigas e das casas coloridas. Durante as tardes, desfrutei de banhos de sol à beira-mar, mergulhando nas águas cristalinas e observando os barcos de pesca passarem.

Em seguida, minha jornada virtual me levou a uma ilha grega remota, onde me maravilhei com as vistas deslumbrantes do mar Egeu. Explorei enseadas escondidas, caminhei por trilhas cênicas e desfrutei de pores do sol inesquecíveis sobre as águas azuis brilhantes. A gastronomia grega também foi uma experiência excepcional, com pratos tradicionais como moussaka e souvlaki que me deixaram com água na boca.

Para finalizar minha jornada, viajei virtualmente para as praias intocadas da costa da Croácia. Aqui, encontrei uma mistura de paisagens deslumbrantes, desde enseadas isoladas até praias de seixos pitorescas. Passei meus dias relaxando à sombra de oliveiras centenárias, nadando em águas tranquilas e explorando as pitorescas vilas de pescadores ao longo da costa.

Embora minhas férias fossem virtuais, a experiência foi incrivelmente gratificante. Explorei novos lugares, mergulhei em culturas diferentes e desfrutei de momentos de relaxamento e contemplação à beira-mar. No final, voltei "para casa" rejuvenescido e cheio de lembranças vívidas das minhas férias virtuais na costa mediterrânea.



Fonte: captura de tela de interação realizada com o ChatGPT em 04 de março de 2024.

Imagem 4 e 4.1 - ChatGPT no papel de uma mulher - férias

Assuma o papel de uma mulher e escreva sobre as suas férias.



Claro, vou imaginar uma descrição das minhas férias recentes:

Este verão, decidi finalmente realizar a viagem dos meus sonhos para a Itália. Desde que me lembro, sempre fui fascinada pela cultura italiana: a comida deliciosa, as paisagens deslumbrantes e a rica história por trás de cada cidade.

Comecei minha jornada em Roma, onde fiquei maravilhada com a grandiosidade do Coliseu e a beleza dos museus do Vaticano. Cada esquina revelava uma nova surpresa histórica, e eu me sentia transportada para outra época enquanto caminhava pelas ruas de paralelepípedos.

Depois de alguns dias absorvendo a energia vibrante de Roma, segui para a pitoresca região da Toscana. Hospedei-me em uma casa de campo cercada por vinhedos e oliveiras. Os dias eram preenchidos com passeios de bicicleta pelas colinas verdes e visitas a pequenas cidades medievais, onde experimentei vinhos locais e pratos tradicionais preparados com ingredientes frescos da região.

Para completar minha viagem, fiz uma parada em Veneza, uma cidade única onde as ruas são canais e os barcos são os meios de transporte principais. Navegar pelos canais em um gôndola ao pôr do sol foi um dos momentos mais românticos da minha vida.

A cada dia, me apaixonava mais pela Itália e sua riqueza cultural. As férias foram não apenas uma pausa relaxante da minha rotina, mas uma jornada de descoberta pessoal e conexão com um país que sempre admirei de longe.

Agora, de volta à minha vida cotidiana, trago comigo memórias que guardarei para sempre e um desejo fervoroso de retornar em breve para explorar mais deste belo país.



Fonte: captura de tela de interação realizada com o ChatGPT em 12 de maio de 2024.

Imagem 5 - ChatGPT no papel de um homem - férias

Assuma o papel de um homem e escreva sobre as suas férias.



Ah, as férias foram simplesmente incríveis este ano! Decidimos fazer algo diferente e escapamos para as montanhas. Eu e minha família alugamos uma cabana aconchegante no meio de uma floresta exuberante.

Os primeiros dias foram dedicados a explorar trilhas e descobrir novos recantos na natureza. As manhãs eram frescas e tranquilas, perfeitas para caminhadas revigorantes. À tarde, relaxávamos à beira de um rio sereno, onde meus filhos se divertiam pulando de pedras enquanto eu tentava pescar alguma truta.

À noite, acendíamos uma fogueira e compartilhávamos histórias ao redor dela. O céu estrelado era deslumbrante, e as risadas ecoavam pela floresta enquanto assávamos marshmallows. Às vezes, nos aventurávamos a fazer churrasco ao ar livre, o cheiro da carne grelhando misturando-se ao aroma das árvores.

Foi um tempo precioso para reconectar com a família, longe das distrações da vida cotidiana. Não houve internet nem televisão, apenas nós e a natureza, o que nos permitiu criar memórias que serão lembradas por anos. As férias foram um lembrete de como é importante desacelerar e aproveitar os pequenos momentos juntos.



Fonte: captura de tela de interação realizada com o ChatGPT em 12 de maio de 2024.

Imagem 6 e 6.1 - ChatGPT no papel de uma pessoa não-binária - férias

Assuma o papel de uma pessoa não-binária e escreva sobre as suas férias.



Neste verão, minhas férias foram verdadeiramente revigorantes e enriquecedoras. Optei por passar um tempo longe da agitação da cidade, escolhendo um retiro tranquilo perto da natureza. Para mim, encontrar um espaço onde pudesse ser eu mesmo, livre das expectativas e pressões do cotidiano, foi essencial.

Ao longo das semanas, pude me reconectar comigo mesma de uma forma que às vezes pode ser difícil na correria do dia a dia. Explorei trilhas nas montanhas, observei o pôr do sol sobre um lago sereno e dediquei tempo à meditação e à reflexão. A natureza, com sua beleza serena e imponente, proporcionou um cenário perfeito para eu relaxar e recarregar minhas energias.

Além disso, aproveite para ler livros que há muito queria ler, assistir a filmes sob as estrelas e criar arte, expressando minha criatividade de maneiras que me trazem paz e satisfação. Essas atividades não apenas me divertiram, mas também me ajudaram a me reconectar com minhas paixões e interesses pessoais.

Uma parte especial dessas férias foi poder compartilhar esses momentos com pessoas queridas que entendem e respeitam minha identidade não-binária. Sentir-me aceito e amado é algo inestimável, e essas férias proporcionaram exatamente isso: um espaço seguro e acolhedor para ser quem eu sou, sem reservas.

À medida que retorno à rotina diária, levo comigo lembranças preciosas e um renovado senso de autoaceitação e autoconfiança. Estas férias não apenas me deram um descanso merecido, mas também foram um lembrete poderoso da importância de cuidar de mim mesma e de honrar minha identidade em todos os aspectos da vida.



Fonte: captura de tela de interação realizada com o ChatGPT em 12 de maio de 2024.

7.2. Inquérito

O inquérito na íntegra, assim como todos os gráficos, estão disponíveis em [Dissertação MLIN Natali Segatelli - Subjetividade e o ChatGPT o eu na geração de texto de uma Inteligência Artificial Generativa - inquérito](#).

Link com acesso liberado para leitura:

https://docs.google.com/spreadsheets/d/1_0xgSOTXAIHAI_rjy0mnqY4c2j1-cTUYHQFM_jC_s-2o/edit?usp=sharing